

SOCIOLOGIA

VOL. XXXVIII | JULHO-DEZEMBRO 2019

Ana Teresa Nogueira Jeremias

Pedro Miguel Alves Ribeiro Correia

Inês Barbosa

João Teixeira Lopes

Madalena Ramos

Irene Serafino

Roney Gusmão

Cristina Parente

Rui Santos

Ihsan Cetin



SOCIOLOGIA

**REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS DA
UNIVERSIDADE DO PORTO**

VOL. XXXVIII | JULHO-DEZEMBRO

2019

DIRETOR:

Carlos Manuel Gonçalves, Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Instituto de Sociologia da Universidade do Porto.

CONSELHO DE REDAÇÃO:

António Firmino da Costa, ISCTE-IUL/CIES-IUL; Cristina Parente, FLUP/IS-UP; Fernando Luís Machado, ISCTE-IUL/CIES-IUL; Isabel Dias, FLUP/IS-UP; João Teixeira Lopes, FLUP/IS-UP; Luís Vicente Baptista, FCSH-UNL/CESNOVA.

CONSELHO EDITORIAL:

Alice Duarte, FLUP/IS-UP; Álvaro Domingues, FAUP/CEAU; Ana Maria Brandão, ICS-UM; Ana Nunes de Almeida, ICS-UL; Ana Paula Marques, ICS-UM; Anália Torres, ISCSP-UTL/CIES-IUL; Antonio Álvarez Sousa, Universidade da Coruña, Espanha; António Firmino da Costa, ISCTE-IUL/CIES-IUL; Augusto Santos Silva, FEP/IS-UP; Benjamin Tejerina, Universidad del País Vasco (UPV)/Centro de Estudios sobre la Identidad Colectiva (CEIC), Espanha; Bernard Lahire, École Normale Supérieure de Lyon (ENSL)/“Dispositions, pouvoirs, cultures, socialisations” (Centre Max Weber), França; Chiara Saraceno, Università degli Studi di Torino, Itália/Social Science Research Center Berlin, Alemanha; Claudino Ferreira, FEUC/CES-UC; Cristina Parente, FLUP/IS-UP; Elena Zdravomyslova, European University at St Petersburg (EUSP)/Center for Independent Social Research (CISR), Rússia; Elisa Reis, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil; Fernando Luís Machado, ISCTE-IUL/CIES-IUL; Frank Welz, Universität Innsbruck, Áustria; Hans-Peter Blossfeld, Otto-Friedrich-Universität Bamberg/Staatsinstitut für Familienforschung an der Universität Bamberg, Alemanha; Heitor Frugoli, Universidade de São Paulo (USP)/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil; Hermes da Costa, CES; Hustana Vargas, Universidade Federal Fluminense (UFF)/Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior (NEPES), Brasil; Immanuel Wallerstein, Yale University, Estados Unidos da América; Inês Pereira, ISCTE-IUL/CIES-IUL; Isabel Dias, FLUP/IS-UP; Jean Kellerhals, Université de Genève, Suíça; João Bilhim, ISCSP-UTL; João Sedas Nunes, FCSH-UNL/CESNOVA; João Teixeira Lopes, FLUP/IS-UP; José Resende, FCSH-UNL/CESNOVA/Observatório Permanente de Escolas (ICS-UL); José Soares Neves, ISCTE-IUL/OAC; Lígia Ferro, IS-UP; Luís Vicente Baptista, FCSH-UNL/CESNOVA; Luísa Neto, FDUP/CIJE; Margaret Archer, College of Humanities-École Polytechnique Fédérale de Lausanne, Suíça; Maria Manuel Vieira, ICS-UL; Maria Manuela Mendes, FA-UTL/CIES-IUL; Mariano Enguita, Universidad de Salamanca/Centro de Análisis Sociales de la Universidad de Salamanca (CASUS), Espanha; Massimo Introvigne, Center for Studies on New Religions (CESNUR), Itália; Michael Burawoy, University of California, Berkeley, Estados Unidos da América; Michel Wieviorka, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, França; Patrícia Ávila, CIES-IUL; Pedro Abrantes, Universidade Aberta/CIES-IUL; Pertti Alasuutari, University of Tampere/Tampere Research Group for Cultural and Political Sociology (TCuPS), Finlândia; Piotr Sztompka, Jagiellonian University, Polónia; Ricca Edmondson, National University of Ireland, Irlanda; Rui Gomes, FCDEF-UC/CIDAF; Tally Katz-Gerro, University of Haifa, Israel/ University of Turku, Finlândia; Tina Uys, University of Johannesburg/Centre for Sociological Research, África do Sul; Vera Borges, ICS-UL; Vítor Kajibanga, Universidade Agostinho Neto, Angola/Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto/Centro de Estudos Africanos do ISCTE-IUL; Vítor Ferreira, ICS-UL; Walter Rodrigues, ISCTE-IUL/DINÂMIA' CET-IUL.

COORDENAÇÃO E REVISÃO EDITORIAL:

Carlos Manuel Gonçalves, Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Instituto de Sociologia da Universidade do Porto.

INDEXAÇÃO:

Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto é indexada em SciELO; DOAJ; European Index for the Humanities and the Social Sciences (ERIH PLUS); Fonte Académica (EBSCO Publishing); Redalyc.org; Google Scholar; CAPES Periódicos; Open Science Directory (EBSCO Publishing); Latindex; Sherpa / Romeo; Sociology Source Ultimate; EZB; Erih Plus; Ulrichsweb; Worldcat OCLC; Journals for Free; Academic Journals Database

PUBLICAÇÃO SEMESTRAL

DEPÓSITO LEGAL N.º 92384/95

ISSN: 0872-3419

DOI: <https://doi.org/10.21747/08723419/soc38>

OS ARTIGOS SÃO DA EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DOS SEUS AUTORES.

OS ARTIGOS FORAM SUBMETIDOS A PEER REVIEW.

SUMÁRIO

EDITORIAL	4
ARTIGOS	
Descodificar as paredes da cidade: da crítica à gentrificação ao direito da habitação no Porto Inês Barbosa e João Teixeira Lopes	6
The concept of us and them: communitarianism and the rise of populist politics Ihsan Cetin	30
Processos de criação artística comunitária: questões metodológicas Irene Serafino	52
Madonna, “sex” e o fetichismo pós-moderno Roney Gusmão	71
Trabalho de equipa em saúde como processo de relação formal potenciador da satisfação e motivação laboral Ana Teresa Nogueira Jeremias e Pedro Miguel Alves Ribeiro Correia	88
Motivações e repercussões da formação em agricultura biológica em contexto urbano: uma abordagem sociológica Cristina Parente, Rui Santos e Madalena Ramos	110

SUMÁRIOS DOS NÚMEROS ANTERIORES	131
ESTATUTO EDITORIAL	146
NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE ORIGINAIS	149

EDITORIAL

A *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, volume XXXVIII de 2019, apresenta um naipe de artigos que explicitam leituras, alicerçadas na matriz sociológica, sobre temáticas que se configuram na atualidade como importantes.

Inês Barbosa e João Teixeira Lopes abordam a atual tendência de turisficação e gentrificação na cidade do Porto. Tendo por alicerce um trabalho de terreno mobilizador da sociologia visual e do que os autores designam de “sociologia andante”, o texto remete-nos para uma outra imagem da cidade em que pontifica a participação política dos moradores contra a “perda de identidade e da essência portuense”, a especulação imobiliária e a segregação socio espacial.

As articulações entre o comunitarismo, o populismo e a alteridade estruturam o texto de Ihsan Cetin. Discute-se a difusão dos discursos e das práticas do populismo e a incidência que têm sobre “os outros”, os não nacionais, quanto à sua identidade nacional e tradições. O autor enquadra o movimento populista nas importantes mudanças sociais que estão em curso, o caso dos processos migratórios, das reconfigurações do mercado de trabalho e, ainda, os efeitos desigualitários das políticas neo-liberais.

Irene Serafino apresenta-nos um conjunto de reflexões metodológicas sobre o trabalho de socióloga, tendo em consideração o seu estudo de uma associação cultural. As diversas relações entre investigador e objeto, desde o plano ético ao metodológico, num confronto nem sempre resolúvel cientificamente, conduzem a autora a defender a importância do trabalho etnográfico e da heurística que o mesmo proporciona na análise das instituições culturais.

Ainda no lato campo da cultura, Roney Gusmão, no seu artigo, observa o modo como o livro “Sex” e o single “Erotica” de Madona podem ser interpretados como traduzindo valores pós-modernos. Numa abordagem singular, e simultaneamente desafiadora, o autor envereda por debater as questões do excêntrico e do superficial nas sociedades contemporâneas.

Ana Teresa Nogueira Jeremias e Pedro Miguel Alves Ribeiro Correia apresentam uma revisão sistemática da literatura sobre o tema do trabalho de equipa em saúde. Da sua indagação,

conclui-se da importância, em termos de resultados dos estudos consultados, que é conferida aos processos sociais de colaboração como indutores da satisfação e motivação laboral.

A encerrar o volume XXXVIII da *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Cristina Parente, Rui Santos e Madalena Ramos apresentam e discutem os resultados de um estudo sobre os formandos em agricultura biológica. A sua atenção dirige-se, principalmente, para as motivações da frequência da formação e dos efeitos que esta teve nos seus comportamentos. Incremento do consumo de produtos biológicos, melhoria da qualidade de vida e decréscimo do stress e do cansaço são alguns dos efeitos mais relevantes.

Boa leitura

Carlos Manuel Gonçalves

Descodificar as paredes da cidade: da crítica à gentrificação ao direito da habitação no Porto

Inês Barbosa

Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

João Teixeira Lopes

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

Resumo

No Porto a intensificação da turistificação caminha lado a lado com a gentrificação, reorganizando, a um ritmo vertiginoso, a composição social da urbe. Este artigo é o resultado de uma pesquisa autónoma, enquadrada na sociologia visual e na “sociologia andante”. “Andar” assume-se aqui como uma forma de imersão, exploração e descodificação da cidade. Em nove meses recolhemos uma centena de manifestações visuais, dispersas pelo território. As imagens reunidas traduzem um discurso polifónico, estando subjacentes diversos agentes, destinatários e reivindicações. Porém, todas elas expressam uma crítica comum relativamente ao rumo que a cidade tem vindo a tomar no plano urbanístico, social e político.

Palavras Chave: gentrificação; resistência; manifestações visuais

Abstract

In Porto the intensification of touristification goes hand in hand with gentrification, reorganizing, at a breakneck pace, the social composition of the city. This article is the result of an autonomous research, framed in visual sociology and sociology of walking. “Walking” is assumed here as a form of immersion, exploration and decoding of the city. In nine months, we collected a hundred visual displays, scattered throughout the territory. The gathered images translate a polyphonic discourse, underlying several agents, receivers and demands. Although all of them express a common critique regarding the direction that the city has been taking in the urban, social and political aspects.

Keywords: gentrification; resistance; visual manifestations

Résumé

À Porto l'intensification du tourisme va de pair avec la gentrification, réorganisant, à un rythme effréné, la composition sociale de la ville. Cet article est le résultat d'une recherche autonome, encadrée en la sociologie visuelle et la «sociologie de la marche». “Marcher” est supposé ici comme une forme d'immersion, d'exploration et de décodage de la ville. En neuf mois, nous avons collecté une centaine de productions visuelles, dispersées sur tout le territoire. Les images recueillies traduisent un discours polyphonique, avec plusieurs agents, destinataires et demandes sous-jacents. Cependant, tous expriment une critique commune quant à la direction que la ville a prise dans les aspects urbain, social et politique.

Mots-clés: gentrification; résistance; manifestations visuelles.

Resumen

En Oporto la intensificación del desarrollo turístico va de la mano con la gentrificación, reorganizando, a un ritmo vertiginoso, la composición social de la ciudad. Este artículo es el resultado de una investigación autónoma, marcada en sociología visual y "sociología ambulante". Aquí se asume "Andar" como una forma de inmersión, exploración y decodificación de la ciudad. En nueve meses, recolectamos cien exhibiciones visuales, diseminadas por todo el territorio. Las imágenes reunidas traducen un discurso polifónico, con varios agentes, receptores y demandas subyacentes. Sin embargo, todos ellos expresan una crítica común sobre la dirección que la ciudad ha estado tomando en el plan urbano, social y político.

Palabras clave: gentrificación; resistencia; manifestaciones visuales.

Introdução

Ao invés das narrativas que encaram as cidades como “pátrias” ou como comunidades unificadas, homogêneas e consensuais, partimos de um conceito de urbe como espaço social tenso, segmentado por diferenças, desigualdades e disputas. Se assim não fosse, teria vencido a distopia de uma narrativa unificada, absoluta e excludente, em que o poder seria uma espécie de soma-zero. Essa narrativa, ainda que eventualmente doce e até cativante, serviria os interesses das classes dominantes, no afã de transformar o seu modo de relação com a urbe numa universal panaceia de relações sociais hierarquizadas em sistemas de classificação através dos quais cada um incorporaria o seu lugar no mundo.

O presente artigo estuda a emergência de contra narrativas, que surgem nos interstícios pouco ocupados e na fímbria de espaços liminares, exprimindo e radicalizando diferentes visões de cidade, em temas como a turistificação, a gentrificação e o fachadismo cultural. Estas contra narrativas são indissociáveis de uma imagética própria, através da produção, mais espontânea ou mais organizada, mais individual ou mais coletiva, de uma *contra-visualidade*. Não se pense, contudo, que este é um combate entre iguais. A governação e as classes dominantes difundem com astúcia e ampla

reverberação no senso comum a ideia de um destino grandiloquente, moldado por um patriotismo de cidade que despoticamente impõe um *storytelling* de glorificação do rumo que a urbe trilha, uniformizando, num misto de força e sedução, as apropriações do espaço urbano. Além do mais, sustentam-se num percurso já longo em que a evolução das “cidades do capitalismo avançado apostadas na revitalização das suas áreas centrais torna legítimo pensar na reabilitação urbana como estratégia global de recentramento político e económico das cidades e de reconfiguração do seu papel enquanto palcos de extração de valor” (Queirós, 2007: 113).

Por outro lado, a domesticação dos atores públicos e privados, oferecendo ampla visibilidade aos inefáveis proveitos deste destino de turismo generoso e negócio generalizado, torna quase impensável discutir as regras do jogo, uma “bizarria cujos riscos as cidades não estão dispostas a correr” aos olhos do poder instalado (Idem). O governo das cidades, numa tendência cada vez mais global, reprime, enquadra e/ou absorve as forças dissidentes, à luz da imperiosa vitória do urbanismo genérico e da cidade de serviços, coreografada e encenada. A sua estratégia consiste no cansaço e no desgaste do olhar, que “toma nota e não vê”, como escreveu a poeta Sophia de Mello Breyner Andresen, pela banalização do estereótipo e da inevitabilidade da cartilha turística.

Nos últimos anos, o tema da habitação voltou a preencher a agenda mediática, política e académica (Antunes et al, 2019). Não só não deixaram de existir os problemas *clássicos*, como a falta ou degradação da habitação social ou a existência de população, maioritariamente cigana, a viver em acampamentos sem o mínimo de condições básicas¹, como somos hoje confrontados com novos desafios, provocados, em grande medida, pela especulação imobiliária e pela desregulação do turismo.

"No Porto, urbanização capitalista e desigualdade urbana caminharam, desde cedo, a par e passo" (Queirós, 2007: 91) A história da cidade e do país evidencia os ciclos, tensões e embates que têm sido travados pelo direito à cidade. No período industrial, o aumento drástico da população nos centros urbanos levou à construção em massa de *ilhas*², sem condições de salubridade, com o objetivo de acomodar (e controlar) a classe operária. Em 1910, logo após a Implantação da República, foi publicada a Lei do Inquilinato que visava proteger os arrendatários, controlando o valor das rendas e restringindo os despejos. Por essa altura, surgiram também os primeiros bairros de habitação social no Porto, atingindo o seu pico durante o Estado Novo (Matos, 1994) e dando início ao processo de

¹https://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/portugal/portal/habitacao/levantamento_necessidades_habitacionais/Relatorio_Final_Necessidades_Realojamento.pdf

² *Ilhas* são bairros clandestinos construído nas traseiras dos prédios, durante o período industrial, no Porto.

expulsão das classes baixas para as periferias. Com a revolução de Abril de 1974, o problema da habitação ganhou visibilidade na praça pública. Durante o PREC, ocupações e modelos participados de gestão do espaço urbano - em particular o projeto S.A.A.L.³ - pressupunham, precisamente, o retorno dos pobres ao centro da cidade.

Nos anos oitenta, dá-se novo retrocesso nas políticas urbanísticas, assistindo-se ao desenvolvimento da periferia e a uma viragem para o setor imobiliário e o crédito bancário. Em 1994, com a atribuição pela UNESCO, do estatuto de Património Mundial da Humanidade ao centro histórico do Porto, verifica-se uma reconfiguração da cidade, assente sobretudo nos eixos do turismo, cultura e património. Com a entrada no governo local da coligação de direita, em 2002, a reabilitação urbana da baixa e a aposta no turismo adquire novo fôlego, concomitantemente com processos de limpeza e erradicação da marginalidade das ruas. (Queirós, 2007; 2016) O Porto passa a ser vendido como uma cidade moderna, europeia, cosmopolita. A gentrificação entra no universo vocabular dos portuenses. Desde 2012 - coincidindo com o período de crise e austeridade em Portugal - o Porto passa a ser visto como destino turístico de eleição, recebendo sucessivas distinções e inúmeros visitantes⁴.

Um estudo recente mostra que, entre 2011 e 2018, as propriedades listadas na Airbnb, no Porto, passaram de 100 para mais de 11 mil (Fernandes *et al*, 2018). Apesar desta velocidade sem precedentes, a administração local e nacional não dispõe ainda de meios eficazes de regulação, fiscalização e monitorização. (Calor e Magarotto, 2019) A intensificação da turistificação caminhou lado a lado com a gentrificação, uma vez que os investimentos imobiliários em edificado degradado e ocupado pelas classes populares proporcionam um *rent gap* que aumenta exponencialmente o valor das casas e terrenos, expulsando os habitantes para lugares que não desejam e recompondo, a um ritmo vertiginoso, a composição social da urbe. Assim se, por um lado, este processo contribuiu para a reabilitação urbana; para a criação de postos de trabalho e para a revitalização de parte do comércio e serviços; por outro lado, deparamo-nos com a concorrência desleal entre estabelecimentos turísticos; o encerramento de espaços associativos e do comércio tradicional; a precarização do emprego ligado ao sector; e, principalmente, o aumento do preço da habitação, afetando, não apenas

³ SAAL é a abreviatura de Serviço de Apoio Ambulatório Local, um projeto que envolveu arquitetos e cidadãos em processos participativos de reabilitação urbana com um forte impacto na cidade do Porto.

⁴ Em 2012, 2014 e 2017, Melhor Destino Europeu" (European Consumers Choice); em 2013, Melhor Destino de férias na Europa" (Lonely Planet); 2015 Top 10 polos turísticos (the Guardian); 2018, Melhor destino europeu e segundo melhor mundial (Culture Trip).

as classes populares e a população envelhecida, mas também a juventude e uma franja significativa das classes médias.

Nos tempos que correm, a habitação - direito consagrado na Declaração Universal dos Direitos Humanos e na Constituição da República Portuguesa - tem-se vindo a transformar, cada vez mais, num bem de consumo a que nem todos têm capacidade de aceder. É por este direito que se travam disputas: no debate político, nas ruas, nas paredes.

1. Nota metodológica: sociologia andante e a descodificação da cidade

A cidade é indissociavelmente constituída pela mediação que se estabelece entre práticas, discursos e representações. Desde tempos imemoriais que as narrativas e os conflitos se expressam por imagéticas, autênticas condensações de sentido e comunicação. Dito de outro modo, tais imagens são práticas espacializadas e inscrevem na geografia os conflitos de uma sociedade desigual. Os documentos visuais que aqui analisaremos são uma expressão, também, das inusitadas formas através das quais ação e pensamento se unem através da linguagem gravada no texto urbano. Desse modo, carregam uma pulsão para vencer qualquer ideia de “patriotismo de cidade” (Delgado, 2007) e apostam tudo na transição e na transação, características distintivas de espaços públicos. Assim, questionam a legitimidade de qualquer pretensão monopólio sobre as visões da cidade e suas imagens e, através do seu simbolismo, convocam identificações e repulsas, ativismos e comunalidades, vontade de comunicar e de produzir efeitos nos outros.

A recolha decorreu entre abril e dezembro de 2019 com um único critério: fotografar qualquer manifestação visual pública relacionada com o direito à cidade e à habitação: cartazes, autocolantes, grafitties, pichagens, stencils, etc. Sendo registos produzidos fora do âmbito de qualquer intencionalidade de pesquisa, a utilização destas imagens enquadra-se na mobilização de métodos não interferentes (Lee, 2003), uma vez que, na génese de tais documentos, não existe uma relação social de pesquisa do tipo observador/observado, escapando, por isso, a potenciais construções de honra ou prestígio social.

Enquanto exercício de sociologia e etnografia visual (Harper, 1988; Pink, 2013), a captação destes registos exige uma contextualização espaço-temporal e, em particular, uma relação densa com o momento histórico e o feixe de relações sociais em que intervém. Esse vaivém entre a imagem e o

contexto confere inteligibilidade e sentido aos documentos visuais, abrindo, em diálogo com a perspectiva teórica, um estimulante campo de indagação (Becker, 1995).

Muitos fenómenos e dinâmicas urbanas conflituais, assim o entendemos, podem ser melhor interpretados sociologicamente através das imagens fotográficas, captadas ou construídas para efeito de pesquisa, desde que entendidas como ferramentas de acesso às estórias que indivíduos e grupos contam a respeito de si próprios e das cidades onde vivem. É este o desafio a que nos propomos.

Durante nove meses, calcorreamos as ruas do Porto, à maneira de um flâneur⁵, explorando os seus recantos, seguindo por caminhos inesperados, prestando atenção ao que não se oferece à vista desarmada, *estranhando* a cidade como se ela fosse outra que não a nossa. De olhos postos nos muros, mas também nos postes e caixas de eletricidade, nos portões das garagens, nos vidros das casas por vender. Sem destino, mas com intenção: *ouvir* o que as paredes nos dizem sobre a recente crise da habitação e sobre a gentrificação.

Trata-se aqui de uma sociologia andante (Lopes, 2007; Ingold & Vergunst, 2008; Brown & Shortell, 2015), metodologia que vem beber de autores clássicos como Michel de Certeau, Walter Benjamin ou Guy Debord. Nessa perspectiva, "andar" assume-se enquanto método de investigação, uma forma de imersão e exploração da cidade que possibilita captar e interpretar os seus sinais. No entender de Lefébvre (1996), a cidade emite e recebe mensagens que devem ser descodificadas a partir de uma análise em diferentes planos e dimensões, de modo a dar conta das ideologias, das hierarquias, das interações, dos discursos, das práticas quotidianas, dos ritmos, da sua pulsão. A descodificação e tradução da mensagem urbana é, porém, criativa, subjetiva, parcial, porque depende da formação do investigador, do seu posicionamento político e da sua experiência⁶. (Canevacci, 2004: 37)

2. Que espaço? Breve digressão sobre a mediação dos terceiros espaços

Partiremos de uma conceção de cidade enquanto espaço-tempo que supera a ilusão fetichista denunciada por Lefébvre (2000), isto é, avessa às conceções apriorísticas, puras, abstratas, reificadas e absolutas de um espaço-rei ignorante das suas concretizações, usos e apropriações. Deixar falar as práticas sociais não significa que ignoremos a materialidade do espaço, os seus pesados

⁵ A figura do flâneur (vadio, errante, investigador da cidade), explorada pelo escritor francês Charles Baudelaire, influenciou grandemente o trabalho de Walter Benjamin.

⁶ A co-autora deste artigo - responsável pelo trabalho empírico - tem vivenciado vários dos problemas relacionados com a habitação aqui referidos e tem participado em grupos ativistas, em manifestações e debates públicos.

constrangimentos e as suas esperanças possibilidades. Ao invés, entraremos na lógica dialética da mediação que estuda os processos de construção da espacialidade, em que tanto o espaço como os agentes que nele inscrevem as suas práticas se transformam mutuamente, um sendo a condição e o produto do outro.

Assim, será pertinente a relação fecunda e comunicante entre o *espaço percebido* (conjunto de incrustações físicas e materializadas que impregnam as práticas espaciais, simultaneamente forma e processo), o *espaço produzido* (as representações do espaço que se encontram nas intencionalidades de experts e burocratas que planeiam, racionalizam e modificam, mas também a imaginação das utopias e dos ativismos contra-hegemónicos e, de um modo geral, as ideologias teóricas e práticas que nos permitem pensar o espaço) e, finalmente, o espaço vivido, ou *terceiro espaço*, na aceção de Soja (1996).

Chamamos a atenção para este último, o locus da interseção quotidiana das práticas, fazendo constantes sínteses e mediações entre o objetivo e o subjetivo, a estrutura e a ação, a realidade e a imaginação, o existente e a potencialidade, os constrangimentos e as margens de liberdade, enfim, a experiência que nos permite pensar as quotidianas concretizações das regras e recursos da estrutura (Giddens, 2000).

O terceiro espaço é a perspetiva que abre pistas à interpretação da cidade como algo mais do que um urbanismo de formas fixas (a-espaciais e a-históricas), “uma força impulsora que afeta todos os aspetos de nossa vida” (Soja: 2000), um quadro onde sociologia, história, antropologia e geografia se cruzam no repensar crítico das condições materiais que, no tardo capitalismo, forjam a diferença que o espaço faz.

A sua singularidade pode ainda ser percebida mediante o conceito de *sinecismo* (Soja: 2000) através do qual ganham centralidade as relações sociais lubrificadas pela cidade, enquanto economia e sociedade de aglomeração e proximidade, onde uma dada e heterogénea dinâmica sócio-espacial se forma, criando uma particular configuração de interdependências.

Os espaços públicos ganham especial centralidade na ótica dos terceiros espaços, uma vez que, pela sua intersticialidade, possuem a potencialidade de desafiar os usos monolíticos, estandardizados e comercializados do urbanismo liberal, quer na sua vertente especializada, elitista e modernista, quer nas suas feições populistas de teor pós-moderno, quer ainda nas suas declarações monumentais, dirigistas e barrocas. Neles, a contra-hegemonia favorece a localização da esfera pública, esse conceito tão abstrato e desespacializado que Jürgen Habermas (1986) propõe como avatar da razão dialógica, crítica, argumentativa e comunicativa.

Deste modo, enquanto espaços-tempo de materialização da esfera pública, excitam a politização das práticas sócio-espaciais, alargam as alamedas do debate e, nesse (re)fazer perpétuo, contestado e conflitual, evidenciam os limites da cidade-empresa e desocultam as encenações da cidade mentirosa (Delgado, 2007). Como veremos neste texto, não há espaços sem contra espaços, usos que dispensem contra-usos (Leite, 2004), barreiras que excluam a sua permanente porosidade, embate e negociação.

3. O Porto não se vende e o povo não se rende': imagens e discursos da contestação

Em nove meses de deambulação pela cidade, recolhemos uma centena de manifestações visuais insurgentes, dispersas em vários locais e fazendo uso de diferentes meios: stencil, autocolante, marcador, spray, tinta, entre outros. No esforço de as interpretar, procuramos descortinar - dentro do possível - o seu emissor, o seu recetor e a sua mensagem. Numa leitura transversal, é-nos evidente que as imagens reunidas traduzem um discurso polifónico, pois nelas estão subjacentes diversos agentes, destinatários e reivindicações, ainda que todas expressem uma crítica comum relativamente ao rumo que a cidade tem vindo a tomar no plano urbanístico, social e político.

Tendo presente que a grande maioria dos registos são anónimos, as reflexões que aqui apresentamos estão mais próximas de deambulações interpretativas do que de afirmações irrefutáveis. Contrariamente à grande maioria dos estudos sobre arte urbana, os autores destas inscrições não se parecem limitar ao segmento etário jovem. Também não aparentam estar circunscritos a determinada classe social, espelhando a heterogeneidade que atravessa a luta pelo direito à habitação no Porto. De facto, entre os grupos sociais mais afetados pela gentrificação está a população envelhecida, intimada a abandonar as suas casas no centro urbano, ainda que, por lei, tenham o direito a manter-se nelas; a população com rendimentos reduzidos que, não tendo a salvaguarda dos contratos vitalícios, é despejada e encaminhada para bairros sociais e/ou zonas menos prestigiantes do Porto; os jovens - estudantes ou precários - que não têm rendimentos suficientes para suportarem uma casa sozinhos e que se vêm na condição de partilhar casa ou até mesmo quarto; e, por fim, alguns segmentos da classe média trabalhadora - com ou sem família a cargo - cujos baixos salários ou ausência de um vínculo laboral estável lhes impede de pagar um aluguer ou um empréstimo bancário⁷.

⁷ Algumas notícias: <https://www.jn.pt/economia/interior/habitacao-no-porto-esta-55-mais-cara-10491863.html>
<https://observador.pt/2019/03/15/100-familias-sao-despejadas-todos-os-anos-pelas-camaras-de-lisboa-e-porto/>
<https://www.tsf.pt/sociedade/interior/portugueses-saem-tarde-da-casa-dos-pais-mas-nao-e-porque-nao-querem-9409614.html>

Entre a centena de imagens analisadas, encontramos quatro grandes críticas - necessariamente imbricadas - que, aqui, expomos por ordem de maior para menor expressão. São elas, a crítica à turistificação e à inversão de prioridades; à perda de identidade e essência portuense; aos despejos e à segregação socioespacial; e, por fim, à corrupção e especulação. Essas críticas são dirigidas aos responsáveis políticos (em particular, ao presidente da Câmara Municipal), aos proprietários e senhorios, aos especuladores e agentes imobiliários e, por fim, aos próprios turistas. Para além de diversos meios plásticos, as mensagens possuem também diferentes estratégias discursivas. Destacamos o uso do humor e da ironia; da emoção e empatia; da provocação e intimidação. Analisamos, de seguida, os quatro eixos da crítica à gentrificação e pelo direito à habitação, tendo em conta esses aspetos.

3.1. Crítica à turistificação e à inversão de prioridades

Dentro das imagens recolhidas, sobressai a crítica ao fluxo excessivo de turistas e ao crescimento de negócios a eles destinados, na cidade do Porto, contrapondo com as necessidades da população, nomeadamente no que se refere à habitação. Em muitos dos muros que fotografámos repetiu-se a menção ao “povo”, terminologia que parecia datada nas últimas décadas, em Portugal. “Habitação ao povo com rendas para nós sem roubo”, “Um povo sem habitação”, “Habitação para o portuense”, “Direito à habitação: todos!”, “Porto dos portuenses” são muitas as variantes encontradas pela cidade. A referência a esse conceito reflete uma necessidade de distinguir entre a população que reside e o turista que visita. A mensagem escrita em letras garrafais numa parede, na Rua do Bonjardim - “O Porto está bonito, mas não é para o meu guito” - aponta nitidamente essa distinção, denunciando o crescimento das disparidades sociais: a cidade atrai cada vez mais turistas, mas torna-se inacessível aos seus residentes que não têm poder de compra para usufruir e apropriar-se dela plenamente. Há, portanto, uma crítica à inversão de prioridades: primeiro deveriam estar os portuenses, só depois os turistas. Num outro exemplo, encontramos cartas dirigidas aos turistas, denunciando os despejos dos residentes do centro da cidade a favor do AirBnB ou as rendas elevadas comparativamente aos salários dos habitantes locais. Escritas em inglês, para que possam ser lidas por uma grande percentagem de pessoas, as cartas apoderam-se dos símbolos e até mesmo dos contactos da agência oficial de turismo, de forma a conferir-lhes credibilidade ou, pelo menos, chamar a atenção de quem lê. O uso da fórmula de saudação “Dear Tourist” e o emprego de perguntas ou afirmações diretas - “Está a ficar num lindo apartamento renovado listado no AirBnB?” ou “Pergunta

ao teu rececionista como é que ele/a vive" - parece ter como objetivo, por um lado gerar empatia e por outro responsabilizar os turistas, provocando sentimentos de culpa ou comiseração.

Entre frases irónicas - “love the tourists”, "Tourist only, locals not allowed on this area”, “Hey look, I am not a hotel yet” e outras mais intimidatórias - “Fuck Tourists!”, “Fora AirBnB”, “Tourists go home!”, passando por outras de cariz mais emotivo, como “Ó turista, não me compres o meu ninho”, a mensagem é clara, assim como o “inimigo”: os grandes responsáveis pelas transformações urbanas na cidade são os turistas que a visitam, ocupando espaços e serviços, anteriormente, destinados aos residentes. Face isso, os autores denunciam a complacência e cumplicidade ativa dos responsáveis políticos do município. “Deixa-te de turistas, meu FDP [filho da puta]”, “Rui, vai dar banho ao turista!” são alguns dos exemplos de mensagens diretamente dirigidas ao presidente da Câmara Municipal do Porto.

O impacto da turistificação na vida dos cidadãos e cidadãs parece bastante evidente. Numa colagem, encontrada num viaduto, junto à Foz, podia-se ver uma rua repleta de turistas acompanhada da figura do desenho-animado Sandoku e da frase "Deixem-nos respirar"!, sugerindo a exaustão provocada pelo contacto permanente com a multidão de pessoas nalgumas ruas centrais do Porto.

Figura 1, Rua Duque de Loulé (foto de Inês Barbosa)



Na figura 1, podemos ver um stencil, fotografado na zona do Bonfim, onde encontrámos muitas outras manifestações visuais. Recentemente, considerado pelo “The Guardian”, como um dos dez bairros mais “cools” da Europa (distinção essa imediatamente celebrada em Portugal⁸), o Bonfim é associado à juventude, à vida cultural e criativa, às lojas e galerias independentes, em parte devido à proximidade à Faculdade de Belas-Artes. Muitos outros espaços, não mencionados pelo jornal britânico, emergem nessa zona, tais como a Sede do Praça da Alegria, o restaurante “clandestino” da Filó ou a Praça dos Poveiros, espaços ocupados pelo circuito alternativo e artístico do Porto. Contrariamente à tese defendida no “The Guardian” - de que a subida das rendas no centro do Porto fez com que muitas pessoas, sobretudo jovens, se tenham deslocado para essa freguesia - os últimos números apontam para uma subida drástica no Bonfim, na ordem dos 47%⁹. Recorrendo ao trocadilho com “weapon of mass destruction”, o stencil associa o turismo a uma forma de destruição massiva da cidade. A bomba colocada no centro, parece simbolizar o “tic-tac” de uma situação urgente. Outro trocadilho encontrado mais do que uma vez foi “Hostil not Hostel”, remetendo para as circunstâncias hostis provocadas pela presença, cada vez mais ostensiva, de hostéis e outras modalidades de alojamento turístico.

3.2. Crítica à perda de identidade e da essência portuense

Associada ao retorno da palavra “povo”, está a crítica à extinção da “essência portuense”, sendo uma das que mais ocupa os registos coletados, aspeto também presente noutras manifestações culturais: como músicas, filmes ou performances¹⁰. Utilizando metáforas, trocadilhos ou a subversão de imagens publicitárias ou municipais, os seus autores criticam a perda de identidade provocada pela intensificação do turismo. O autocolante “O Porto já não são tripas”, disseminado em vários lugares da cidade, é talvez o exemplo mais paradigmático. Valendo-se das “tripas à moda do Porto” servidas nos tascos típicos, a expressão alude à destruição das tradições populares, substituídas por pratos gourmet servidas espaços semelhantes aos de outras cidades europeias gentrificadas. Aquilo que é único e especial no Porto desaparece. O slogan “Make Porto Podre again”, criado por um coletivo anónimo e divulgado em vários formatos (autocolantes, cartazes, tags, faixas) teve também um alcance significativo, tendo inclusive sido referido numa das edições da Time Out, conhecida agenda

⁸ <https://www.theguardian.com/travel/2020/feb/08/10-of-the-coolest-neighbourhoods-in-europe-paris-berlin-rome>;
<https://www.publico.pt/2020/02/10/fugas/noticia/bonfim-porto-bairros-cool-europa-guardian-1903565>

⁹ <https://eco.sapo.pt/2019/07/25/precos-das-casas-disparam-em-marvila-bonfim-brilha-no-porto/>

¹⁰ Por exemplo, a música *Porto Arder*, dos Grito! <https://www.youtube.com/watch?v=RVcLHq7Ku34>;

de eventos. Na figura 3, deparamo-nos com duas páginas da revista que, para além de referências aos "negócios à moda do Porto", como a coleção de t-shirts da fundação Serralves ou os sabonetes naturais Só Sabão, inclui uma menção ao coletivo que colocou este "manifesto à solta" em vários locais da baixa, com o propósito de "contestar a realidade vigente e emergente do Porto".

Figura 2 - Páginas 10 e 11, da *Time Out Porto*, janeiro de 2017



As expressões provocadoras "Porto Morto", "Morto: Best European Gentrification" ou, simplesmente, "Morto" projetam também a extinção da cidade genuína. Foram criadas a partir de uma recomposição da imagem publicitária do município, *Porto, ponto*¹¹, marca estabelecida no decorrer de um plano estratégico de promoção do turismo. Paradoxalmente, no *Manual de Identidade*¹²

¹¹ <https://noticias.up.pt/marca-porto-ponto-distinguida-como-a-melhor-da-europa/>

¹² http://www.cm-porto.pt/assets/misc/documentos/Logos/01_Manual_14_digital_2017.pdf

publicado pela Câmara, os responsáveis políticos afirmam que a marca surgiu com o propósito de espelhar não só o seu património ou a sua nova tendência cosmopolita, mas também a “alma portuense”, as suas gentes, a sua capacidade de resistência, a mítica cidade-invicta. O slogan "Porto Morto" granjeou também alguma projeção pública e mediática, ao ponto de merecer uma intervenção do presidente Rui Moreira, em 2017¹³. Indignado com expressão, o edil expressou publicamente o seu desagrado e apresentou queixa contra autor desconhecido. Num *post* no facebook, lançou acusações duras, associando esse ato à proximidade das eleições autárquicas:

"Não conheço os autores que se dispuseram a produzir numa gráfica milhares deles. Não conheço quem os financia nem qual o fim que perseguem. Podemos presumir que isto tem a ver com as eleições e são meus adversários. Ou achar que não, e que são, simplesmente, cobardes que nada têm a fazer ao dinheiro. Em qualquer dos casos, quem o faz odeia o Porto. E odeia uma marca que procura maltratar por puro ódio e por aversão ao sucesso. (...) Esta é a nossa marca. *Made in Porto*. Adorada no Mundo, odiada, por cá".

Em resposta a declarações como essas, outro stencil difundiu-se pela cidade: "A cidade não é uma marca, ponto." Nestes exemplos, o Porto é associado às tradições, àquilo que é popular e autêntico, ao "Porto podre" e abandonado, mas verdadeiro dos tempos idos, numa espécie de romantização da pobreza e da marginalidade. Não podemos deixar de refletir se este discurso de idealização e valorização da identidade do Porto e da sua população, associado ao crescimento da *turistofobia*, não corre o risco de acionar discursos xenófobos. Em período de ascensão de políticas conservadoras e de extrema direita, não deixa de ser preocupante esta recente tendência por ideais identitários (regionalistas ou nacionalistas), numa defesa contra os estrangeiros que "invadem" a cidade invicta.

3.3. Crítica aos despejos e à segregação socioespacial

Na figura 3, podemos ver a figura de um homem sobreposta por um testemunho pessoal. Trata-se de um fragmento de uma composição de grandes dimensões, colada em cima de uma parede grafitada. Ladeando-o estão duas mulheres com os rostos tapados pelas mãos. O homem tem nome, data de nascimento e de morte, elas são anónimas. A fotografia foi tirada no Passeio das Virtudes, um dos pontos turísticos da cidade, com vista para o rio Douro, onde regularmente se juntam, residentes e estrangeiros, para assistir ao pôr do sol, beber umas cervejas ou ouvir música em colunas

¹³ <https://observador.pt/2017/08/07/morto-em-vez-de-porto-camara-apresenta-queixa/>

portáteis. Ao contrário da grande maioria das manifestações visuais coletadas durante a pesquisa, esta tem uma autoria. Trata-se de um projeto em curso de um fotógrafo, Itay Peleg e de uma jornalista independente Cláudia Vidal, divulgado na página virtual “O Porto Não se Vende”. “Olhos fechados” é um conjunto de colagens fotográficas espalhadas pela cidade.

Figura 3 - Projeto “Olhos Fechados”, de Itay Peleg & Cláudia Vidal, Passeio das Virtudes (Inês Barbosa)



O homem que deu o mote para o projeto chama-se Joaquim Lapa, residente do Passeio das Virtudes, falecido em dezembro de 2018, com 76 anos, de ataque cardíaco, alegadamente devido aos despejos. No texto inscrito na parede, lê-se um relato na 1ª pessoa: “Moro nesta casa desde que nasci. Recebi uma carta que dizia que o meu contrato terminava, não sabia que ia ter de sair este ano. Desde que a recebi não ando sossegado, o meu estado de saúde piorou, às vezes acordo de madrugada porque sonho que me batem à porta para me mandar sair. É uma vida inteira a morar aqui, conheço a rua de olhos fechados.” Noutras imagens disseminadas pela cidade, podemos ver o mesmo rosto do homem

acompanhado de perguntas incisivas: “Quanto custa uma vista para o rio? A habitação é um direito ou um investimento? Quem tem direito a morar no centro da cidade? É mais importante uma cidade onde se vive ou uma cidade onde se lucra?” Em baixa, a inscrição “Responda ao senhor Lapa, Passeio das Virtudes, nº 57, 2º andar.” O impacto deste projeto é irrefutável ao incentivar a resposta a estas perguntas e o seu envio para a morada de alguém que já morreu. Na página pessoal de Cláudia Vidal, esta explica que conheceu o senhor meses antes deste falecer, quando estava a escrever sobre gentrificação¹⁴. Explicando o teor do projeto, a jornalista diz: “O Porto está de olhos fechados. Não quer ver que lentamente, a cidade se esvazia. Que lentamente se torna numa cidade onde se lucra, e não onde se vive. Mas nós vemos os moradores. E vemos o senhor Lapa: está na rua onde sempre morou, e na porta que era sua.” O fotógrafo enfatiza a ligação emocional entre o homem e o lugar onde viveu: ele “chorou, riu, produziu vida e amor dentro daquelas paredes”, “tornando-se ele próprio e a sua casa uma mesma paisagem, inseparável”. O objetivo do projeto é, pois, “dar visibilidade aos moradores que o Porto não quer ver. Para os trazer de volta ao centro da cidade e ao espaço público.” Outros exemplos da crítica aos despejos e à segregação socioespacial é o graffiti “(des)alojamento local” ou os slogans escritos em faixas no centro histórico, nas zonas mais afetadas pela gentrificação: “O meu nome é Maria, fui para a periferia” ou “Nasci na Vitória, posso morrer na Vitória?” Os testemunhos e histórias pessoais, a utilização de nomes próprios, e as referências à morte, parecem ter como objetivo sensibilizar quem lê as mensagens, gerando proximidade e empatia.

3.4. Crítica à corrupção e especulação

Por fim, outra das críticas presentes nas manifestações visuais recolhidas é a da corrupção e da especulação, ainda que com um peso menor que as anteriores. “Proibido especular”, “Airbnb mafã”, “Hotel mafã”, “senhorios corruptos” são algumas das frases escritas pelas paredes da cidade. “Portopólio” (fig.17), um autocolante espalhado por vários locais é outro exemplo de subversão. Simulando um jogo de monopólio, com o subtítulo “edição burguesa”, caricatura o presidente Rui Moreira, de cartola e bengala em punho, acompanhado da legenda “vendido/sold out”, associando-o diretamente à especulação imobiliária. É uma crítica, pois, ao jogo viciado e clandestino, à ganância e aos lucros acima das pessoas. A especulação surge assim como uma espécie de “inimigo” vago e

¹⁴ <https://www.opendemocracy.net/en/can-europe-make-it/gentrification-in-porto-will-city-turn-into-hotel/>

difuso enquanto a corrupção é associada a rostos concretos, de dirigentes políticos ou dos proprietários.

Na Rua dos Mercadores - situada junto à Ribeira - encontramos mais de uma dezena de grafittis, todos escritos de uma forma semelhante, sugerindo um mesmo autor. "Senhorios corruptos", "Senhorios chulos", "Lutamos pelas nossas casas", "Despejos não", ocupam toda a dimensão das portas e paredes de casas em ruínas e espaços devolutos, numa rua escura e apertada, onde praticamente só passam turistas, subindo e descendo de mapa na mão. Com uma importância que remonta ao período medieval - tendo sido um dos principais eixos de comunicação da cidade - a rua foi, em tempos, umas das zonas mais ricas da cidade, onde se concentravam os melhores estabelecimentos e a vida aristocrata. Enfrentando, desde cedo, problemas de conservação das casas, a Rua dos Mercadores é também símbolo dos processos de requalificação urbana associados à intensificação do turismo e ao despejo da população autóctone.

Figura 4 - Sequência de imagens, Rua dos Mercadores (IB)

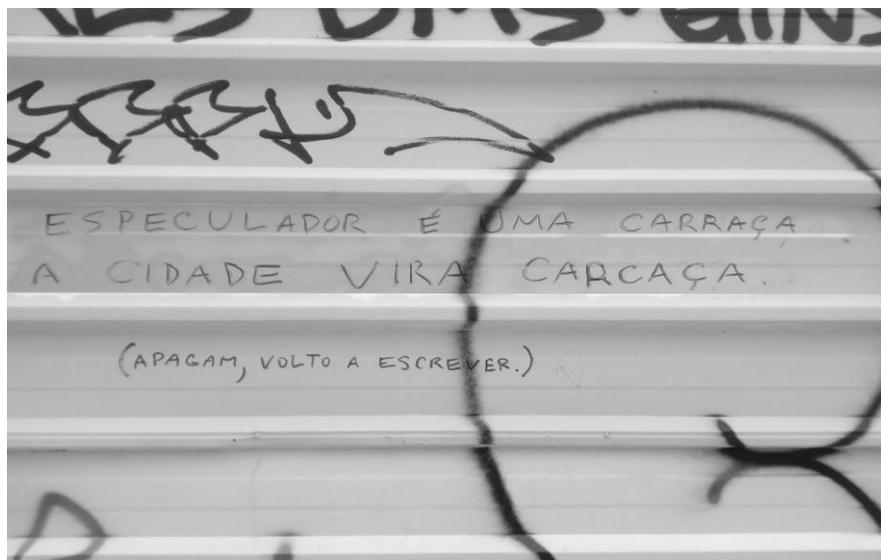


Se estas imagens nos dão conta da raiva e indignação do autor, a insistência com que se usa as paredes para comunicar é visível num outro exemplo, também sobre especulação. Num taipal junto ao Palácio do Bolhão lê-se: “Especulador é uma carraça, a cidade vira carcaça”. Em baixo, entre parêntesis, o mesmo autor escreveu “apagam, volto a escrever”. O conteúdo da frase e a superfície onde foi escrita não será coincidência. O taipal esconde a cratera deixada pelas obras inacabadas do Quarteirão da Casa Forte¹⁵, situação que se mantém há alguns anos, envolta numa teia nebulosa de informações. O emprego de trocadilhos e rimas é mais uma vez a estratégia usada, associando a figura

¹⁵<https://www.publico.pt/2020/01/13/local/noticia/projecto-quarteirao-casa-forte-reprovado-cultura-norte-1900209>

do especulador a um parasita que, em última análise, destruirá a cidade, transformando-a num cadáver.

Fig. 5 - Rua da Firmeza (Inês Barbosa)



O stencil “O Porto não se vende” - que deu nome a um coletivo, a manifestações e a um documentário¹⁶ - é também uma mensagem de resistência à transformação da cidade num negócio. Na rua das Fontainhas, encontramos-lo em dois contentores de lixo, junto com a inscrição “O tempo de agir é ontem”. Muitos outros resquícios de cartazes foram encontrados no Porto, num vaivém entre o que se escreve espontaneamente nas paredes e a sua tradução para cartazes, autocolantes, faixas ou graffitis, colados na parede para anunciar os momentos de protesto. Entre setembro de 2017 e setembro de 2018, contabilizaram-se sete episódios (concentrações, manifestações, marchas) com maior ou menor adesão. Desde então, não se assistiu a um nenhum evento similar e a generalidade dos coletivos desfez-se¹⁷. Os cartazes são agora memórias das disputas que se têm travado, reservando-lhes a possibilidade de poderem de inspirar as próximas.

¹⁶ “Porto is not for sale”, <http://www.acordesdequinta.com/2019/01/docs-porto-is-not-for-sale-de-laura.html>

¹⁷ Em junho de 2019, surgiu o Grupo de Apoio à Habitação que se reúne regularmente no espaço auto-gerido *A Gralha*. Até agora não organizou nenhum protesto público.

4. Espaço público: arena disputada e heterotopias realizadas

"Escrevemos nas paredes porque nas paredes o povo comunica" lê-se num muro na rua da Formiga, numa das freguesias - Campanhã - que é parente pobre de um Porto cada vez mais projetado para os seus visitantes. Quem nos leva lá é Margarida Castro Felgas, arquiteta ativista que há dez anos se dedica a organizar tours pela cidade esquecida¹⁸: as fábricas e terrenos abandonados, os circuitos que não aparecem nos mapas, os lugares onde a oposição aconteceu. Junto dessa inscrição, o slogan "Lula Livre" - remetendo para o internacionalismo das lutas - é rasurado para que, afinal, sejamos *todos livres*. Ao lado, um outro traçou o tag "Team Podre". Este é um exemplo daquilo que procurávamos, andando pela cidade.

Figura 6 - Rua da Formiga (foto de Inês Barbosa)



As contra-visualidades, com as quais nos fomos deparando, atuam como um grito que se expressa nas paredes, que se ressignifica pela ação dos outros, que é riscado, rasgado, adulterado, desgastado pelo tempo, numa contínua emenda, como vozes que se sobrepõem produzindo ruído. O ruído é por vezes silêncio, quando as paredes escritas são pintadas de branco, num gesto de anulação

¹⁸ <https://theworsttours.weebly.com/>

ou até censura, produzida pelo município, por empresas ou indivíduos detentores desses espaços. A natureza efémera das manifestações visuais é contrariada pela desobediência e pela insistência, como pudemos comprovar: “Apagam, volto a escrever”. Em muitas circunstâncias, os seus autores desafiaram a lei, colando cartazes ou escrevendo frases em lugares de afixação proibida.

Para Ricardo Campos - que tem aprofundado estas práticas, no contexto português - os graffitis e pichagens são "armas expressivas" marginais, "sem lugar na cidade disciplinada", "linguagens de resistência, de afronta, de crítica ou simples gozo, desafiando as convenções e a ordem visual da paisagem urbana", desempenhando "funções de natureza estética, política, ideológica ou cultural, ao abrigo do espaço público de comunicação mais democrático: a rua. (Campos, 2012: 75) Há nestas expressões, não apenas um impulso comunicativo, mas também uma intenção "subversiva, informal ou ilegal, que lhe confere uma condição singular no ecossistema comunicacional urbano" (idem, 2008:3) e uma oportunidade de dar palco aos sem-poder: os/as pobres, os/as jovens, o povo.

Tal como nos anos que se seguiram à revolução, as palavras de ordem gritadas nas manifestações são transpostas para as paredes e vice-versa. Se em tempos se cantou "Casas sim, barracas não / as casas são do povo, abaixo a exploração"¹⁹, hoje slogans como "Não aos despejos, resistência popular"; "Assembleia Popular, Vitória é nossa" ou "Minha casa me abriga, minha casa, minha briga" ecoam nos megafones e nos muros. A experiência multi-sensorial e corporizada da cidade torna-se evidente: numa mesma praça, pelos mesmos motivos, ouve-se, lê-se, sente-se.

Essa transposição é particularmente visível no cartaz de divulgação da Marcha LGBTQ+ do Porto de 2019. Procurando conferir à marcha uma dimensão interseccional, o poster inclui demandas feministas, antirracistas, estudantis e pelo direito à habitação: "O Porto não se rende e o orgulho não se vende", "a cidade está catita mas não é pra nossa guita", "machistas, racistas, fascistas não passarão", "amo quem quiser tenha o género que tiver", "pagar para estudar, democracia a falhar", "mexeu com uma, mexeu com todas" ou "Marielle, presente" preenchem o espaço cénico, junto com bandeiras e símbolos diversos. Na verdade, a questão da habitação - sendo neste momento um problema generalizado - torna particularmente vulneráveis determinados grupos sociais: as mulheres, as pessoas racializadas, imigrantes, estudantes, etc. Nesse sentido, apesar de não existir atualmente movimentação significativa e organizada em torno do direito à habitação no Porto, expressa-se que a luta não está esquecida, atravessando outros grupos ativistas.

¹⁹ Canção do GAC (Grupo de Ação Cultural), <https://www.youtube.com/watch?v=PTuRPA4ySrE>

Os muros do Porto trouxeram para a praça pública o debate sobre o direito à habitação e o direito à cidade. Recorrendo a autocolantes, stencils, tintas, colagens ou grafittis - de maior ou menor dimensão, maior ou menor qualidade estética - os seus autores ou autoras usaram paredes, postes e janelas de casas devolutas para brandir as suas críticas e desafiar os discursos dominantes. Nas suas mensagens estão contidas as aspirações e inquietações da população, ora sensibilizando e denunciando, ora mobilizando outros e outras para uma mesma disputa. Nas mensagens, que procuramos descodificar, encontramos críticas à *turistificação* e à inversão de prioridades na satisfação das necessidades da população; críticas à perda de identidade e de uma suposta autenticidade do povo portuense. Críticas também aos despejos e à segregação socioespacial e, por fim, críticas à corrupção e à especulação. Nesse sentido, elas são também um reflexo de uma possível articulação ou combinação entre as duas dimensões da crítica ao capitalismo enunciadas por Boltanski & Chiappello (1999). Por um lado, uma *crítica social*, assente nas desigualdades sociais, na opressão, no direito material à habitação. Por outro, uma *crítica estética*, firmada numa reclamação de autenticidade e na contestação aos valores do capitalismo (egoísmo, ganância, corrupção), baseada num direito imaterial à cidade, enquanto espaço de expressão livre e criativa dos seus habitantes.

Mais ou menos simbólicas ou diretas, mais ou menos espontâneas ou organizadas, estas manifestações visuais fizeram uso de diferentes estratégias: o humor e a ironia, a emoção e a empatia, a provocação e a intimidação. Nas entrelinhas destas mensagens, encontramos também alguns dilemas e paradoxos, como a ténue linha entre xenofobia e *turistofobia*, a apropriação de slogans subversivos pelo marketing ou o papel dos artistas na gentrificação das cidades. Aspetos que merecem uma investigação mais continuada e profunda.

Em todo o caso, a centena de manifestações visuais que, durante nove meses, encontramos na cidade do Porto, são expressões de cidadania insurgente, desordenando, ressignificando e desafiando uma visão de cidade mercado. Estes signos, impregnados de discursos, servem pois para expressar e clarificar reivindicações e indignações, enquanto poderosas ferramentas que dão sentido ao protesto político (Kasanga, 2014).

Elas marcam o território, povoando-o de memórias coletivas, traçando uma história de resistência, instigando novas oposições. São também um barómetro das tensões que se dão neste embate, revelando contradições entre centro e periferia, residente e viajante, proprietário e inquilino, governantes e população. O palco destas contra-visualidades é a rua: o lugar por onde andamos para regressar às nossas casas, onde nos deslocamos para os nossos empregos, onde nos reunimos nos

tempos de lazer, onde nos manifestamos por mais e melhor justiça. São, portanto, mensagens permanentes e quotidianas.

A vitalidade de um espaço público reside, nesta linha, na sua potencialidade para estabelecer mediações, trânsitos, ligações e conflitos: entre visões do mundo e interesses contraditórios; entre assentamento e movimento; entre “dentro” e “fora”; entre o espaço imediatamente presente e espaços ausentes; entre margens e centro. Assim, os espaços públicos com virtualidades contra-hegemónicas não se deixam capturar por barreiras fixas e imutáveis (Massey, 1993). Eles são, então, constituídos e constituintes de relações sociais e, por isso, irredutíveis a simplificações identitárias e portadores de impulsos multivocais, glocais e híbridos, locus privilegiado de terceiras culturas (Featherstone, 1997), aquelas que se formam como *algo mais* do que um somatório ou uma mistura eclética, *na e pela* diferença, resultado conflitual e provisório de interações tensas, “articuladores, espécies de rótulas ou nós que combatem a tendência para a cidade esquadrejada, pericial, hiperespecializada, social e culturalmente segregada” (Lopes, 2007).

As políticas do espaço são tradução da busca pelo reconhecimento da diferença, evidenciam as condições para uma interculturalidade real (de classe, género, etnia, orientação sexual), necessariamente conflitual, que não seja mera festividade brandizada, ocasião celebratória ou encenação da condescendência do poder. Do mesmo modo, transportam uma prática rebelde, não domesticada, simultaneamente pessoal e pública, poética e política, insurgindo-se contra a ideia da disciplina e vigilância dos corpos (Foucault, 2000) ou, ainda, contra as visões outorgadas de cidadania. Ao reivindicarem uma voz – e o direito e legitimidade de falarem no seu tempo, espaço e modo – cravam um espinho na cidade temática e estandardizada e acumulam uma experiência e memória para além da tirania da hegemonia. O poder é uma totalidade que fecha o discurso, controlando as práticas através da sua previsibilidade convencional e da imposição simbólica de uma narrativa que ignora explicita ou dissimuladamente a alteridade.

Ao invés, as dinâmicas sinuosas, oblíquas, feitas de apropriações e inversões de sentido, jogando com a surpresa e a polissemia, criam uma “consciência do olhar” (Sennett, 1991), que se demora e se surpreende; abrem interpretações, questionando e difundindo leituras alternativas. Em certo sentido, são heterotopias práticas e realistas, colocações “absolutamente outras”, “contestadas e invertidas”, “espécie de utopias efetivamente realizadas” (Foucault, 1995), que nos obrigam a ter em conta diferentes mundos da vida e a repelir qualquer colete de forças de homogeneidade. Em suma, abrem a possibilidade de outra des)ordem no espaço, para além do sistema de classificações e diferenciações hegemónico e binário. São uma forma de *fazer lugar*, ocupando os espaços vazios da

cidadania (Lopes, 2007: 79). Descodificar a cidade estará, portanto, também nesta subtileza de saber ler e escutar os seus muros.

Referências bibliográficas

- ANTUNES, Gonçalo *et al* (2019), “Editorial: Habitação nas áreas urbanas de Lisboa e Porto: Da comunidade aos decisores políticos”, *Forum Sociológico [Online]*, 34, 5-6.
- BECKER, Howard S. (1995), “Visual sociology, documentary photography, and photojournalism: It's(almost) all a matter of context”, *Visual Studies*, 10: 1, 5 - 14.
- BOLTANSKI, Luc e CHIAPELLO, Eve (1999), *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- BROWN, Evrick e SHORTELL, Timothy (2015), *Walking in Cities: Quotidian Mobility as Urban Theory, Method, and Practice*. EUA: Temple University Press.
- CALOR, Inês e MAGAROTTO, Mateus (2019), “Necessidade, oportunidade e ilegalidade em habitação – alojamento local e tendências contemporâneas”, *Forum Sociológico [Online]*, 34, 43-50.
- CAMPOS, Ricardo (2008), “Movimentos da imagem no Graffiti. Das ruas da cidade para os circuitos digitais”. Comunicação apresentada no *VI Congresso Português de Sociologia*.
- (2012), “Paredes comunicantes: foto ensaio sobre espaço público e comunicação ilegal”, *Cadernos de Arte e Antropologia*, nº 1, 73-76.
- CANEVACCI, Massimo (2004), *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Livros Studio Nobel.
- DELGADO, Manuel (2007), *La Ciudad Mentirosa. Fraude y mieria del «modelo Barcelona»*. Madrid: Catarata
- FEATHERSTONE, Mike (1997), “Culturas globais e culturas locais”, Fortuna, Carlos (Ed.), *Cidade, Cultura e Globalização*. Oeiras: Celta
- FERNANDES, José A. Rio; CARVALHO, Luís; CHAMUSCA, Pedro e MENDES, Thiago (2018), *O Porto e a Airbnb*. Porto: Book Cover
- FOUCAULT, Michel (2000), *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes.
- (2005), “Espaços Outros”, Miranda, José A.- e Coelho, Eduardo Prado, *Espaços. Revista de Comunicação e Linguagens*. Lisboa: Relógio d'Água, pp. 243-252.
- GIDDENS; Anthony (2000), *A Dualidade da Estrutura*. Oeiras: Celta
- HABERMAS, Jurgen (1984), *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro.
- HARPER, Douglas (1988), “Visual sociology: expanding sociological vision”, *The American Sociologist*, pp. 54-70.

BARBOSA, Inês e LOPES, João Teixeira (2019, “Descodificar as paredes da cidade: da crítica à gentrificação ao direito da habitação no Porto”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 6-29

LEE, Raymond M. (2003), *Métodos não interferentes em pesquisa social*. Lisboa : Gradiva

LEFÈBVRE, Henri (1996), *Writing on cities*. UK: Blackwell Publishers.

- (2000) *La Production de l'Espace*, Paris, Anthropos.

LEITE, Rogério Proença (2004), *Contra-Usos da Cidade – Lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*, Campinas, Editora Unicamp

LOPES, João Teixeira (2007), “Andante, andante: tempo para andar e descobrir o espaço público”, *Sociologia*, v. 17, pp 69-80

INGOLD, Tim & VERGUNST, Jo Lee (2008) *Ways of Walking: Ethnography and Practice on Foot*. London and New York: Routledge.

MASSEY, Doreen (1993), “Power-geometry and a progressive sense of place” in Jon Bird et al. (eds), *Mapping the Futures. Local cultures, global change*. London: Routledge

MATOS, Fátima Loureiro (1994), “Os bairros sociais no espaço urbano do Porto: 1901-1956”. *Análise Social*, vol. xxix (127), 1994 (3.0), 677-695

QUEIRÓS, João (2007), “Estratégias e discursos políticos em torno da reabilitação de centros urbanos: considerações exploratórias a partir do caso do Porto”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 55, 91-116

- (2016), “Políticas de reabilitação urbana e recomposição do tecido social no centro histórico do Porto: representações e discursos de moradores sobre a respetiva evolução recente”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXI, 29-58

PINK, Sarah (2013), *Doing visual ethnography*. London: Sage Publications.

SENNETT, Richard (1991) “La Conscience de l’oeil” in AA.VV, *L’Espace du Public – les compétences du citadin*, Paris: Plan Urbain

SOJA, Edward (1999), *Thirdspace. Journeys to Los Angeles and Other Real-and-Imagined Places*. Oxford: Blackwell

- (2000), *Postmetropolis. Critical studies of cities and regions*. Oxford: Blackwell

Inês Barbosa (autora de correspondência). Investigadora do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (Porto-Portugal). Endereço de correspondência: Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto. Portugal. Email: inesbarbosa83@gmail.com

BARBOSA, Inês e LOPES, João Teixeira (2019, “Descodificar as paredes da cidade: da crítica à gentrificação ao direito da habitação no Porto”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 6-29

João Teixeira Lopes. Docente do Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Porto-Portugal). Investigador do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (Porto-Portugal). Endereço de correspondência: Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto. Portugal. Email: jlopes@letras.up.pt

Artigo recebido em 3 de julho de 2019. Aprovado para publicação em 25 de novembro de 2019.

THE CONCEPT OF ‘US AND THEM’: COMMUNITARIANISM AND THE RISE OF POPULIST POLITICS

Ihsan Cetin

Tekirdağ Namık Kemal Üniversitesi

Abstract

This article mainly focuses on the existence and/or construction of “the others” as one of the main pillars of populist politics which have risen in various countries during recent years. Populist rhetoric gains its political power over the social groups or individuals who are identified as “the others” and who differ from the majority by their identities, beliefs, traditions etc. Populist discourse is also supported by the notion of communitarianism. In this sense, this article basically examines the social dynamics which reinforcing the populist discourse. Some structural factors, such as international migration and increasing global migration, global inequality created by neo-liberal policies and structural adjustment programs, and the changing nature of labor market, constitute the main topics to be discussed in this context.

Key Words: communitarianism; populism; otherness

O conceito de “nós e eles”: comunitarismo e aumento das políticas populistas

Resumo

Este artigo aborda principalmente a existência e/ou construção de “os outros” como um dos principais pilares da política populista que surgiram em vários países nos últimos anos. A retórica populista ganhou seu poder político sobre os grupos sociais ou indivíduos identificados como “os outros” e que diferem da maioria por suas identidades, crenças e tradições. O discurso populista também é apoiado pela noção de comunitarismo. Nesse sentido, examinamos basicamente a dinâmica social que reforça o discurso populista. Alguns fatores estruturais, como a migração internacional e o aumento da migração global, a desigualdade global criada pelas políticas neoliberais e pelos programas de ajuste estrutural e a natureza mutável do mercado de trabalho, constituem os principais tópicos a serem discutidos nesse contexto.

Palavras-chave: comunitarismo; populismo; alteridade.

Le concept «nous et eux»: communautarisme et politiques populistes accrues

Resumé

Cet article traite principalement de l'existence et / ou de la construction des «autres» comme l'un des principaux piliers de la politique populiste qui a émergé dans plusieurs pays ces dernières années. La rhétorique populiste a gagné son pouvoir politique sur les groupes sociaux ou les individus identifiés comme «les autres» et qui diffèrent de la majorité en termes d'identité, de croyance et de tradition. Le discours populiste est également soutenu par la notion de communautarisme. En ce sens, nous examinons essentiellement les dynamiques sociales qui renforcent le discours populiste. Certains facteurs structurels, tels que les migrations internationales et l'augmentation des migrations mondiales, l'inégalité mondiale créée par les politiques néolibérales et les programmes d'ajustement structurel et la nature changeante du marché du travail, sont les principaux sujets à débattre dans ce contexte.

Mots-clés : le communautarisme; le populisme; altérité

El concepto "nosotros y ellos": comunitarismo y crecientes políticas populistas

Resumen

Este artículo aborda principalmente la existencia y/o construcción de "los otros" como uno de los principales pilares de la política populista que han surgido en varios países en los últimos años. La retórica populista ganó su poder político sobre grupos sociales o individuos identificados como "los otros" y que difieren de la mayoría en términos de sus identidades, creencias y tradiciones. El discurso populista también se apoya en la noción de comunitarismo. En este sentido, básicamente examinamos la dinámica social que refuerza el discurso populista. Algunos factores estructurales, como la migración internacional y el aumento de la migración global, la desigualdad global creada por las políticas neoliberales y los programas de ajuste estructural y la naturaleza cambiante del mercado laboral, son los principales temas a tratar en este contexto.

Palabras clave: comunitarismo; populismo; alteridad

Palabras-clave: comunitarismo; populismo; otredad

INTRODUCTION

One can state that in 2015 the mass flows of refugees whom are mostly Syrians and sailed from Turkey to Greece, then marched through Balkans towards the Western Europe, also migrants from Africa sailed toward shores of Italy and Spain constitute a turning point for irregular migration history. The arrival of one million people to Europe in 2015 has drawn the attention of the world's public attention to the issue of displaced people, migrants and refugees. The irregular migration phenomenon, which is generally considered as an issue to be discussed under the titles of

"immigrant problem" and "refugee crisis" has also inflamed debates on other issues such as the rise of populist politics, erection of far-right parties, the rise of suspicious about multiculturalism and integration problems, xenophobia, the spread of Islamophobia and radicalization and strengthening concern about border security.

It can be stated that some of the main topics studied in the academic level are based on the division of "us and them." Thanks to globalization, so the increase of people's mobilization, and at the same time, the increase of xenophobia rapidly in some countries in which host immigrants in general bring about such a question to mind in terms of Tönnies (2002) sociology; "is the communitarianist thinking arisen again in modern societies?" This question can also be directed as such; "or maybe modern societies actually have never moved away from such communitarian mentality?" It is possible to enrich this argument with different questions. However, it can be easily stated that there is an oblivious problem which needs to be examined, and the problem is -as Ulrich Beck (2006) pointed out; the world, which is already cosmopolitan by globalization and international migration, has not yet developed a cosmopolitan vision. According to Beck the national outlook opposes a structural transformation in favor of cosmopolitan vision. For this outlook nation-state creates and controls the 'container' of society, and thereby at the same time prescribes the limits of 'sociology'. However for Beck cosmopolitanism is a vital theme of European civilization and European consciousness and beyond that of global experience (Beck, 2006:2). A cosmopolite vision requires a man to see himself/herself as a part of the nature and an ordinary member of humanity family. In order to reach such a stage as "World's citizen" which an Anatolian philosopher Diogenes (Kleingeld e Brown, 2019) had already described himself two thousand years ago in that way, primarily urge us to deal with the distinction between "us" and "them".

THE OTHERNESS

"The otherness" is assigned with multiple terms, such as 'them', 'foreigners', 'outsiders', and refers to an identity that is basically positioned against the 'us'. Therefore, in order to understand this concept well; first of all, it is necessary to look at the basis of the notion of 'us'. Bauman (2017) points out that the division of people as "us" and "them" (side by side and uncompromising) is an inseparable feature of man's being in the world throughout the history. In this sense, the most primitive form of the notion 'us' can be traced back to prehistoric times in which the

family/household institution emerged. In other words, one can assert that a parent and this parent's children and grandchildren are the oldest form of the notion of 'us'. The kinship institution developing along with the growing population lead to define larger groups as 'us' based on blood ties such as clans, tribes, tribes, and so on. Beyond development in civilization, affiliation has surpassed blood ties and has created a bigger sense of 'us', where huge populations connected with other social bonds and gathered around various factors such as common land, faith, leader etc.

Probably the most critical phase of this notion, as a turning point, was the development of nationalism in the 17th century and as one of its consequences the emergence of nation-states. By the nation-state conception, the notion of 'us' has gained its peak level for including and defining a huge number of masses. Nation-states, unlike the empires, redefined the term of citizenship and shaped its citizens according to national interests and donated them with both rights and duties; discipline them either by force or by means of persuasion while building national identity and affiliation of individuals with this new conception. The borders which are one of the trademarks of the nation states have become the main elements of solidifying the affiliation with the land. The nations, which are somehow can be described as imagined communities (Anderson, 2006), thus have ensured to be the most inclusive and common notion of 'us' of the modern era.

Ultimately, we should underline that each of description of 'us' also creates the notion of 'them' simultaneously. Therefore, while describing the history of 'us', we also describe the history of 'them'. In the twentieth century, when nation states arose as dominant political forms for nations, the world has then turned into a place where the distinction between 'us' and 'them' became clearer and contained huge masses under national identities. In the meantime, borders of countries which are drawn without considering socio-cultural aspects of societies living there, separated communities who share common identities, and emplaced a new sense of distinction as 'us' and 'them' by giving those communities new national identities. Moreover, and more importantly, there have been communities which differ from the majority and have distinctive ethnical, sectarian or other identities in every nation-state. Those social groups, some of which were known as minority groups and some of them were not recognized even as minorities described and treated as 'the others' within their countries.

The otherness within a nation-state has always been a difficult identity for communities to carry. For some countries, ethnic groups have been identified as the ones that need to be assimilated, and sometimes in other countries they have been described as not capable of being assimilated, and sometimes treated as "internal enemies". In some of the unfortunate events in

which national delusions were experienced, these communities were generally designated as scapegoats.

Frankfurt School scholars, in their research on average people who are intolerant of people whom carry identities unlike the majority's national identity and groups whom identified as "the others", have described such individuals as authoritarian personalities (Jay, 2006). Zygmunt Bauman (1999) expresses that such people are particularly prone to perceive the world according to sharp and irreconcilable opposites, and deeply bear a grudge against anyone who is or appears different. This kind of orientation manifests itself in racist attitudes and actions - or, more generally, in xenophobia, which means hostility to anyone who is "foreigner". In the meantime, people with high prejudices are fond of ambiguity and passionate for uniformity. They cannot tolerate any deviations from the strict code of conduct, and therefore, they are in favor of strong authority that aligns people. Bauman admits that the origin and source of intolerance must be sought in fear of the unknown, and the most prominent representative of 'the unknown' is "foreigners" or "others" (Bauman, 1999: 58-59). Definition of people as "the others" is based on the assumption of temporality. That is, despite the claim of the people who consist the nation and their ancestors have lived in that land for a certain period, "the others" are assumed as deprived of such experience. While the former are designated as the owner of the land, the latter described as guests or embedded, since they arrived there later. Such sentences as 'this is the land of my ancestors; this is my home,' remind foreigners that they are "the others".

SOCIAL DYNAMICS WHICH GIVE RISE TO POPULIST POLITICS

The twenty-first century, also known as the millennium age, started with great hopes but also with some unexpected incidents in the political sphere. Terrorist attacks in cities where the first and the largest of which took place on September 11 in New York, following it the application of policies for global war against terrorism, occurrence of global economic crises, social unrests, and regime changes, civil wars, unstable governments, increasing international migration, immigration and refugee crisis, the rise of far-right parties in Europe and related with that strengthening of populist politics and nationalism, and such other phenomenon can be considered as facts that we haven't reached to "the end of history era." One can claim that the concern about the rise of the populist discourses is one of the most attentive issues in the Western countries, which are referred for liberal democracy. Nowadays, this issue is one of the main arguments discussed by social

scientists. This situation is defined by some as 'the great regression' (Geiselberger, 2017) while others define it as 'the age of populism' (Krastev, 2017). In his book 'What is Populism', Jan-Werner Müller (2017) states that populist discourse has a polarizing language and while legitimize its voters, the populist discourse illegitimate its non-voters. This distinction is based on a moral claim which cannot be falsified. Perhaps the most critical aspect of populist discourse is that it turns politics of identity into the most fundamental political sphere. Thus, it creates a clear distinction between 'us' and 'them' among social groups. Also Müller (2017) explains the question of why Europe remains vulnerable to populist actors since the mid-1970s and especially in recent years with three factors: shrinking the welfare state, immigration and, above all and the most influential, the European economic crisis.

What are the facts and dynamics that feed the far-right parties in Europe and making populist discourse one of the crucial topics in social sciences? These questions can be explained under some titles as follows:

1. Backlash of Globalization and Neo-Liberalism

Globalization, which its basic dimension is economy and advocates the free movement of goods and capital, has generally worked in favor of industrialized Western countries that have strong financial institutions. Such process has been the case till the varieties between developed and undeveloped societies maintained obviously. With large market share and producing high value-added goods European countries and other advanced economies such as the United States have been the locomotives of globalization. Such benefits provided by global trade have allowed Western countries to develop strong social policies after the World War II and, thus they constructed societies with prosperities. However, this unilateral process has begun to operate on a double basis, correspondingly with the structural changes experienced in production process, after of which the economies of underdeveloped countries started to strengthen.

Ivan Krastev (2017) interprets the West's experience with globalization via the story that the notion of death has disappeared in Jose Saramago's (2009) novel *Death with Interruptions*. According to him, the West's experience with globalization resembles Saramago's imagined flirtation with immortality. It is a dream that suddenly turned into a nightmare. Just a few years ago, many in the West tended to view the opening up of the world as the end of all troubles. This enthusiasm has vanished. Instead, we are witnessing a worldwide insurgence against the progressive

post-1989 liberal order defined by the opening of borders for people, capital, goods and ideas, an insurgence that takes the form of democracy's revolt against liberalism (Bauman, 2017: 66)

The global economy has created a series of unrest and imbalances on the Western world as a result of some developments, such as in spite of all barriers accelerating labor and international migration and eroding borders, additionally facilitating the flows of goods, capital and information. This process, which can be expressed as a backlash of globalization has awakened a new stand opposing globalization in the Western world, and at the same time raised a fresh paradigm in favor of the invigorating the nation-state. It can be stated that this rising interest in the notion of the classic nation-state also has a backward sense of longing for the reintroduction of the opportunities provided by the powerful welfare state, which began after the Second World War and continued until the 1980s.

Such unfavorable developments of globalization on the Western societies cannot be explained by just some factors such as the flow of the capital from developed economies towards less-developed ones, where the cheap labor can be found, and by the fact of the weakening of competitiveness for the West. The structural changes that worked through this process and, which were led by Ronald Reagan in the United States and Margaret Thatcher in England, in the 1980's and then by the neo-liberal policies spreading to all European countries also played a major role. As a result of neo-liberal policies expressing structural changes in economic activities in favor big companies, deep social changes have taken place in industrialized societies. In sum, the privatization of state-owned enterprises and public services, thus letting almost all the economic activities to the initiative of the market, the shrinking and dissolution of the working class, the loss of trade union's activities, the financialization of daily life, the increase of inequality among the social classes, the dissolution of the middle classes, the deepening of poverty and the most general the regression of the welfare-state notion. All the transformations have made it easier for governments to achieve a certain level of stability in economic indicators by reducing their expenditures on public services. On the other hand, while neo-liberalism has allowed large companies to grow and operate in the global sphere, the middle and lower classes, which are directed towards precarious part-time jobs, struggle with unemployment and constitute the majority, have been the most negatively affected groups of this process. Increasing automation with emerging technologies has resulted in a production process that requires less manpower for production, and the growing service sector has created a labor market that allows the employment of more qualified personnel. This situation has inevitably led to negative consequences such as the decline of the

traditional industrial sector, hence the unemployment of workers in this sector and the creation of abandoned industrial zones in the US, called the rust belt.

Above all, neo-liberal policies mean giving the control of the market to big companies' initiative, and the withdrawal of the state from the economic sphere through the privatization of public institutions. Neo-liberalism applies such changes in underdeveloped or developing countries through some institutions, such as the IMF and the World Bank. In return, those international organizations impose their economic policies on those countries as result of their loans to them. No need to explain even that these policies are formed in favor of big companies. The most well-known of such policies is *the Structural Adjustment Programs* that the IMF implemented since the mid-1980s. Within the framework of the Structural Adjustment Programs, some reforms have been carried out, for instance; cutting subsidies to local small farmers, reducing public expenditures and obligatory expenditure in health-education, minimizing food aids and shrinking the public sector. These policies hit mostly people who live in rural areas of Africa and Latin America. Millions of peasants living in countryside who earn their lives via agriculture and animal husbandry started to face difficulties for their livelihoods, and as result, people flowed to urban areas massively. Cities such as Kinshasa, Lahore, and Mexico City have been filled with millions of new comers who occupied peripheries and slum areas (see, Davis, 2006). Those people, who can be considered as urban poor class in staffed big cities, supplied their sheltering needs by building shanty towns, which made such cities more uninhabitable. For people who have become the new poor class of cities, the livelihood was transformed into an unrelenting battle. Beyond huge number of Africans who try to migrate to European countries, in 2018, thousands of people fled gang violence, poverty and political repression from the Central American countries, including Honduras, Ecuador, where almost no state authority exist, but the drug cartels are very strong, created a wave of migration into the USA in caravans¹.

From this point of view, it can be argued that the immigration issue, which has become the main agenda of Europe and the USA today, is a backlash of neoliberal globalization that has served for the interests of developed countries. This can be assumed to be an inevitable consequence of the global injustice, which is created by neo-liberal policies. The gist of the matter is that; neo-liberal policies operated in favor of developed countries have caused great destruction in the undeveloped and developing countries. One of the imminent consequences of this situation was the migration

¹ <https://www.bbc.com/news/world-latin-america-45951782>, acc. date. 23.12.2018.

flows towards rich countries. In the face of this, the US and European countries have increased their measures in order to stop the influx of migrants and have expressed this in a more effective way to the world agenda.

The migration flow is, in fact, a forced immigration process of villagers who became the new poor classes of urbans as a result of the Structural Adjustment Programs, which are implemented with justification of economic growth. This migration process is a forced migration occurs from the land where the bread is scarce, to the lands where the bread is abundant in the cost of their lives, and for people who manage to do it, to collect of the crumbs of the cake in societies with welfare.

2. Increased International Migration

As a result of developing transport technologies and facilities, the rapid increase of international migration in the last three decades is another dimension of globalization. The mobilization capability of men has reached a level that has never been seen before in the history and the growing airline sector has a big share in such level. Today, around 100,000 flights are carried on and on average 9 million people are transported per day (www.greenclaim.com, 2019). According to the data of United Nations World Tourism Organization (UNWTO), international tourist transportation continues to grow uninterruptedly. In 1950, it increased from 20 million to 277 million in 1980, 435 million in 1990, 675 million in 2000 and 940 million in 2015 (Mahbubani, 2015: 90). Although a significant portion of these travels are made for business and tourist purposes, it can also be predicted that they are leading to permanent immigrations. In addition, labor force migration with millions occurs every year internationally.

Another important dimension of international migration is irregular migration. Every year, hundreds of thousands of people leave their home countries in illegal ways and immigrate to other countries. No doubt, one of the main motivations of irregular migration is economic causes. Judging by migration statistics, it is seen that international migrations are generally made from countries such as Africa, Asia and Latin America, to the developed ones, namely as West European countries, the USA, Canada and Australia (Castles and Miller, 2009).

One can argue that global inequality is the most important factor that creates human migration from poor countries to rich ones. This is undoubtedly one of the consequences of the global economy, especially the structural adjustment programs mentioned above. The factors such

as the destruction of agricultural areas by big corporations, the disappearance of forests, and the defeat of farmers in competition with big corporations, have largely eliminated traditional livelihoods in rural areas (Davis, 2006). For example, about ten thousands farmers in India commit suicide each year because they cannot pay the loans they received from the usurers (www.dw.com.tr, Acc Date: 10.10.2017). As a result of such tragedies in rural areas, intense migrations arise toward cities, thus increases poverty in urban areas. This kind of process ends up with decision of people to leave the country with such harsh conditions for the purpose of seeking better lives abroad.

In addition, beyond globalization, nowadays societies are aware of other societies' advantages and disadvantage they are experiencing thanks to development in mass and social media as result of increase in using mobile phone. That means, societies with low welfare standards ask for the similar quality of life that is practiced by the well-being societies.

Another factor that increases international migration is related with the growing of the middle-class globally. According to the OECD data (Kharas, 2010), the distribution of the global middle class which is more likely to be the subject of consuming society, projected to be increased particularly in Asia Pasific.

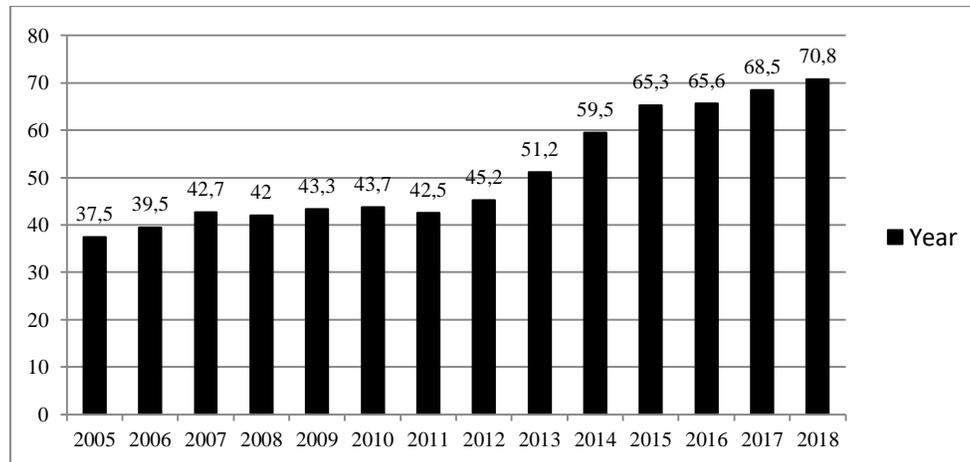
Today, the majority of societies know about the way of a modern middle class's standard of living, and almost everyone wants to reach such standards. Besides, the chance of mobility of the middle classes is higher than the individuals of the lower-income groups. In this context, one can state that the tendency of individuals from Asia, Africa and the Middle East, who have this ability to immigrate to Europe and North America, is increasing. One of the reasons for the fortification of more sheltered borders, where the boundary walls have risen in the Western world today, can be indicated as the growing of middle classes.

In short, we live in a more connected, but less integrated world, where on the one hand, the majority of the world's population currently has a desire to move to another country or plan to, but on the other hand, where the borders are more strictly guarded. As Krastev (2017) points out, globalization is breaking down the nets, as it links.

Another reason for the irregular migration is civil wars, unstable administrations and security concerns due to political turmoil. One can argue that those facts are the most influencing reasons for causing irregular migration for the last decades. According to United Nations' data, as of 2018, there were 70,8 million displaced people worldwide. Among these people, 25,9 million were refugees, and 3,5 million were asylum-seekers. Approximately 10 million people are also at

risk of being stateless or they were stateless (UNHCR, 2018). As it can be seen in the table below, the displaced population has almost doubled in ten years. The most dramatic increase has been seen since 2012. No doubt the ongoing civil war in Syria has a large share in this statistics.

Table 1: Number of Displaced Population Between 2005-2018 (million)



Source: UNHCR Global Trends 2018, <https://www.unhcr.org/globaltrends2018/> Acc. Date: 21.12.2019.

As Krastev points out, today the world is populated by many failed states; nobody wants to be a citizen of (2017: 72). According to UN figures, more than half (55%) of refugees worldwide came mainly from four countries. These countries are as follows: Syria is 6,7 million, Afghanistan is 2,7 million, South Sudan is 2,3 million and Myanmar is 1,1 million (UNHCR, 2018).

3. Cultural and Conservative Reaction

One can assert that the global economy, which is one of the phenomena that grays national borders, thus erodes the notion of nation-state in the most sense, has created a nationalist reaction. It appears that this reaction has emerged in developed countries and has a conservative nature that contains a desire to return to the past. Donald Trump's motto "Make America Great Again", in Brexit campaign led by UKIP's motto "We Want Our Country Back," slogan of the AFD in Germany as "Take Your Country Back" reveals such nationalist reactions. All slogans share a common sense of greeting the Past. It can be stated that the populist rhetoric derives its power from mobilizing people who are the victim of economic system and it uses their collective anger for

gaining more political support. The prescription that the populist discourse proposes by offering to return to so-called old "century of happiness" days resembles the way of Muslims' description for the times of Islam's rise called as "the century of happiness". In this respect such prescription can be described as conservative, but it is clearly visible that it has a regressional character.

What the leaders of the new authoritarian populism have in common: the recognition that none of them can truly control their national economies, which are hostages to foreign investors, global agreements, transnational finance, mobile labor and capital in general. All of them promise national cultural purification as a route to global political power (Appadurai, 2017: 5). This cultural purification refers to a situation in which politics of identity dominates the political sphere. This situation can sometimes gain a racist dimension. Castles and Miller (2008) argue that the reasons for this situation lie in deep-rooted economic and social changes that make the idea of optimistic progression to Western thought controversial. According to them, since the early 1970s, an important part of society experienced social and economic changes as a direct threat to their social conditions and identities. Simultaneously with these changes, the emergence of new ethnic minorities led to these groups being the subjects of the threat. Foreigners were seen as the causes of dangerous changes.

These debates around identities and cultural affiliation lead to the idea that social problems as if originated from cultural sphere, instead of economics. As stated by the Italian political scientist Piero Ignazi, the conflict on distribution of the resources is replaced by exchange of the values (Atikkan, 2014: 18).

Xenophobia is not seen in advanced industrial societies solely, but can be experienced in almost all societies which receive migration. South Africa which host millions of immigrants from neighboring countries is one of them. Xenophobia is also experienced in Russia (Mukomel, 2013) and Eastern Europe.

4. Cultural Changes and Ungovernableness of Huge Masses

Demographic changes occur at global scale is one of key elements to take into consideration in analyzing topics, such as the problem of immigrants, the refugee crisis, the increase of foreign opposition and the rise of populist politics.

In order to understand the demographic effect of the world population which reached almost to 8 billion, one should look closely at the growth rate of it in the last century. 200 years ago, the world's population was around 1 billion; this figure reached 1.5 billion at the beginning of the 20th century, and increased to 6.1 billion over the century and up to 7.6 billion at the beginning of the 21st century.²

The growing population undoubtedly has a direct impact on reduction of the resources, on multiplication of the needs such as food, clothing and housing. Taking into consideration the increasing consumption of the middle classes around the world, one can understand better the demographic effect on social and economic changes.

Another consequence of the increased world population is related to the political sphere. In other words, it is connected with the difficulty of manageability of the growing population of countries. That is to say, the small populated nations can be easier managed and governed than the large ones. Especially such a situation is problem for the countries which contain large population and get immigrations. The political crisis and instabilities in governing of big masses whose needs are high and diverse in countries such as Venezuela, Brazil, Turkey, Egypt etc., prove such a statement.

5. Fear of Terror and Anxiety for Security

For such a difficulty in management of big masses, the populist politics finds solution in the patterns of the past. Such politics enhances the ideas of individuals' responsibilities for their own countries, preservation of national values, reinforcement of segregation between citizens and immigrants/foreigners as 'us' and 'them'. It raises a discourse filled with simple and practical solutions.

Such a discourse is based on re-awaking of the nation-state notion, rather than a new political vision. This politics is constructed through the fears spread out over societies, upon the existence of the 'others/strangers'. Such fears can be produced in variety of ways, as follows: claiming foreigners for not being able to be integrated, accusing the immigrants for eroding the values of the host society, blaming them with bringing infectious diseases, or resembling them with the Greeks hidden in the Trojan horse.

² www.ourworldindata.org, Acc. Date 19, 11.2017.

No doubt, the fear against foreigners in western societies has some concrete grounds. The terrorist attacks in various dates in Europe caused among societies the development of fear towards the migrants, especially Muslims. It was stated by different authorities that those attacks should not be attributed to Muslim communities living in the West. Even so, a partial bias against Islam among western societies could not be prevented. Zeynep Atikkan (2014) states that cultural affiliation targeted first the immigrants, particularly Muslims in Europe, who have got a bitter history for being in the status of 'the others'.

Nilüfer Göle (2015) relates such an attitude, which also can be named as anti-Islamism particularly with the increase of Muslims' visibility in public spheres. The increased participations of the second and the third generations of the migrant families in business, in education, in daily life, shortly in different areas of social life, invoked an idea for some Europeans, as if Muslims are taking away their places, their jobs etc. from them.

Securityist discourse is considered to be one of the main arguments of populist politics, which constantly stimulates the dangers and risks for societies and emphasizes on taking more measures, specifically against Muslims, but also it holds all foreigners responsible for such dangers. For instance, in Europe far-right parties and in the USA Donald Trump accuse immigrants for making their countries more dangerous places. From the support they receive, one can admit that anti-immigrants discourse provides populist leaders with many benefits for their election campaigns.

6. The Regression of Central Parties

Due to factors such as globalization, international migration, altered production processes, demographic changes, neo-liberal policies, deepening inequality, and increasing social movements and demonstrations thank to social media, the authorities often face difficulties in governing societies. The central parties, which are assumed to carry opinions from different backgrounds, are away from constructing policies compatible with those radical changes. Besides, the political approaches they follow reveal the distrusts against them in the perspectives of the masses. Considering some developments, such as Podemos in Spain, Syriza in Greece, and far-right parties in Europe, which have entered an upward trend, the rise of such parties from both sides left and right, is a result of such failure of the parties considered to be central.

CONCLUSION

In thinking about the rise of populism against centrist politics today, it is interesting to remind ourselves that similar divisions occurred in Ancient Greek philosophy. Aristotle, who lived in the 3rd century BC, and his mentors Socrates and Plato were questioning the concept of existence in different aspects on the base of logic. On the other hand, sophists would praise the relativity of knowledge, putting man’s perceptions at the center.

According to the sophists, it was not facts or observed phenomena that constituted reality, but rather what an individual perceives, thus making it essentially all about rhetoric. As great demagogues, sophists would make their living by selling the art of demagoguery to the people of Ancient Greece.

This time around, populist politics, whose actors favor demagoguery to target the masses with their convincing rhetoric, focus on what people want to hear rather than the facts. Modern-day populists are employing so-called post-truth politics as their method of choice to derail centrist approaches shaped by facts and logic.

Aristotle described man as a “political animal” —*zoon politicon*— referring to communitarian life and its inevitable result as a development of politics. Living in a collective also developed along with the distinction between “us and them.” This distinction has become a fundamental issue that gives a sense of solidarity, belonging and, ultimately, identity to a society. Each identity has developed at the same time or beyond other identities. The foreigner, the unknown and often the potential enemy is positioned as one of the main factors that represent the “other” in this sense. Communities have maintained their existence by establishing a social structure based on solidarity against those who are “the others.” German philosopher Ferdinand Tönnies (2002), who describes this social structure as *Gemeinschaft* (community), claims that it has disintegrated as a result of the Industrial Revolution and capitalism. A new social structure then developed in the modern age, which he describes as *Gesellschaft* (society), on the basis of individualization in European societies.

Emile Durkheim (2014), who conceptualized this distinction as mechanical and organic solidarity, emphasizes that collective consciousness is very strong in the former, while in the latter individual consciousness is more developed. This new social structure, fed by migrations from rural to urban areas, refers to a modern stage where diverse cultures and identities share a common ground, and thus the division of "us and them" begins to fade. This means that cosmopolitan thought and social structure, which are important features of modern societies, are widespread in the Western.

Nationalism, which developed in Europe during the early modern period and laid the foundations for the nation-state, designates a process of reconstruction of the "us and them" distinction around mass populations. Nations appear, on a very large scale, as constructions around the concept of "us." This process, in which centrist and homogenizing policies dominated at first, has followed a process of multiculturalism that advocated pluralism and diversity since the 1960s, followed by a process of globalization, which became evident in the 1980s and, finally, the development of liberal democracy at the end of the Cold War in 1989.

Such developments created optimism in the development of a civilization of mankind, but caused great disappointment soon after. One can put forward many reasons for this. However, the most prominent phenomena among them are ethnic awakenings, micro-nationalisms in different parts of the world, the emergence of new ethnic minorities as the result of global migration and, consequently, a rise of xenophobia and racism.

This new situation, where cultures are getting politicized and identity politics dominate the political sphere, makes us consider the ongoing process as the rebirth of the *Gemeinschaft*. According to Ulrich Beck (2006), "today's great problem is the jarring contradiction between our already-close-to-cosmopolitan *plight* and the virtual absence of a cosmopolitan *awareness*, mindset or attitude."

French sociologist Alain Touraine (2009) expresses his frustration about this new situation in such words: "We were convinced that we have been transitioned from the *Gemeinschaft* to *Gesellschaft*; that is, instead of whom we are to what are we doing. However, we have acted in the opposite direction, and from every possible point of view, from the most negative aspect to the most disgusting point, the communitarian spirit emerges everywhere." The communitarian soul was, in fact, always present. Experiencing the *Gesellschaft* was maybe just a historical case in certain geographies and certain periods.

The misconception of Marxist theory, which defines the class as a fundamental subject of history and ethnicity as a transitory fact, has failed, along with many ideas, with the decline of the working class, the unions and the leftist politics defending them. In their work on ethnic awakening, Stephen Castles et al. (2009), remark that ethnic mobilization is replaced by class as the result of the decline of its influence in advanced industrial societies.

One can claim that ethnic or national communitarianism, which expresses a social organization where emotions predominate and are fed by nationalism, is providing nations with a new communitarian soul. It can be argued that this development, which reintegrates the "us and them" distinction, involving millions of people, is different from the process of early nation building. Unlike a republican or a multicultural model, this new communitarian process does not entail integrating varied ethnic or migrant groups and, therefore, it cannot be defined as an inclusive one.

Instead, it is exclusive, which creates an isolationist solidarity based on economic concerns against migrant or refugee groups for nations who belong to a dominant culture and identity. This can be described as a new communitarian soul around "being the host." This soul, based on the judgment that "this is my country," identifies itself as being different from the individuals belonging to other identities, and mostly against newcomers. This new communitarian mentality has emerged, in particular in the societies of migrant states with a conservative, reactionary and exclusionary discourse.

For example, US President Donald Trump's motto, "Make America Great Again," the UK Independence Party's Brexit campaign motto, "We Want Our Country Back," as well as the Alternative for Germany (AFD) slogan, "Take Your Country Back," reveal such reactionary discourses that glorify the past when the issue of immigration was perceived as being less acute. Ultimately, we are living in a world where millions of people are not satisfied with where they live. On the one hand, everyone is trying to migrate to another place or dreams of it, or at least of being globally interconnected. On the other hand, there exists a communitarian world where no one wants a stranger to be their neighbor.

In this sense, an emphasis on identity and values in order to foster a communitarian mentality is critical. Newcomers are generally accused of putting the "real" identity of the host society in danger as the result of new practices they bring, which are presumed to corrupt the values of the local society. Newcomers are described as a threat to the national culture. It can be argued

that such justifications are expressed mostly by populist politicians, and judging by the success of populist parties around the world, it works.

This success of populist politics, which has reached a position that can determine the political sphere today in terms of its achievements in many countries around the world, can be sought after using the distinction of “us and them” in a predominant way. Such rhetoric can easily gain the support of the masses because it shows the voters the “exact problem” in a concrete and simple way. The problem is obvious to a populist: people who have migrated to their countries en masse, who are on the news all the time, visible in almost every public space — people who are not same us, the others, foreigners.

In a debate about what gives rise to populist politics and the xenophobia that feeds it, a global migrant population of 65 million, driven by factors such as economic insecurity, conflict and climate change, is hard to ignore. Global social inequality and poverty, due to globalization and its component neoliberalism, which created the structural changes — the marketization of social relations and daily life, the dominance of finance capitalism, the fading of the welfare state, etc. — constitute some of the main causes of mass international migration.

As a result of the structural changes that neoliberalism has created in economic and social policies beyond the production process, migration occurs in the zones where poverty is widespread and the population is increasing, moving toward the zones where economic conditions are better. We see this in those migrating from African countries to Europe despite all the risks of crossing the Mediterranean Sea, and in the thousands who formed caravans and marched from Central America to the US border.

And of course, these newcomers are the first subjects to be blamed for problems such as decreases in incomes, rise of unemployment, increase of cost of living, etc., that occur in prosperous countries due to structural changes.

This analysis should also include the free circulation of capital and goods that make up some of the opportunities that the globalization process has created, thanks also to mass media and transportation technologies. The unrivaled superiority and economic prosperity of Western countries since the Industrial Revolution began to disappear with developmental successes in areas such as Asia and Latin America. It can be claimed that globalization, which has made the pioneer of the West and is advantageous for these societies at first, began to work against the West as a result of opportunities provided by the global economy to non-Western countries.

Policies aimed at preventing capital flight and efforts to increase border security support this claim. At this point, it can be said that terrorist attacks in the West often provide a justification for harsher border protections. These restrictions on free movement are among the main issues that populist leaders defend.

These factors can also be added to the fact that the world population is growing rapidly and that managing these vast masses of people has become very difficult. The population of over 7 billion needs to meet basic needs such as housing, education and health. Today’s world population does not have the characteristics of the mass society of the 19th and the first half of 20th century. But far beyond that, although today’s world benefits from more advanced technology, it still remains similar in a cultural sense. In other words, today’s global society has not overcome being a mass society — it still keeps its features, which is to say that one can hardly claim our global society has achieved ethical or cultural enlightenment.

In this sense, the criticism of the Spanish philosopher Ortega Gasset (1994) toward the early modern European society which was made up of the mass man — whom he describes as spiritually and culturally void, who doesn’t question and is one-dimensional — can be applied to the current global mass society. We have developed new technologies, and thus created a new form and complicated social structures. Gasset, in his book *The Revolt of the Masses*, describes the societies that are dominated by the masses as consisting of very similar people. “Ordinaryization,” in other words homogenization, brings about one of the important characteristics of these societies. People are tactful, and sometimes intolerant of differences. Because of their lack of historical conscience and cultural depth, masses can easily drag societies into conflict.

Im Westen nichts Neues — nothing new in the West, the German title of Erich Maria Remarque’s (2005) *All Quiet on the Western Front*. This phrase resonates in my mind while reading political news, particularly concerning the West, where enlightenment has been achieved, individual freedoms secured, modernity constructed. Not much has changed since Ancient Greece: Politicians are almost the same politicians; societies are almost the same societies.

It is tragic to observe that the cultural form of societies remains almost same through the ages, with people still readily manipulated and mobilized by a hollow rhetoric. We are witnessing the rise of populist politics in different parts of the world today, from Brazil to Hungary and the Philippines, because mass societies can be easily mobilized, open to manipulation, can easily support identity politics and, eventually, can easily slide into communitarianism, which stands awkwardly in contradiction to our highly interconnected global society.

CETIN, Ihsan (2019), “The concept of us and them: communitarianism and the rise of populist politics”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 30-51.

DOI: <https://doi.org/10.21747/08723419/soc38a3>

But let’s not sound too pessimistic and remember the existence of people and platforms that act for the general good, using the light of logic and common sense. The number of people who advocate for truth, peace, diversity, heterogeneity, ecology and so on may not be massive, but their voices give us hope to believe in the future despite regressions. As a matter of fact, when it comes to Greek philosophy, it is the ideas of Socrates, Plato and Aristotle’s ideas that we remember first, not of the sophists.

REFERENCES

- ANDERSON, Benedict (2006), *Imagined Communities, Reflections on The Origin and Spread of Nationalism*, New York: Verso.
- APPADURAI, Arjun. (2017), “Democracy Fatigue”. in Heinrich Geiselberger, *The Great Regression*, Cambridge, Polity Press, p. 1-12.
- BAUMAN, Zygmunt (1999), *Sosyolojik Düşünmek*, İstanbul, Ayrıntı Yayınları.
- (2017), “Symptoms in Search of an Object and a Name”. Heinrich Geiselberger, *The Great Regression*, Cambridge, Polity Press, p. 13-25.
- BECK, Ulrich (2006). *Cosmopolitan Vision*, Cambridge, Polity Press
- CASTLES, Sphen, et al. (2009), *The Age of Migration, International Population Movements in The Modern World*, 4th Ed., New York, The Guilford Press.
- DAVIS, Mike (2006), *The Planet of Slums*, New York, Verso.
- DOYTCHEVA, Milena (2013), *Çokkültürlülük*, İstanbul, İletişim Yayınları.
- DURKHEIM, Emile (2014), *The Division of Labor in Society*, New York, Free Press
- FRASER, Nancy. (2017), “Progressive Neoliberalism Versus Reactionary Populism: A Hobson’s Choice”. Heinrich Geiselberger, *The Great Regression*, Cambridge, Polity Press, p. 26-39
- GASSET, J. Ortega. (1994), *The Revolt of the Masses*. New York, W. W. Norton & Company
- GEERTZ, C (1983), *Local Knowledge*, BasicBooks, Printed in USA.
- GÖLE, Nilüfer (2012), *Seküler ve Dinsel: Aşınan Sınırlar*, İstanbul, Metis Yayınları.
- GÖLE, Nilüfer (2015), *Gündelik Yaşamda Avrupalı Müslümanlar*, İstanbul, Metis Yayınları.
- KHARAS, H (2010), “The Emerging Middle Class in Developing Countries”. Report No: 285. [Consult. on 4.11.2017]. Available at: <<https://www.oecd.org/dev/44457738.pdf>>.

- CETIN, Ihsan (2019), "The concept of us and them: communitarianism and the rise of populist politics", *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 30-51.
DOI: <https://doi.org/10.21747/08723419/soc38a3>
- KLEINGELD, Pauline and BROWN, Eric, "Cosmopolitanism", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2019 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <https://plato.stanford.edu/archives/win2019/entries/cosmopolitanism/>
- KRASTEV, Ivan (2017). "Majoritarian Futures". Heinrich Geiselberger, *The Great Regression*, Cambridge, Polity Press, p. 65-77
- JAY, Martin (2006). Yahudiler ve Frankfurt Okulu: Eleştirel Kuramın Anti-Semitizm Çözümlemesi. in. H. Emre Bağçe, *Frankfurt Okulu*, İstanbul, DoğuBatı Yayınları.
- MAHBUBANI, Kishore (2014). *The Great Convergence: Asia, the West, and the Logic of One World*, New York, Public Affairs.
- MASON, Paul (2017). "Overcoming the Fear of Freedom", Heinrich Geiselberger, *The Great Regression*, Cambridge, Polity Press, p. 88-103
- MUKOMEL, Vladimir (2013). *Xenophobia and Migrant-phobias in Russia: Orgins and Challenges*. CARIM-East Explanatory Note 13/97. <https://cadmus.eui.eu>. Acc date: 21.12.2019
- MÜLLER, Jan-Werner (2017). *What is Populism?* London, Penguin.
- SARAMAGO, Jose (2009). *Death With Interruptions*, New York, Mariner Books.
- REMARQUE, Erich Maria (2005) *All Quiet on the Western Front*, London, Vintage Publication.
- TOURAINÉ, Alain. (2008). *Başka Türü Düşünmek*, İstanbul, Kırmızı Yayınları.
- STENNER, Karen (2012). *The Authoritarian Dynamic*, Cambridge, Cambridge University Press.
<https://doi.org/10.1017/CBO9780511614712>
- UN (2019). *International Migrant Stock 2019*. bit.ly/Migration2019, Acc. Date, 21.12.2019.
- UNHCR, (2016). Refugee or Migrant, Which is Right? <https://www.unhcr.org/news/latest/2016/7/55df0e556/unhcr-viewpoint-refugee-migrant-right.html>. Acc. Date: 21.12.2019
- UNHCR, (2017). *Global Trends, Forced Displacement in 2017*, <https://www.unhcr.org/5b27be547.pdf>, Acc date: 12.12.2018.
- UNWTO, *Global Report on Aviation, World Tourism Organization*, https://cf.cdn.unwto.org/sites/all/files/pdf/unwto_globalreportonaviation_lw_eng_0.pdf, Acc date: 21.12.2019.
- TOURAINÉ, Alain, (2009). *Thinking Differently*, Cambridge, Polity Press.
- TÖNNIES, Ferdinand (2002). *Community and Society*. New York, Dover Publications.
- ZIZEK, Slavoj (2017). *The Populist Temptation*, Heinrich Geiselberger, *The Great Regression*, Cambridge, Polity Press, p. 185-218.

CETIN, Ihsan (2019), “The concept of us and them: communitarianism and the rise of populist politics”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 30-51.

DOI: <https://doi.org/10.21747/08723419/soc38a3>

Ihsan Cetin. Assoc. Professor Department of Sociology in Tekirdag Namik Kemal University. Tekirdag/Turkey (Turkey). Address: Tekirdag NKU, Sosyoloji Bolumu, No: 243, 59030 Tekirdag/Turkiye. Email: icetin@nku.edu.tr

Artigo recebido em 3 de maio de 2019. Aprovada a publicação em 21 de novembro de 2019.

Processos de criação artística comunitária: questões metodológicas

Irene Serafino

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Resumo

A partir do trabalho empírico de quatro anos, inserido num Doutoramento em Sociologia, apresentam-se considerações sobre o papel dos sociólogos no campo. As reflexões acerca do estudo de caso da associação *Pele_Espaço de Contacto Social e Cultural*, que atua no território da cidade do Porto desde 2007, levantaram questões relacionadas com a interação da investigadora com o contexto analisado como *o fazer e o estar* da socióloga no terreno, as implicações éticas, a centralidade de incursões aprofundadas e duradouras, o equilíbrio entre colaboração, proximidade e distanciamento analítico crítico.

Palavras-chave: Metodologia; Reflexividade; Práticas artísticas comunitárias.

Artistic creation on community processes: some methodological issues

Abstract

From the field experience in a four-year empiric research, integrated in my Ph.D in Sociology, are shown considerations about the role social researchers plays. Thoughts about the *Pele_Espaço de Contacto Social e Cultural* association's case study, acts in the city of Porto since 2007, raised questions related to the sociologist interaction with the analyzed context: the "doing" and "being" of the sociologist in the field; the ethical implications; the centrality of in-depth and long-term fieldwork; the balance between, collaboration, approximation, and critical analytical detachment.

Keywords: Methodology; Reflexivity; Community artistic practices.

Procesos de creación artística comunitaria: cuestiones metodológicas

Resumen

Objeto de este artículo es una reflexión sobre el posicionamiento de los sociólogos en el campo, empezando desde un proceso de trabajo empírico de doctorado en sociología largo cuatro años. Las consideraciones se han desarrollado alrededor del estudio de caso de la asociación *Pele_Espaço de Contacto Social e Cultural*, que trabaja en el territorio de Oporto desde el 2007. El trabajo planteó preguntas relacionadas con la interacción de la investigadora con el contexto analizado como *el hacer y estar* en el terreno de la socióloga; las implicaciones éticas; la centralidad de las incursiones profundas y duraderas; el equilibrio entre colaboración, proximidad y distanciamiento analítico crítico.

Palabras clave: Metodología; Reflexividad; Prácticas artísticas comunitarias.

Processus de création artistique communautaire : questions méthodologiques

Résumé

À partir de l'expérience acquise dans un processus de travail empirique de quatre ans, inséré dans un projet de doctorat en sociologie, des réflexions théoriques et pratiques sur le rôle des sociologues dans le domaine sont présentées. L'étude de cas de l'association *Pele_Espaço de Contacto Social e Cultural*, qui opère sur le territoire de Porto depuis 2007, ont soulevé des questions liées à l'interaction du sociologue avec le contexte analysé : l'action et la position du chercheur avec le travail sur le terrain : les implications éthiques ; la centralité des travail sur le terrain profonds et durables; l'équilibre entre la collaboration, la proximité et la distanciation analytique critique.

Mots-clés : Méthodologie ; Réflexivité; Pratiques artistiques communautaires.

1 – Notas introdutórias

Analisar sociologicamente as práticas artísticas comunitárias, associadas à intervenção social e com objetivos culturais, educativos e de inclusão social, insere-se no debate atual sobre as possibilidades e a eficácia de colaborações entre as políticas sociais e as políticas culturais¹. Foi levada em conta a recente propagação na Europa, mas não somente, de projetos culturais e artísticos com objetivos educativos e sociais desenvolvidos junto a grupos de populações vulneráveis, o aumento dos discursos sobre estas práticas e a resolução da União Europeia sobre a importância de determinar a qualidade de vida das sociedades passando pela compreensão dos níveis de bem-estar (Parlamento Europeu, 2011). A partir destas considerações iniciais,

¹ O presente artigo constitui uma reflexão que decorre da investigação e da escrita da tese de Doutoramento Europeu em Sociologia intitulada “Práticas artísticas e inclusão social: estudo de caso da associação portuense *Pele_Espaço de Contacto Social e Cultural*”, realizada no Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (IS-UP), orientada pela Professora Doutora Natália Maria Azevedo Casqueira (FLUP), co-orientada pelo Professor Doutor João Miguel Trancoso Vaz Teixeira Lopes (FLUP) e realizada com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/100168/2014).

promoveu-se uma reflexão sociológica que se moveu da análise multidimensional da associação portuense *Pele_Espaço de Contacto Social e Cultural (PELE)* (Serafino, 2019). A associação foi constituída formalmente em 2007 e atua nas áreas socioeducativa, artística e de formação, tendo em vista o desenvolvimento individual, a integração e a afirmação da cidadania, em comunidades específicas e em contextos de exclusão social (Pele, s/d).

A investigação, efetuada no âmbito do Doutoramento em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, contou com um trabalho continuado no terreno de quatro anos e procurou uma compreensão do fenómeno a partir de um estudo de caso único (Yin, 2009) que proporcionou o diálogo entre níveis micro e macro, evitando uma análise isolada do objeto. Consoante às abordagens possíveis às investigações sobre as artes e, no específico, ao teatro (Borges *et al.*, 2014), foi colocada atenção acrescida à dimensão organizacional, social e de análise das possibilidades de melhoria da qualidade de vida dos participantes.

O quadro metodológico intensivo do estudo de caso procurou a saturação analítica do objeto por meio de diferentes técnicas e pela triangulação dos dados recolhidos. Na escrita do elaborado final se procurou respeitar o andamento abduutivo da investigação, caracterizado pelo ir e vir constante entre os quadros teóricos e as incursões no terreno (Azevedo, 2007; 2014). Foram explicitadas, assim, as escolhas metodológicas, os instrumentos criados e os procedimentos analíticos.

Por meio do estudo de caso, inserido num contexto territorial, social, económico e político, o objetivo geral foi analisar, através de uma perspetiva sociológica, como e em qual medida determinadas ações da sociedade civil de carácter cultural e artístico proporcionam alternativas às formas de exclusão e segregação social no Concelho do Porto. De forma específica, os objetivos estavam voltados à compreensão e análise das relações entre a participação nas atividades da associação e a inclusão social; entre a associação e os participantes; entre a associação e outras instituições públicas; entre as atividades da associação e os territórios, que consiste, no nosso caso específico, no espaço urbano.

Foi realizada uma análise diacrónica da trajetória da associação, da sua estrutura e de suas relações com os territórios e com os parceiros. A partir de uma abordagem crítica, teoricamente e empiricamente fundamentada, foram acompanhadas as ações da associação e seus projetos realizados entre o ano de 2014 e o ano de 2017 e foram consideradas as modalidades de implementação, os impactos e os desafios que acompanham estas ações.

Os procedimentos metodológicos do estudo, que se inserem numa estratégia predominantemente qualitativa (intensiva), foram desenvolvidos a partir da pergunta de partida e dos objetivos e, também, construíram-se em constante relação com o objeto empírico. Ao longo do trabalho de campo foi levado em conta o papel central da investigadora no processo de

investigação e a necessidade de não prescindir da reflexividade para alcançar o equilíbrio entre rigor e criatividade (Pyett, 2003). Estes pressupostos, por um lado, traduziram-se na reflexão acerca dos atributos individuais, das experiências de investigação e das perspetivas movimentadas. Por outro lado, incentivaram a recolha sistemática de observações acerca do próprio *fazer e estar* da investigadora no terreno e a criação de múltiplos espaços reflexivos.

Neste quadro, o presente escrito apresenta um exercício de retrospectiva e aprofundamento da autorreflexão sociológica acerca da investigação de Doutoramento e, no específico, de seu processo metodológico, efetuada *in progress* e *a posteriori*. Aprofunda-se, assim, a análise reflexiva da investigação sociológica abdução para a compreensão das práticas artísticas comunitárias na contemporaneidade.

2 – Breve contextualização teórica do objeto de análise

Sociologicamente podem ser identificadas três gerações de estudos da arte: estético-sociológica, história social da arte e sociologia empírica (Heinich, 2004). Nesta última, em que este estudo se enquadra, analisa-se a arte enquanto fenómeno social e se estuda o funcionamento do ambiente em que a arte se manifesta. Neste sentido, focou-se na análise dos atores protagonistas, de suas interações e de suas experiências artísticas. Colocou-se atenção, também, na estruturação interna da associação PELE, enquanto organização, para compreender suas dinâmicas na produção das obras. Juntamente, foi dado espaço à compreensão da rede em que a associação se encontra e suas dinâmicas próprias. Para tal, foi efetuado um estudo multidimensional que integrou técnicas variadas, ou seja, observação participante, inquérito por questionário, entrevistas semi-diretivas e análise de fontes documentais, conforme aprofundado no item que segue.

Nas últimas décadas, adquiriu nova vitalidade o debate acerca das políticas sociais e do papel das instituições culturais enquanto atores protagonistas do contraste à exclusão social, passando pelas reflexões sociológicas sobre democratização da cultura e democracia cultural (Botelho, 2008; Lopes, 2008; Rubim, 2012), intervenções pela arte pública (Pinto, 1995; Ferro *et al.*, 2014) e sobre a associação entre património cultural e desenvolvimento local (Azevedo, 2007; 2014). O trabalho acerca do qual se reflete neste artigo insere-se nos estudos sociológicos sobre as práticas artísticas e culturais associadas à intervenção social. Estas práticas, utilizadas como meio de intervenção para obter efeitos positivos sobre o bem-estar pessoal, a educação, a participação cívica e a coesão social, levaram à reflexão acerca da arte enquanto instrumento social e político (Bourdieu, 2013).

Inserir as práticas artísticas em lógicas de políticas públicas leva a refletir acerca da instrumentalização das artes para fins não diretamente artísticos e acerca da necessidade, da eficácia, dos planos de intervenções e da importância da arte na vida quotidiana dos indivíduos (Melo, 2014; 2015). No caso específico do âmbito teatral, prática artística central nos trabalhos da PELE, podem ser identificados estudos sociológicos que se concentram na análise dos públicos, das representações teatrais, dos atores, das relações funcionais do conteúdo das obras, das estruturas sociais em que se inserem as obras, das funções sociais do teatro nos diferentes tipos de estruturas sociais (Gurvitch, 2011). Evidencia-se a importância de focar em múltiplos aspetos para considerar o teatro enquanto fenómeno social e cultural (Gurvitch, 2011). A partir destes pressupostos foi levada em consideração a necessidade de uma análise multidimensional, que, no caso específico, concretizou-se no estudo da estrutura organizativa da PELE, de seu contexto, de seus *outputs* e de seus impactos sociais.

Inúmeras questões e problemas de investigação sociológicos podem beneficiar-se de quadros metodológicos de teor qualitativo que vão em busca de um entendimento e compreensão da exclusão social (Estivill, 2003), proporcionando uma análise processual e multidimensional de fenómenos de marginalização, até o investigar questões sobre “impactos” sociais, relação entre a cultura e qualidade de vida, a coesão social e a inclusão (Borges *et al.*, 2014). Em relação ao objeto de estudo considerado, no primeiro caso, a linha investigativa abriu a possibilidade de reconhecer a multidimensionalidade das situações de exclusão social e de integrar atividades artísticas em projetos sociais de forma institucionalizada (Melo, 2014; Mota e Lopes, 2017). No segundo caso, possibilitou o aprofundamento do conhecimento da realidade social incorporando os atores e as suas práticas, introduzindo outros pontos de vista sobre as dinâmicas, levando em consideração múltiplos níveis de análise e evitando perspectivas demasiado otimistas ou pouco contextualizadas (Serafino, 2019).

Para a análise interpretativa, que promove a descoberta de conceitos e de relações entre os dados brutos, são apontados como elementos transversais e fundamentais os dados, os procedimentos analíticos e os relatórios (Strauss e Corbin, 2008). A explicitação do processo torna-se parte integrante dos resultados da investigação respeitando o critério de validade que, nas pesquisas qualitativas, relaciona-se à capacidade de compreensão, entendimento, representação e explicação do(a) investigador(a) (Pyett, 2003). Teve-se particular atenção à explicitação do processo, levando em consideração os critérios que qualificam os estudos intensivos (Valles, 2007): éticos, de autenticidade, de confiabilidade das técnicas e da aplicação do desenho metodológico para outras investigações, disponibilizando o material criado e utilizado pela recolha dos dados. Refletiu-se numa escrita que procurasse um elevado grau de honestidade, de abertura e de reflexividade, perseguindo os parâmetros de validação (Pyett,

2003). Antes de passar à apresentação dos resultados propostos neste artigo, para situar a discussão colocada nesta sede, na próxima secção se expõe brevemente o processo metodológico do estudo.

3 –Apresentação do processo metodológico

O modelo analítico do estudo de caso etnográfico (Valles, 2007), que promove a compreensão aprofundada do objeto levando em consideração a sua complexidade, foi operacionalizado metodologicamente a partir da triangulação de diferentes fontes (primárias e secundárias) e de diversas técnicas de recolha e de análise dos dados. Esta escolha proporcionou uma apreciação do contexto social a partir de diferentes níveis de análise: individual, relacional, associativo e territorial.

Conforme as especificidades de um estudo indutivo assente na análise sistemática dos dados para o entendimento de um fenómeno social, consoante os pressupostos da *Grounded Theory* (Strauss e Corbin, 2008), salienta-se a natureza processual e interativa que atravessou transversalmente a investigação e que caracterizou o processo metodológico. O objeto de estudo ganhou forma ao longo da investigação, consoante o andamento abduutivo do trabalho, que contou com o diálogo constante entre os questionamentos teóricos e os novos questionamentos levantados pelas descobertas decorrentes do trabalho de terreno (Serafino, 2019: 58).

Respeitando a centralidade da triangulação nas investigações qualitativas (Valles, 2007) e inserindo-se num paradigma de síntese da sociologia (teórica e metodológica), foi efetuada a análise documental e de fontes estatísticas, associada à elaboração dos dados recolhidos a partir de técnicas mais clássicas da vertente qualitativa, como as entrevistas semidiretivas e a observação participante.

As diferentes técnicas integraram-se para responder aos objetivos compreensivos da investigação, de forma coerente com os pressupostos teóricos, metodológicos e em diálogo com o objeto empírico, como pode ser visualizado na tabela que segue.

Tabela 1 – As técnicas utilizadas para a recolha de dados

Observação		
de ensaios	Assistência a ensaios dos espetáculos Mapa, Nós, Passeios ao Pôr do Sol, EIRPAC; Assistência e participação aos ensaios do projeto Retratos das Ilhas (Cal) e oficinas promovidas ao longo do Festival Mexe III e IV	
de espetáculos	Assistência de apresentações públicas dos espetáculos Mapa, Nós, Passeios ao Pôr do Sol, Retratos das Ilhas (Cal) e de espetáculos da programação do festival Mexe III e IV	
de reuniões	Participação em reuniões com a direção da PELE, fóruns de grupos de TC, fóruns no âmbito do projeto Ecoar e reuniões sobre o Festival Mexe III e IV	
de palestras e debates públicos	Assistência de apresentações de documentários e livros, conferências e seminários promovidos pela PELE; Assistência e colaboração na organização dos encontros científicos Eirpac I e II ; Acolhimento e acompanhamento de diretores artísticos e grupos de participantes do evento Mexe III e IV e Eirpac I e II	
Elaboração e realização de entrevistas		
Atores participantes	21 participantes, dos quais 15 do projeto Mapa(de 2 a 4 de cada grupo envolvido) e 6 do projeto Ecoar	
PELE	3 fundadores	
Parceiros	17 parceiros	
Novos grupos de teatro	2 representantes	
Elaboração e aplicação do inquérito por questionário		
Participantes do Mapa	Previstos	Aplicados
	90	61
Análise de fontes documentais		
Análise da página <i>web</i> oficial. Assistência de documentários acerca dos projetos passados. Leitura de referências bibliográficas fornecidas pela organização. Análise de panfletos e programas distribuídos pela associação.		

Fonte: Serafino (2019: 77)

A análise de fontes documentais ajudou a situar o objeto empírico no seu contexto e na compreensão da natureza da PELE. Proporcionou uma primeira visão panorâmica das atividades e de sua programação, dos grupos populacionais envolvidos e dos laços da associação com os territórios. A recolha de informação secundária foi efetuada a partir do levantamento de dados estatísticos oriundos do Censo 2011 disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE, 2017) e pela base de dados PORDATA (INE/PORDATA 2017; 2018; 2018a; 2018b) e do material produzido pela mesma associação (registo audiovisual e escrito presente na página internet oficial apele.org, panfletos, programas e outro material de difusão, acervo bibliográfico sobre os processos artísticos). Foi acompanhada também pela pesquisa bibliográfica de investigações recentes sobre projetos artístico associados às problemáticas conexas com a questão social e o Concelho do Porto, investigações efetuadas nas áreas de sociologia, educação

e estudos teatrais sobre a PELE e/ou com foco em projetos específicos implementados pela associação.

Foi efetuado o inquérito por questionário (IQ) para criar agregados de informação com o propósito de estimar grandezas relativas em relação à proporção interna a uma determinada população estudada e de descrever uma população ou subpopulação para determinar as características de um grupo específico (Ghiglione e Matalon, 2005). Portanto, com objetivos descritivos, foi aplicado às pessoas envolvidas nas atividades promovidas pela PELE para obter uma visão sócio demográfica dos atores participantes, foco das intervenções artísticas e socioeducativas.

De setembro a novembro de 2015 o IQ foi aplicado a 61 pessoas de um universo de cerca de 90 indivíduos, presencialmente, via telefone ou via e-mail, de acordo com a disponibilidade das pessoas. Os inquiridos foram localizados a partir dos contatos diretos estabelecidos através da presença da investigadora no terreno e com o auxílio de uma lista de presença dos participantes do projeto artístico escolhido para este fim², disponibilizada pela PELE. A aplicação do IQ amparou, também, a escolha dos entrevistados, proporcionando o alcance do bom grau de diversidade interna. Ao mesmo tempo, aproximou a investigadora às pessoas que participaram da investigação, promovendo a criação de relações de confiança, fundamental para o bom andamento das entrevistas (Serafino, 2019:64).

Entre outubro de 2015 e dezembro de 2016, foram efetuadas 42 entrevistas individuais semiestruturadas: 3 com os sócios fundadores da PELE, 2 com os membros de grupos teatrais mais “autónomos” que surgiram a partir do trabalho da associação, 21 com os atores participantes das atividades e 17 com os parceiros dos territórios. Em seguida, foi efetuado o tratamento do material a partir do esquema de análise de entrevistas aprofundadas proposto por Isabel Guerra (2014), respeitando as cinco fases que o operacionalizam: 1) a transcrição; 2) a leitura com anotações das temáticas e das problemáticas; 3) a construção das sinopses das entrevistas e das sínteses dos discursos; 4) a análise descritiva, categorial e temática; 5) a análise interpretativa. As entrevistas permitiram ter acesso à informação saliente e pormenorizada acerca das experiências artísticas, dos percursos individuais, das relações de grupo, das dinâmicas do trabalho em rede, da relação entre arte e inclusão social. A partir delas, foram criadas 4 grandes dimensões de análise, reagrupando categorias relacionadas com os efeitos sociais da experiência artística: 1) os impactos nos participantes a nível individual; 2) os

² Foi aplicado aos participantes do projeto Mapa_O jogo da cartografia, escolhido por encontrar-se em andamento e em sua fase final no período de entrada no campo da investigadora, por reunir os integrantes dos diferentes grupos teatrais provenientes dos projetos efetuados nos 7 anos anteriores pela associação e por ter tido uma duração médio-longa, de acerca 19 meses.

impactos nos participantes a nível relacional, de grupo; 3) os impactos na comunidade e no território; 4) os impactos nos parceiros e nas instituições pertencentes. (Serafino, 2019: 291)

Como pode ser observado, no esquema que segue, para cada tipologia de entrevistados foram abordados diversos temas de modo a cruzar os múltiplos pontos de vista e levar em consideração diversos aspectos que proporcionam a compreensão multidimensional proposta.

Tabela 2 – Esquema resumido das entrevistas efetuadas

Tipologia de interlocutor	Número de entrevistas	Macro temas abordados
Fundadores da associação PELE	3	O núcleo. Apresentação dos fundadores (percursos formativos e profissionais motivações e objetivos dos fundadores) A história (os momentos mais significativos no percurso da associação) As tipologias de intervenções (as estratégias, os projetos, os impactos, as dificuldades) As linguagens artísticas O trabalho de(em) rede
Atores participantes dos projetos/workshops	21 Das quais 14 com participantes do Mapa e 7 de participantes a trabalhos em Estabelecimentos Prisionais	Motivações Percurso na associação (passado, presente e futuro) A experiência pessoal (teatral) Os impactos (na esfera pessoal, relacional e no território)
Representantes dos grupos “autónomos”	2	Descrição do grupo e das atividades A importância dos projetos da PELE para a criação de grupos territoriais A relação com a PELE hoje
Parceiros	17 Das quais 7 com representantes de serviços territoriais e 10 com representantes de Estabelecimentos Prisionais	A rede e seus parceiros. As motivações das colaborações O andamento das colaborações (quem faz o que, a continuidade...) Os pontos de força e as criticidades das colaborações Mudanças, dificuldades e melhorias em âmbito do trabalho: as especificidades das atividades artísticas associadas a intervenções sociais

Fonte: Serafino (2019: 69).

Para cada tipologia de entrevistados foram, portanto, criadas grelhas de análise categoriais ajustadas. Consoante os já citados pressupostos da *Grounded Theory* (Strauss e Corbin, 2008), no plano analítico foram feitos ajustes de acordo com os aspetos que surgiram da imersão no terreno. A nível operacional, foram criadas tabelas que permitissem visualizar estes reajustes e sistematizar as categorias de análise. Neste aspecto, a nível exemplificativo, pode ser

observada a tabela que segue que explicita as categorias de análise das entrevistas com os participantes às atividades da associação à luz do processo investigativo³.

Tabela 3 - Guião de categorias de análise ajustadas das entrevistas com os participantes às atividades da associação

Categorias	Ítems
Caracterização sociodemográfica do entrevistado	Idade. Sexo. Naturalidade. Nacionalidade(s). Estado civil. Habilitações literárias. Dimensão socioeconómica.
A relação com a associação	Motivação (inicial e atual). Contato inicial. Trajetória pessoal na PELE. Relação atual com a associação.
A experiência artística e teatral	Expectativas. Experiências anteriores. Dificuldades principais. Descrição. Significados. Dimensão simbólica – (re)conhecimento social. O projeto Mapa. As especificidades do trabalho de grupo. Projetos futuros.
Impactos dos projetos artísticos nos participantes (ponto de vista em primeira pessoa)	Dimensão social (interpessoal/relacional). As relações de proximidade – a criação de grupos de colaboração. Amizade/Solidariedade/Apoio. Os diferentes níveis de relações. Os conflitos e as dificuldades do trabalho de grupo. Dimensão intrapessoal. Mudança pessoal. Dimensão cultural e artística. Dimensão educativa. Competências. Aprendizagem. Conscientização. Participação. Bem-estar psicofísico. Teatro como espaço de liberdade. Qualidade de vida. Dimensão simbólica (autoestima/ autoconfiança/ satisfação pessoal). Inclusão/combate à exclusão. Contacto entre grupos populacionais heterogéneos. Promoção de relações inusitadas. Mudança do dia-a-dia. Visibilidade. Acesso. Dimensão económica. Reflexividade sobre si e sobre a relação com o outro.
Relação com o território	Descrição. Características mais e menos positivas. Participação em associações/grupos territoriais. Participação em eventos/atividades em espaços públicos. Relação com os serviços sociais. Relação com a vizinhança.
Território e teatro	A (nova) visibilidade dos territórios. Dimensão simbólica. Outros impactos. Dimensão social. Dimensão artística. Dimensão económica.

Fonte: Serafino (2019: 420-421).

A observação participante, estruturada e individual das relações, dos espaços, dos atores e das atividades, foi efetuada ao longo de 36 meses, alternando momentos com diversos graus de intensidade e atravessando todas as fases da investigação de Doutoramento de forma transversal. Concretizou-se na presença prolongada da investigadora no terreno e no acompanhamento das atividades desenvolvidas pela associação entre outubro de 2014 e setembro de 2017. Efetivou-se, portanto, no contato direto e na interação com o contexto social estudado e com as pessoas observadas. Foi acompanhada por diversos momentos de reflexão,

³ Para uma visão mais aprofundada acerca do processo de sistematização categorial em diálogo com o trabalho de campo, remete-se para os anexos presentes no corpo da tese, no específico do anexo 10 ao anexo 16 (Serafino, 2019: 417-452).

por um registo escrito e fotográfico e foi efetuada nos horários de abertura da associação ao público, mas, também, participou-se de diversas atividades, num movimento de acompanhamento da rotina da associação.

O trabalho etnográfico promoveu a criação de novos arranjos analíticos e articulou dados advindos das diferentes técnicas, auxiliando a criação de um desenho integrado e articulando informações que pareciam fragmentárias (Magnani, 2002). Neste sentido, foi central para concertar os diferentes momentos da investigação e mostrou-se fundamental para criar um espaço reflexivo que levasse em conta as complexidades teóricas e operativas. Possibilitou o controle pela própria investigadora acerca do andamento do esforço de manutenção dum equilíbrio entre aproximação e distanciamento ao objeto de estudo. Foi necessário, portanto, para praticar o exercício de estranhamento do familiar (Velho, 1987) e para assumir discursivamente o grau de subjetividade da investigadora e de seu envolvimento e interferência no terreno, diretamente proporcional à permanência no campo (Costa, 2007).

Foram efetuadas observações sistemáticas das atividades da associação: ensaios, fóruns de debate, reuniões organizativas, apresentações públicas de espetáculos teatrais, palestras e seminários. O trabalho etnográfico foi acompanhado pelo instrumento do diário de campo, necessário para proporcionar a organização de informações dispersas (Fernandes, 2002). Nele foram reunidos discursos, memórias, narrativas, notas de observação, notas teóricas e notas metodológicas.

A parte mais estruturada do diário foi constituída por uma grelha de observação pré-formulada, com as categorias de observação selecionadas de acordo com os objetivos e que promoveu regularidades na organização dos registos, como mostra o exemplo de grelha que segue em anexo (Anexo1). Reservou-se também um espaço específico para reunir de forma mais flexível outras observações que surgissem para além das categorias iniciais e fragmentos discursivos. De forma complementar, foi efetuado um registo fotográfico e a criação de representações gráficas descritivas e analíticas de espaços e dinâmicas.

Foram retalhados também diversos espaços reflexivos com um maior grau de distanciamento do campo e maior aproximação às dinâmicas de revisão de pares próprias do âmbito académico. *In primis*, as orientações com os professores acerca de questões levantadas pelo trabalho de prática sociológica proporcionaram debater acerca das dificuldades de operacionalização e mostraram-se como momentos fundamentais para criar e revisar a linha de ação de investigação:

Ontem teve o encontro de orientação. Fizemos o ponto da situação e organizamos as ações futuras para respeitar ao máximo os objetivos e o cronograma do projeto. Pensamos a estratégia

melhor para a entrada e permanência no campo, já que foi evidenciada por mim uma certa dificuldade de acesso. (Diário de campo, 13/02/2015)

Estes momentos de reflexão orientada, efetuados a partir do diálogo e confronto com sociólogos com experiência didática e prática, foram fundamentais para pensar acerca do reposicionamento da investigadora no terreno consoante os objetivos e o contexto, proporcionando a superação de obstáculos a partir de novas estratégias. Deram a possibilidade de manter uma visão geral e coerente do todo, mesmo nos momentos de imersão aprofundada, em que se corre mais o risco de perder de vista o quadro geral:

Após orientação de ontem fiquei refletindo sobre o andamento da minha pesquisa, indutiva, e me veio à cabeça a imagem de um *puzzle* que aos poucos se vai construindo e encaixando. Neste momento as peças estão ainda distantes entre elas, muitas faltam e se remodelam a cada passo que dou. Porém, refletindo sobre questões e pressupostos iniciais da minha pesquisa em relação às perguntas possíveis das entrevistas que pretendo fazer, pude ver uma minha aproximação a algumas peças do *puzzle* e pude vislumbrar uma visão de como poderei construir outras peças no futuro. Um *puzzle* em transformação espalhado em vários níveis com proximidade e distâncias diferentes em relação a mim. Um *puzzle* tridimensional e mutável. O *puzzle* existe, mas não sei exatamente o que se trará no seu concreto. Assim vejo hoje a minha pesquisa, na qual estou entrando sempre com maior força. Consigo vislumbrar ações sempre mais concretas a serem efetuadas, consigo começar a dar rostos às pessoas e corpo aos objetos. Ainda muito distante da visão final, mas inserida em um *puzzle* que acredito irá ter uma sua forma. (Diário de campo, 28/04/2015)

Outros momentos úteis que incentivaram a autorreflexão foram as participações a congressos científicos nacionais e internacionais (Serafino, 2015, 2016a, 2016b, 2017a, 2017b, 2017c, 2017d, 2018). Foram momentos que exigiram focar de forma mais aprofundada acerca do andamento do processo, da verificação dos objetivos alcançados, da avaliação do trabalho de campo e de possíveis redefinições.

Estes momentos, de supervisão, no caso dos orientadores, e de debate entre pares, no caso dos congressos e aulas proferidas para doutorandos, auxiliaram a formação de um olhar crítico que se fortaleceu também com o diálogo com os outros. Trouxeram novos estímulos para a pesquisa bibliográfica e a reflexão analítica e, neste sentido, se sublinha a importância de criar grupos de debate e de colaboração entre investigadores supervisionados e suportados pela estrutura institucional. Ao mesmo tempo, representaram uma primeira abordagem à redação para publicação e apresentação de resultados.

4 – Notas conclusivas

A partir do apanhado do processo metodológico proposto neste texto, podem ser evidenciadas algumas constatações acerca de investigações sociológicas das práticas artísticas comunitárias associadas à intervenção social, mas que podem ser associadas a outras esferas de investigação sociológica de pendor qualitativo. Em primeira instância, a análise do processo indutivo evidenciou a centralidade do trabalho etnográfico enquanto técnica de recolha de dados particularmente rica para o entendimento do fenómeno, mas, também, como elemento fundamental de auxílio da autoanálise reflexiva e da visão transversal e complexa do próprio estudo.

A observação participante representou a técnica que mais proporcionou uma visão global do andamento do processo de investigação e a escrita sistemática, através do diário de campo, foi um elemento central que reuniu anotações organizadas que puderam ser comparadas. Ajudaram a reflexão combinada de elementos teóricos e práticos, auxiliaram os aperfeiçoamentos metodológicos *in progress* e favoreceram o pensamento criativo.

A experiência no campo sobressaiu a necessidade de conciliar os tempos da investigação com os tempos e as dinâmicas próprias da realidade observada e destacou a imprescindibilidade de efetuar um trabalho etnográfico duradouro e aprofundado. No específico do contexto estudado surgiu como a rotina das atividades e dos projetos investigados não é constante e existem possíveis controvérsias. Neste sentido, uma agenda que contemple observações esporádicas pode tornar-se limitada e impossibilitaria o desvendar da complexidade assente em dinâmicas que envolvem assimetrias e interesses múltiplos, por vezes em contradição.

Uma segunda constatação diz respeito às implicações éticas que a investigação comporta e que abarca diferentes questões. No caso de investigações qualitativas, que requerem uma presença prolongada do sociólogo em realidades específicas, deve ser necessariamente discutida a forma *de fazer* e *de estar* do sociólogo no terreno. Este último deve respeitar ao máximo o contexto e manter um equilíbrio entre os objetivos investigativos e as questões éticas.

Especificamente, isto leva à salvaguarda dos participantes ao estudo e a criação e manutenção de relações de confiança com os informadores privilegiados e com os colaboradores. Neste sentido, vale a pena ressaltar a necessidade de ganhar uma relação de confiança com as pessoas envolvidas, principalmente em pesquisas qualitativas, ainda mais quando são abordadas temáticas delicadas que requerem acesso aos dados sensíveis das pessoas ou que discutem assuntos pessoais e que provocam emoções fortes aos abrangidos. As questões éticas sobre a visibilidade das pessoas envolvidas (anonimato) e o respeito das situações (evitar

estigmatização/ julgamentos morais) devem acompanhar todas as fases da investigação, desde o estar do sociólogo no terreno e até a escrita final.

Na mesma linha de discussão, um outro aspecto sublinha a importância de uma investigação sociológica, de análise e compreensão das dinâmicas, que seja entendida também como uma mais-valia pelo próprio trabalho efetuado no terreno quotidianamente pela sociedade civil. As ações que o sociólogo assume ao longo do campo e o retorno das reflexões teórico-práticas aos colaboradores e aos participantes do processo investigativo assumem aqui uma valência específica. Neste sentido, surge a possibilidade de considerar a investigação e a reflexão de políticas públicas enquanto auxílio pelos processos virtuosos existentes, reforçando a importância e a possível eficácia da aliança entre Estado e sociedade civil.

Ao longo da investigação considerada manteve-se a preocupação de proporcionar o equilíbrio entre colaboração, proximidade e distanciamento analítico crítico. Advinda a partir de estratégias investigativas e do posicionamento ético assumido pela investigadora, a participação mais ativa na organização das atividades da PELE e a permanência em projetos artísticos para além do alcance dos objetivos da pesquisa, por um lado, facilitaram o conhecimento e aproximação ao objeto de estudo. Por outro lado, criaram novos desafios para a coleta de dados e para uma análise sociológica cientificamente válida. Estes desafios e as dificuldades consequentes estimularam a reflexão sobre a necessidade de manter um equilíbrio entre a distância e aproximação ao campo e a necessidade de uma observação prolongada no tempo, que proporcione a existência de momentos reflexivos intermédios. A relação da investigadora com as leituras teóricas, com os orientadores, com os pares nas conferências científicas e com núcleos de investigação, quando presentes, tornam-se, neste sentido, um elemento importantíssimo.

Por fim, uma última consideração acerca das especificidades na apresentação dos resultados. No relatório final, o processo metodológico, inserido numa estratégia predominantemente qualitativa, ocupou um espaço central, atribuindo-se uma atenção acrescida à sua explicitação, à apresentação das escolhas metodológicas tomadas e das técnicas selecionadas. Foi disponibilizado o material criado e utilizado na recolha dos dados, numa lógica de partilha do conhecimento e de validação de uma investigação qualitativa a partir de seus resultados, mas, também, de seu processo metodológico.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, Natália (2007), *Políticas culturais, turismo e desenvolvimento local na área metropolitana do Porto – um estudo de caso*, Tese de Doutoramento em Sociologia, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- (2014), *Políticas culturais, turismo e desenvolvimento local na Área Metropolitana do Porto: Fragmentos de um estudo de caso (1980-2001)*, Porto, Afrontamento.
- BORGES, Vera; COSTA, Pedro; GRAÇA, Susana (2014), “Trabalhar n(os) grupos de teatro: das potencialidades e desafios de uma investigação nas artes”, *Análise Social*, vol. 213(4), pp.955-968, [Consult. a 15.06.2019]. Disponível em:
<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732014000400009&lng=pt&nrm=iso>.
- BOTELHO, Isaura (2008), “Políticas Culturais: discutindo pressupostos”, in Gisele Nussbaumer (ed.), *Teorias e Políticas da Cultura: Visões multidisciplinares*, Salvador, EDUFBA, pp. 171-180.
- BOURDIEU, Pierre (2013), *Le regole dell'arte*, Milano, il Saggiatore.
- COSTA, António Firmino da (2007), “A pesquisa de terreno em sociologia”, in Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (orgs.), *Metodologia em ciências sociais*, Porto, Edições Afrontamento, pp. 129 – 148.
- COULON, Alain (1995), *A Escola de Chicago*, Campinas (SP), Papirus editora.
- ESTIVILL, Jordi (2003), *Panorama da luta contra a exclusão social: Conceitos e estratégias*, Genebra, Bureau Internacional do Trabalho, Programa Estratégias e Técnicas contra a Exclusão Social e a Pobreza.
- FERNANDES, Luís (2002), “Um diário de campo nos territórios psicotrópicos: as facetas da escrita etnográfica” in Telmo H. Caria (org.), *Experiência etnográfica em ciências sociais*, Porto, Afrontamento, pp.23-40.
- FERRO, Lígia; OLIVEIRA, Pedro; TRINDADE, Sara; PEIXOTO, Susana (2014), “Vive o bairro!” A intervenção comunitária como ferramenta da redução de riscos e minimização de danos na Matriz H do Bairro da Flamenga, *Fórum Sociológico*, vol. 25(1), pp.63-72, [Consult. a 16.03.2019]. Disponível em: <doi:10.4000/sociologico.910>.
- GHIGLIONE, Rodolphe; MATALON, Benjamin (2005), *O Inquérito: Teoria e prática*, Oeiras, Celta Editora.
- GUERRA, Isabel Carvalho (2014), *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: Sentidos e formas de uso*, Parede, Principia.
- GURVITCH, Georges (2011), *Sociologia del teatro*, Lecce, Kurumuny.
- HEINICH, Nathalie (2004), *La sociologia dell'arte*, Bologna, Il Mulino.
- INE (2017), “Anuário Estatístico de Portugal 2016 – Statistical Yearbook of Portugal 2016”, Lisboa, INE I.P.

SERAFINO, Irene (2019), “Processos de criação artística comunitária: questões metodológicas”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 52-70.

INE/ PORDATA (2017), “População residente: Total e por grupo etário”, INE/ PORDATA. [Consult. a 07.03.2018]. Disponível em:

<[https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela em 08/02/2018](https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela+em+08/02/2018)>.

INE/ PORDATA (2018), “Indicadores de envelhecimento”, INE/PORDATA. [Consult. a 27.02.2018]. Disponível em: <<https://www.pordata.pt/Portugal/Indicadores+de+envelhecimento-526>>.

INE/ PORDATA (2018a), “Saldo populacionais anuais: Total, natural e migratório”, INE/PORDATA. [Consult. a 27.02.2018]. Disponível em:

<<https://www.pordata.pt/Portugal/Saldos+populacionais+anuais+total++natural+e+migrat%C3%B3rio-657>>.

INE/ PORDATA (2018b), “Taxa de abandono precoce de educação e formação: Total e por sexo”, INE/PORDATA. [Consult. a 28.02.2018]. Última atualização: 2018-02-07. Disponível em:

<<https://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+abandono+precoce+de+educa%C3%A7%C3%A3o+e+forma%C3%A7%C3%A3o+total+e+por+sexo-433>>.

LOPES, João Teixeira (2008), *Da democratização à democracia cultural: uma reflexão sobre políticas culturais e espaço público*, Porto, Profedições.

MAGNANI, José Guilherme Cantor (2002), “De perto e de dentro: Notas para uma etnografia urbana”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17(49), pp.11-29. [Consult. a 18.05.2018]. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092002000200002&script=sci_abstract&tlng=pt doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092002000200002&script=sci_abstract&tlng=pt+doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002)>.

MELO, Sara (2014), *Projetos artísticos (de) intervenção comunitária: TEXTURAS, uma experiência do Festival Internacional de Teatro de Rua de Santa Maria da Feira*, Tese de Doutoramento em Sociologia, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

- (2015), “Texturas, ou sobre os efeitos sociais das artes”, *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, vol. XXX, p. 11-33.

PARLAMENTO EUROPEU (2011), “Resolução do Parlamento Europeu, de 8 de Junho de 2011, sobre o PIB e mais além – Medir o progresso num mundo em mudança 2010/2088(INI).

P7_TA(2011)0264”. [Consult. a 09.10.2017]. Disponível em:

<<http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+TA+P7-TA-2011-0264+0+DOC+XML+V0//PT>>.

PELE (s/d), “*Pele_Espaço de Contacto Social e Cultural*”. [Consult. a 17.05.2019]. Disponível em: <<http://www.apele.org>>.

PINTO, José Madureira (1995), “Intervenção cultural em espaços públicos”, in M. L. L. Santos (coord.) *Cultura & Economia. Actas do colóquio, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 9-11 de Novembro de 1994*, p. 191-207.

PYETT, Priscilla M. (2003), “Validation of qualitative research in the “real world””, *Qualitative health research*, vol. 13(8), p.1170-1179. [Consult. a 23.04.2014]. Disponível em: <doi.org/10.1177/1049732303255686>.

- RUBIM, Antonio Albino Canelas (2012), “Panorama das políticas culturais no mundo”, in Antonio Albino Canelas Rubim; Renata Rocha (orgs.), *Políticas culturais*, Salvador, EDUFBA, p.13-28. [Consult. a 20.03.2018]. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/7660>>.
- SERAFINO, Irene (2015), “O associativismo de carácter cultural e artístico no combate aos desafios da exclusão social urbana no Porto: uma análise descritiva da associação a Pele” in *Cive Morum International Congress’ Book of Abstracts*, Porto, Universidade do Porto, 30-31 de Março de 2015, p.38.
- (2016a), “Reflexões sobre as ações da sociedade civil de carácter cultural e artístico em contextos de marginalidade urbana: um estudo de caso”, in *Portugal, território de territórios. IX Congresso Português de Sociologia*, Faro, Universidade do Algarve, 6-8 de Julho de 2016. [Consult. a 29.06.2019]. Disponível em: <http://www.aps.pt/ix_congresso/docs/final/COM0438.pdf>.
 - (2016b), “The theatre in the places of social exclusion: preliminary analysis of the Pele - Espaço de Contacto Social e Cultural association activities”, in Paula Guerra; Tânia Moreira (ed.) *Keep it simple, make it fast! An approach to underground music scenes. Volume 2*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp.203-208. [Consult. a 20.05.2019]. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/14058.pdf>>.
 - (2017a), “Reflexões iniciais sobre a observação etnográfica de projetos teatrais comunitários” in Luis M. Alves; P. Alves; Francisco García García (coord.) *V Congresso Internacional Cidades Criativas ICONO14 Actas Científicas*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 25-27 de Janeiro de 2017, pp.360- 367. [Consult. a 20.05.2019]. Disponível em: <http://cidadescriativas2017.citcem.org/wp-content/uploads/docs/Actas%20CC17-Porto-Tomo1_OPT.pdf>.
 - (2017b), “O papel do sociólogo em investigações sobre projetos artísticos comunitários: algumas reflexões iniciais”, in *II Encontro Internacional de Reflexão sobre Práticas Artísticas Comunitárias e colaborativas Book of Abstracts*, Porto, TeCA, 9-21 de Setembro de 2017, p.44. [Consult. a 20.05.2019]. Disponível em: <http://ielt.fcsh.unl.pt/sites/ielt/uploads/99_Livro%20de%20resumos%20-%20EIRPAC%20II.pdf>.
 - (2017c), “As ações da sociedade civil de carácter cultural e artístico em contextos de exclusão social”, in *Ciência 2017- Encontro com a Ciência e Tecnologia em Portugal., Lisboa*, Centro de Congressos de Lisboa, 3-5 de Julho de 2017. [Consult. a 20.05.2019]. Disponível em: <www.encontrociencia.pt/http://qr.encontrociencia.pt/certificado.php?id_registro=4995&unid=596350>.
 - (2017d), “The civil society actions around the cultural and artistic themes in urban marginality contexts”, in *UKCGE Annual Conference 2017*, Porto, Universidade do Porto, 6-7 de Julho de 2017. [Consult. a 29.06.2019]. Disponível em: <<http://www.ukcge.ac.uk/>>.

SERAFINO, Irene (2019), “Processos de criação artística comunitária: questões metodológicas”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 52-70.

- (2018), “A case study around cultural and artistic projects in urban marginality contexts” in *ESA Mid-Term conference*, Catania, Università degli Studi di Catania, 4-6 de Outubro de 2018. [Consult. a 29.07.2019]. Disponível em: <www.esarn27catania.info/programme/>.
 - (2019), *Práticas artísticas e inclusão social: estudo de caso da associação portuense Pele_Espaço de Contacto Social e Cultural*, Tese de Doutoramento em Sociologia, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. [Consult. a 29.07.2019]. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/119893>>.
- STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet (2008), *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*, Porto Alegre, Artmed.
- VALLES, Miguel S. (2007), *Técnicas cualitativas de investigación social: Reflexión metodológica y práctica profesional*, Madrid, Síntesis Sociología.
- VELHO, Gilberto (1987), “Observando o familiar”, in Gilberto Velho, *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, pp.123-132.
- YIN, Robert K. (2009), *Case Study Research: Design and Methods, Applied Social Research Methods*, London, Sage.

Irene Serafino. Doutora em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) com bolsa de estudo SFRH/BD/100168/2014 pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). Investigadora integrada do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto nos anos 2015-2018. Graduada e Mestre em Políticas Sociais e Serviço Social pela Faculdade de Ciências Políticas da Universidade de Bolonha. Endereço de correspondência: Irene Serafino, Via Carlo Collodi 11, 40133, Bologna (BO), Italy.

Artigo recebido em 14 março de 2019. Publicação aprovada em 25 de outubro de 2019.

Madonna, “sex” e o fetichismo pós-moderno

Roney Gusmão

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Resumo

O presente texto é um dos produtos de pesquisa pós-doutoral desenvolvida no Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, objetivando compreender como ícones da cultura pop traduzem valores pós-modernos. Aqui, interessa-nos observar como “Sex” reifica o hedonismo contemporâneo, sendo que, para tal, recorremos ao conceito de fetiche em Freud e Marx para analisar discursos de poder em sua relação dialética com o *ethos* do sistema. “Sex” traduz as necessidades de experiências sensoriais fugidias numa sociedade faminta pelo excêntrico e superficial, sendo interpretado como expressão de um tempo.

Palavras-chave: Madonna. Fetiche. Pós-modernidade.

Madonna, “sex” and post-modern fetishism

Abstract

This text is one of the postdoctoral research products developed at the Instituto de Sociologia of the Universidade do Porto, aiming to understand how pop culture icons translate postmodern values. Here we are interested in observing how “Sex” reifies contemporary hedonism, and for this we resort to the concept of fetish in Freud and Marx to analyze discourses of power in their dialectical relationship with the *ethos* of the system. “Sex” translates the needs of fugitive sensory experiences into a society hungry for the eccentric and superficial, being interpreted as an expression of a time.

Keywords: Madonna. Fetish. Postmodernity.

Madonna, “sex” et le fetichisme post-modern

Résumé

Ce texte est l'un des produits de recherche postdoctoraux développés à l'Institut de Sociologie de l'Université de Porto, visant à comprendre comment les icônes de la culture pop traduisent les valeurs postmodernes. Nous nous intéressons ici à observer comment le “Sex” réifie l'hédonisme contemporain, et pour cela nous utilisons le concept de fétiche chez Freud et Marx pour analyser les discours du pouvoir dans leur relation dialectique avec l'ethos du système. “Sex” traduit les besoins des expériences sensorielles fugitives en une société affamée d'excentrique et superficielle, interprétée comme l'expression d'un temps.

Mots-clés: Madonna. Fétiche. Postmodernité.

Madonna, “sex” y el fetichismo post-moderno

Resumen

El presente texto es uno de los productos de investigación posdoctoral desarrollada en el Instituto de Sociología de la Universidade do Porto, con el objetivo de comprender cómo los iconos de la cultura pop traducen valores postmodernos. Aquí, nos interesa observar cómo “Sex” reifica el hedonismo contemporáneo, siendo que, para ello, recurrimos al concepto de fetiche en Freud y Marx para analizar discursos de poder en su relación dialéctica con el *ethos* del sistema. “Sex” traduce las necesidades de experiencias sensoriales fugaces en una sociedad hambrienta por el excéntrico y superficial, siendo interpretado como expresión de un tiempo.

Palabras-clave: Madonna. Fetiche. Postmodernidad.

1. Introdução

No segundo semestre de 1992, Madonna lançou o livro “Sex”, o single “*Erotica*”, o *videoclipe* e álbum de mesmo título. Embora este, que foi seu quinto álbum, não tenha sido um dos mais bem-sucedidos de sua carreira, é, sem dúvida o mais controverso, em conjunto com o livro “Sex”, que vendeu 150 mil cópias já no primeiro dia de lançamento. Naquele início dos anos 1990 Madonna já havia alcançado um *status* de poder que poucos artistas na história conseguiram, fato este que fez de sua condição hegemônica um elemento ao seu favor quando se imbuíu da tarefa de provocar temas tão controversos.

“Sex” foi um *coffe table book* com conteúdo bastante provocativo, pois temas como sadomasoquismo, homossexualidade, sexo grupal e masturbação feminina foram pautados nas fotografias e textos que compuseram a obra. No livro, Madonna incorporou seu *alter ego*, Dita que, em referência à atriz alemã Dita Parlo dos anos 1930, assumia uma posição de *dominatrix* na maior parte das imagens, tornando-se excêntrica exatamente por tratar de temas pouco veiculados.

Para as sessões de fotografia, Madonna e o fotógrafo Steven Meisel percorreram o universo *underground* nova-iorquino, fazendo uso de locações como teatros burlescos, bares de *strippers* ou alguns espaços públicos de Miami. As fantasias tratadas no livro, embora percorram o submundo urbano, estetizam o exótico e fazem do sexo uma mercadoria a ser vendida e degustada pelo consumidor. Aqui, o conjunto da obra ocorre pela saturação experiências sensoriais, que vão desde a voz sussurrante em “*Erotica*”, até as páginas ásperas de “*Sex*” ou a justaposição de imagens no videoclipe; todos dispostos para sensibilizar o consumidor à degustação dos prazeres instantâneos oferecidos aos sentidos.

O combo “*Sex*” e “*Erotica*” é uma expressão do hedonismo pós-moderno, é retrato do quanto Madonna serve de arquétipo deste período, sobretudo porque traduz sua necessidade de permanência no imaginário popular pelo excesso de estímulos hedônicos. Neste item, a combinação do excêntrico com sexualidade se tornaria perfeita para saciedade momentânea dessa obsessão pós-moderna pela satisfação individual, fato nítido no amplo trabalho de *marketing* que acompanhou a obra, cujo foco coincide com a própria lógica hedônica pós-moderna.

Assim sendo, “*Sex*” propôs vender prazeres ao serviço do olhar masturbatório, mas, muito além disso, representou a reificação dessa fixação pós-moderna nos prazeres instantâneos, tanto por conta da superficialidade de valores genéricos, como pela promessa de prazeres excêntricos. É nesse ponto que Madonna expressa o hiperindividualismo¹ pós-moderno em seu poder ambíguo de subverter estruturas a partir da instituição de novas formas de usufruir uma alteridade hedônica, a exemplo do que menciona Lipovetsky:

O hiperindividualismo coincide não apenas com a internalização do modelo do *homo oeconomicus* que persegue a maximização de seus ganhos na maioria das esferas da vida [...], mas também com a desestruturação de antigas formas de regulação social dos comportamentos, junto a uma maré montante de patologias, distúrbios e excessos comportamentais (Lipovetsky, 2004: 56).

O livro “*Sex*” exerce perfeitamente esse papel de saturação de emoções, pois, em conjunto com o CD que o acompanha, permite ao consumidor mergulhar naquele universo hiper-real ao qual o livro se volta. Quando adquirido, o consumidor é obrigado a romper a capa de papel laminado que encobre o livro, em ato alusivo à abertura de uma embalagem de preservativo. Ambas são ações que precedem um ato de prazer, aqui prometido pela degustação de imagens nunca antes veiculadas por uma celebridade de tal grandeza. Em seguida, o livro se apresenta gelido com capa de alumínio, sendo que ao fundo a marca (X) faz referência ao poder de Madonna

¹ O “individualismo” pós-moderno não é aqui entendido como mero isolamento comportamental, mas como “recontextualização dos modos de vida da sociedade industrial substituindo-os por outros novos, nos quais os indivíduos têm que produzir, encenar e montar eles próprios as suas biografias” (Beck, 2000: 13).

expresso em sua vagina. Ao foliar, o consumidor (opto por este termo em detrimento de leitor) toca em páginas ásperas encadernadas em espiral metálico, o que deixa clara a aparência crua do livro. As imagens são dispostas de forma assimétrica em tonalidades escuras, mescladas com textos eróticos redigidos em fontes rudes. Os ambientes *underground* das fotografias se harmonizam com os objetos fetichistas e com os figurinos (ou falta deles) ali expostos. Algo também presente no videoclipe “*Erotica*” e no conceito estético ao qual o álbum foi estruturado, cujas canções trafegam entre um jazz cálido (“*Where Life Begins*”) e um funk agressivo (“*Waiting*” e “*Did You Do It*”). A ambiência é bastante nova-iorquina e Madonna sempre na condição *yuppie* dominante, fazendo uso de seu lugar de poder como anfitriã da contemplação luxuriosa, é o ímpeto imediatista sob o slogan “*I’ll teach you how to fuck*”.

Entendemos, então, que tratar de “*Sex*” implica em levar em conta a própria relação dialética desta produção e da artista com o tempo histórico, uma vez que, como qualquer figura mítica, Madonna personifica um tempo e, como tal, análises de sua imagem oferecem substâncias pertinentes para interpretar os valores sociais pós-modernos, bem como os padrões estéticos negociados socialmente. Logo, falar da mercadoria-corpo-imagem da Madonna é também reconhecer como homens e mulheres no atual contexto capitalista também negociam signos e imagens impressas no corpo. Sobre tal, Miklitsch faz uma observação perspicaz sobre *Madonna Studies*: “*My working assumption here is that, in some sense, to some degree, everybody is a commodity-sign today inasmuch as there is no way to wholly scape the ubiquitous codes of seems to me, of spectacular star bodies such as Madonna’s*” Miklitsch (1998: 109). Ademais, é válido observar que, quando tratamos de pós-modernidade, referimos às transformações observáveis na estrutura produtiva e, paralelamente, em outras esferas da sociedade, que repercutiram diretamente no comportamento corriqueiro de pessoas comuns. Desde as reconversões da produção capitalista no último quartel do século XX, até a efemeridade das relações afetivas ou a transitoriedade dos vínculos sociais, são alguns aspectos que tão bem caracterizam um tempo marcado pelo aprofundamento das contradições do capitalismo.

Featherston (1997), por exemplo, destaca o quanto na pós-modernidade o consumo opera pela estetização da vida cotidiana, com suggestionamento de experiências sensoriais carregadas de afeto. Para o autor, o tempo pós-moderno deve ser lembrado pela dissolução de hierarquias simbólicas, massificação do consumo pelo viés simbólico e adensamento de jogos de imagens, apelos simbólicos e experiências sensoriais na vida cotidiana das pessoas. Ideia também compartilhada por Lipovetsky (2006), que define o atual momento como “capitalismo artista”, quando a estetização se tornou uma estratégia para sensibilizar desejos, sonhos e projetos reificados nas mercadorias. Nesse contexto, a experiência sensorial é um importante dispositivo de sociabilização e consumo num tempo caracterizado pela dilatação do presente (Jameson,

1996). Isso porque, foi a perda generalizada de esperanças no passado, que potencializou o hiper-presentismo, aderindo o comportamento do homem pós-moderno à degustação compulsiva de prazeres efêmeros ofertados no aqui e agora. Também correlato ao hiper-presentismo, Lyotard (1990) já tinha observado o desprestígio pós-moderno nas metanarrativas de legitimação do pensamento racionalista, fato que, para ele, provocou descrenças em modelos universalistas de pensamento e estimulou a eclosão de toda forma de excentricidade, subvertendo normatizações hegemônicas, mas, ao mesmo tempo, sendo estetizadas pelas forças produtivas. Assim, as características pós-modernas aqui apontadas são plenamente condensadas na obra *Sex/Erotica*, permitindo analisá-la como produto de um tempo hiper-moderno, hiper-hedonista, hiper-diverso e, sobretudo, hiper-contraditório.

Para desdobramento da análise aqui proposta, recorreremos aos conceitos em torno de fetiche com o intuito de interpretar a forma como “Sex” se articula ao período pós-moderno. Interessa-nos, portanto, compreender a obra para além de sua superfície, desvendando seus dizeres à luz das demandas hedônicas de um público ávido por satisfações fugidias. “Sex” aqui é interpretado como uma mercadoria fetichista pós-moderna, capaz de encobrir e revelar formas ambivalentes da existência contemporânea, capazes de perturbar, não apenas por conta da acidez de sua estética, mas principalmente por conta dos valores pós-modernos que ali são reificados.

2. Fetiche e a dialética da “falta”

A palavra “fetiche” teve origem no contato europeu com a cultura africana durante os séculos XVI e XVII. Foi mediado pela ótica cristã ocidental, que o termo português medieval, “*facturae*”, foi utilizado com uma conotação maléfica, pois os europeus interpretaram a feitiçaria africana como bruxaria (Pêpe, 2009). A partir de então, a palavra “fetiche” foi incorporada a diversos idiomas, sendo adaptada por alguns autores como expressão de mistério que transcende a materialidade do “objeto-fetichista”, exatamente “por envolver desejos, crenças em poderes sobrenaturais, além de estruturas narrativas, chegando-se a crer que possui vida e alma” (Pêpe, 2009: 67).

Dentre os teóricos que mais utilizaram o “fetiche” para debater teorias estão Marx e Freud, cujas ideias, embora circunscritas no século XIX, ainda possuem grande relevo no contexto acadêmico contemporâneo. Tanto as aproximações como os distanciamentos entre Marx e Freud são substâncias pertinentes para a pesquisa que aqui trazemos, uma vez que do materialismo histórico à psicanálise, o fetichismo representa a dialética presença/ausência de objetos revestidos de sedução.

Um aspecto em comum ao conceito de “fetiche” entre a etimologia da palavra e os debates de Marx e Freud é exatamente a ideia de “ausência”. Originalmente, o “feitiço” foi interpretado pelos cristãos como incorporação num objeto de forças obscuras, entendidas como ameaças que deveriam ser controladas e superadas. Algo semelhante ocorre em Marx, que interpreta o fetiche como falseamento da realidade (falsa consciência), que omite as relações desiguais de poder contidas na mercadoria. Para Freud, o fetiche surge com a recusa pela consciência da falta, cujo conhecimento seria por demais dolorosa, produzindo um objeto fantasioso, capaz de abrigar essa luta contra a verdade. Em síntese, pode-se afirmar que “no marxismo, o fetiche oculta a rede positiva de relações sociais, ao passo que, em Freud, o fetiche oculta a falta (castração) em torno da qual se articula a rede simbólica” (Zizek, 1996: 327).

É notório, portanto, que o fetiche situa nessa linha tênue entre presença e ausência, entre consciência e não consciência, fato que concebe o objeto, não apenas por sua materialidade pragmática, mas também pela retórica subjetiva que o envolve. Quando analisamos um objeto, a exemplo do livro “*Sex*”, há que reconhecer que ele possui uma concretude tangível e, ao mesmo tempo, contém um nexos discursivo que transcende sua superfície. O fetiche, tanto em Freud como em Marx, representa a falta e é exatamente esta falta que nos interessa compreender.

Marx empenhou-se em decifrar a complexidade da coisa que, quando inserida no ciclo da produção, é por ele denominada de mercadoria. Na sua compreensão, um objeto possui “valor de uso”, mas quando transformado em mercadoria, passa a apresentar também um “valor de troca”. Esta segunda valoração é obtida apenas por meio dos sistemas simbólicos incorporados na mercadoria. É esta reificação de signos que faz da mercadoria, não apenas uma coisa inanimada ao serviço do uso, mas também uma objetificação do trabalho e de valores socialmente negociados.

Uma relação social definida, estabelecida entre os homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Para encontrar um símile, temos de recorrer à região nebulosa da crença. Aí os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas que manem relações entre si e com os seres humanos. É o que ocorre com os produtos da mão do homem, no mundo das mercadorias. Chamo a isso de fetichismo, que está sempre grudado aos produtos do trabalho, quando são gerados como mercadorias (Marx, 1999: 94).

Por meio dessa compreensão, a mercadoria oculta relações de exploração e aliena o trabalhador do objeto final de seu empenho, na medida que o priva de reconhecer-se como produtor. Ademais, o fetichismo da mercadoria também dissimula o fato de que a mercadoria seja produto de relações desiguais, privando a humanidade de reconhecer outra realidade que não seja a sua superfície fetichizada. A mercadoria, portanto, é puramente ambígua simplesmente porque incorpora as próprias contradições do sistema, sendo que esta ambiguidade não é produto do

acaso, é resultado de forças assimétricas escamoteadas pela imagem fascinante da mercadoria. A grande incongruência da mercadoria reside na distorção provocada pelo fetichismo, que nega a sua essência ao torná-la “pura positividade, como máxima expressão de riqueza, é um fetiche em função de sua capacidade de ocultar a miséria, a exploração e a morte investidas em seu corpo” (Kehl, 2008: 29).

Também é importante acrescentar que a necessidade de consumo está muito mais ligada à construção de significações do que propriamente à efetiva utilidade das mercadorias. É nesta força fetichizante que reside a promessa de felicidade através do consumo como parte primordial do sistema. Assim, o hedonismo é entendido como único caminho para alcançar o gozo, reificando em mercadorias, eternos desejos e padrões de saciedade inalcançáveis. Como efeito, estratégias complexas de sedução são dispostas na vida cotidiana, cujo intuito consiste em seduzir para promessas de gozo sem fim.

É nesse momento que se torna pertinente inserir outra interseção entre a psicanálise e o materialismo histórico-dialético: a fixação na vontade de gozo. Na concepção freudiana esta consiste numa característica inerente ao perverso, que no conceito psicanalítico, corresponde a uma “determinada posição subjetiva na fantasia que implica em tomar o outro como objeto, na medida em que o perverso só quer do outro aquilo que este pode lhe proporcionar de gozo e satisfação, nada mais” (Jorge e Bastos, 2009: 25). No marxismo, o capitalista assume as características perversas no momento em que se apropria da força de trabalho de outrem com intuito de alcançar o gozo. Desse modo, a desigualdade acaba favorecendo este usufruto perverso no momento em que força o proletário a se subjugar ao capitalista, emprestando-lhe seu corpo para produção de mercadorias fetichizadas que, ao final, aliena seu trabalho e hostiliza sua condição. Assim sendo, o trabalhador é desumanizado de sua condição de sujeito, pois na volúpia obsessiva pelo lucro, o capitalista o torna mero “objeto de gozo para um senhor que desfruta desse gozo e com o qual ele não tem o menor contato – e muitas vezes nem mesmo o conhece [...]. Ele é um objeto produtor de objetos de gozo” (Jorge e Bastos, 2009: 28).

Essa relação desigual entre o capitalista e o proletário também é fetichizada, pois, diferindo da servidão feudal, no capitalismo os sujeitos subordinados são tratados como se fossem livres, como se todos tivessem resguardada a opção de não vender a força de trabalho. Aqui a dominação é forjada pelas condições sociais que forçam o trabalhador a tornar-se uma máquina ao serviço do burguês, que se apropria de um discurso sínico sobre a liberdade dos vínculos de trabalho. Contudo, o que este discurso nega é o fato de que, ao vender sua força de trabalho, o trabalhador tem furtada a sua liberdade e não trabalhar está longe de ser-lhe uma opção numa sociedade desigual. Portanto, na condição proletária, a sujeição às condições postas pelo burguês

é única alternativa de sobrevivência, o que é devidamente escamoteado pelo discurso da liberdade universal (Zizek, 1996).

É importante notar que, na retórica capitalista, as relações sociais ocorrem entre pessoas “livres” e não aos moldes explícitos de servidão e dominação. Aqui, a relação entre “livres” precisa ser contratual, pois desta forma tem-se garantido o desejo egoísta de perseguir interesses pessoais. Ao relacionar-se com outro, o sujeito foca num objeto de interesse: a mercadoria capaz de garantir-lhe o gozo, seja ela o corpo ou a força de trabalho, ambos apropriáveis através de cláusulas contratuais. Por este motivo, Zizek (1996) entende que o cinismo é a resposta da cultura dominante, tendo nessa apropriação perversa da força de trabalho uma atividade lícita para gozo dos que têm o poder: “a razão cínica, com todo o seu desprendimento irônico, deixa intacto o nível fundamental da fantasia ideológica, o nível em que a ideologia estrutura a própria realidade social” (Zizek, 1996: 314).

O autor segue argumentando que esse cinismo, não apenas afeta as relações de trabalho, mas se interpõe na realidade social, o que demonstra que o fazer fetichizado não é produto de uma alienação plena dos sujeitos, mas de uma fantasia que se entrelaça na realidade social. Nesse sentido, Zizek (1996: 316) alarga a fórmula marxista “disso eles não sabem, mas o fazem” para “eles sabem que, em sua atividade, estão seguindo uma ilusão, mas fazem-na assim mesmo”. No fim das contas, ao consentirmos com as seduções e dissimulações que cintilam na mercadoria optamos por dela sugar todo gozo que nos foi prometido e, quando ele for esgotado, partimos para outra coisa-fetice numa volúpia infinita por satisfação.

Ao assumir a condição de empreendedora de uma mercadoria subversiva e, ao mesmo tempo, equalizada ao nexos capitalista; Madonna operou segundo a mesma lógica perversa mencionada acima. Aliada a isso, a fetichização exalada no livro “*Sex*”, cujos exemplares esgotaram rapidamente, atraiu (e ainda atrai) consumidores ávidos pelos prazeres fugazes ali ofertados. Talvez o cinismo caracterizado por Zizek, não apenas demarque o comportamento perverso da Madonna, mas também é expresso no comportamento do próprio mercado e, por extensão, daqueles que, em alguma medida, reconheceram nesta obra o substrato grotesco de ser “livre” na pós-modernidade. O conjunto da obra é subversivo por visibilizar o excêntrico, mas obedece à mesma engrenagem perversa do que é ser capitalista num tempo marcado pelo narcisismo e pela ditadura do prazer.

3. O (X) da questão

*If I take you from behind
Push myself into your mind
When you least expect it
Will you try and reject it?
If I'm in charge and I treat you like a child
Will you let yourself go wild
Let my mouth go where it wants to
(Madonna, *Erotica*, 1992).*

Este trecho inicial da música “*Erotica*” é bastante emblemático para caracterizar a forma como Madonna incorpora elementos da pós-modernidade. Uma dessas características é justamente o despudor expresso nessa busca hedônica pelo gozo, pois a própria letra é um tributo à concupiscência de um personagem (Dita) fixado no usufruto de qualquer coisa (incluam-se “pessoas” neste termo) que estiver ao alcance.

A fixação nos objetos de prazer ofertados pela sociedade pós-moderna deixou de ser considerada um comportamento desviante, principalmente porque no atual contexto tem se verificado uma agudização das características do capitalismo², tornando-as numa potência irrepressível. Diante disso, o conteúdo da música se harmoniza ao livro “*Sex*” na medida em que a sedução implícita em frases como “*take you from behind*” e a manipulação de “*push myself into your mind*” se tornam visíveis na estética que percorre o livro e o conjunto da obra³ que, por fim, se conectam perfeitamente à ética hedônica da pós-modernidade.

Primeiramente, é preciso salientar que Madonna, não apenas assume a posição de empreendedora, mas ela também é a própria mercadoria em seu supremo poder de fetichização. No mesmo ano (1992) Madonna fundou a empresa “Maverick Recording Company”, selo da “Time Warner”, que administrou parte de sua carreira e de outros artistas. Aliada a outras empresas de sua propriedade, a “Maverick” apenas garantiu maior controle da Madonna sobre sua própria carreira, sendo-lhe possível gerenciar mais ativamente a produção e os usos de sua imagem.

Na ocasião, o nome “Madonna” já havia se tornado um grande empreendimento, fato que atesta o quanto celebridades, de um modo geral, oferecem-se conforme a mesma lógica das mercadorias, sendo materializadas em produtos que dão ao público a ilusão de usufruir intimamente da personalidade objetual do seu ídolo. Essa transformação de coisas em mercadorias

² Por esse motivo, alguns teóricos preferem utilizar a expressão “hipermodernidade” (Lipovetsky) ou “supermodernidade” (Augé), ao invés de pós-modernidade, numa alusão ao superdimensionamento da lógica capitalista.

³ O conjunto da obra corresponde ao livro “*Sex*”, ao álbum, ao *single* e videoclipe “*Erotica*”, todos lançados na mesma época (outubro de 1992).

também é aplicável às figuras humanas, pois “estrelas – como Marilyn Monroe – que se tornam mercadorias e se transformam em sua própria imagem” (Jameson, 1996: 38).

Não por acaso, a analogia com Monroe⁴, como utilizada pelo autor, também é extensível a Madonna e, ainda mais profundamente, uma vez que no contexto pós-moderno a combinação do estrelato com mercado se tornou condição de sobrevivência num cenário de concorrência acirrada. Por isso chegamos ao ponto de que imagem e mercadoria se tornam indiscerníveis, onde as celebridades imprimem personalidade como coisa posta à venda, o que dá a impressão de que é nela (imagem e mercadoria) que se fundem ídolo e gozo.

A “Maverick Recording” e outras empresas administradas por Madonna, atestam sua posição como capitalista e, em referência à psicanálise, como personagem perverso imbuído da exploração de outrem para o serviço do seu capital. Algumas das produções da artista deixam escapar esta imagem, seja o videoclipe “*Express Yourself*”, o documentário “*Truth or Dare*” e, neste caso, o livro “*Sex*”, mostram uma Madonna dominante, empreendedora que se apropria de tudo ao seu redor com o fim de entreter, fetichizar, vender e, acrescenta-se, vender-se.

Dita, *alter ego* da Madonna na era “*Sex*”, imprime exatamente esta imagem perversa, pois é sedutora, dominadora, manipuladora e focada num único fim: a satisfação pessoal. Em algumas imagens de “*Sex*”, Madonna reluz, em contraste com jovens modelos opacos e sem expressão, algo muito comum na sessão de fotografias realizada no “*Gaiety Theater*” com rapazes desnudos. Eles estão em tonalidade turva, sem grande contraste com o cenário, ao passo que Madonna, revestida de joias, controla a situação, sendo a única a esboçar expressão de prazer. Em outros momentos, Madonna é a única que insurge com uma identidade expressiva, enquanto que os modelos são claramente desumanizados e reduzidos ao cenário, são meros objetos de satisfação. “*Sex*”, portanto, retrata cruamente essa relação perversa de usufruto de outrem à satisfação daqueles que ocupam lugar privilegiado na hierarquia social, tornando-se um claro objeto de fetichização na medida que revela e, simultaneamente omite a crueldade do que pretende retratar.

Para ilustrar o que argumentamos acima, Joey Stefano, ator pornográfico gay presente em algumas fotografias do livro, pode oferecer pistas para perceber a lógica perversa de “*Sex*”. A cena *underground* serviu de inspiração para Madonna, que percorreu este “submundo” durante a produção da obra. “*Sex*” recorreu a atores pornográficos e locações usualmente preenchidas por praticantes de sadomasoquismo e profissionais da indústria pornográfica. Stefano, embora feliz por participar da obra, se decepcionou com o cachê de 150 dólares e, após participar das sessões,

⁴ Estendemos a observação de Jameson a Madonna apenas na forma como a imagem da Marilyn Monroe foi veiculada segundo a mesma lógica das mercadorias, todavia as formas como as duas artistas controlaram suas carreiras foram diametralmente opostas.

junto com demais modelos, voltou para sua vida real e, sob um cotidiano de infortúnios, dois anos depois morreu por overdose de uma fatal combinação de cocaína e heroína. Acerca deste tema O’Brien cita o biógrafo Isherwood:

Quando Madonna e Cia. Fizeram as malas e deixaram o Gaiety, levaram com eles o chique aparatoso que escorre das páginas de *Sex*. Deixaram para trás a realidade mundana e os rapazes que tinham de viver com ela sete dias por semana... À semelhança dos clientes famosos que Stefano “acompanhava”, Madonna contratara-o para determinados serviços específicos. Quando os mesmos foram devidamente prestados, ele e a estrela *pop* foram cada um à sua vida (O’Brien, 2007: 193)

Assim sendo, podemos fazer mais uma aproximação da obra com a ideia de fetiche, principalmente porque o enquadramento das fotografias oculta um submundo legitimamente explorado pela protagonista que surge esplendorosa ao público. “*Sex*” é mercadoria fetichizada à medida que eclipsa todo o rastro devastador de uma sociedade desigual, que ali foi estetizada e retratada, mas sem nenhuma intenção de superá-la. Nisso, tanto Freud como Marx, ajudam a entender o que há de fetichismo na personalidade perversa reificada em “*Sex*”, segundo Kehl:

A passagem do uso do conceito de fetiche em Freud para a teoria de Marx revela que a regulação fetichista das relações entre as pessoas, nas sociedades capitalistas, deixa de ser uma exceção perversa para se tornar uma regra. Em uma sociedade de mercado, o fetiche da mercadoria é um dos principais organizadores do laço social (Kehl, 2008: 29).

Embora “*Sex*” seja cru e desvende um universo com agressividade, ainda assim fetichiza a crueldade da vida cotidiana dos sujeitos ali reproduzidos e o público, como sugeriu Zizek, parece não se importar tanto com este fato. A lógica do cinismo aqui opera porque encontra na ética pós-moderna um terreno fecundo, afinal o que é ser pós-moderno senão incorporar a perversão de forma individualista, esmagando tudo e todos que servirem de empecilho para tal? Dita, em alguma medida, não seria um *alter ego* de homens e mulheres pós-modernos? Miklitsch não responde plenamente essas questões, mas aponta pistas interessantes para problematiza-las:

I think it is safe to say that the body of Madonna is at once esoteric and obscene, normal and pathological. It is, in a word, representative. That is, the body of Madonna is a dream of and for the polis, screening as it does those collective and sometimes not so republican desires and fantasies that fuel the nation imaginary. (Miklitsch, 1998:109)

Aqui, em momento algum, nos atrevemos a afirmar que “*Sex*” é antiético por fazer uso de corpos-mercadorias retratados com opacidade, uma vez que esta é a lógica do mercado voluptuoso contemporâneo. Do ponto de vista mercadológico, “*Sex*” não é antiético e Madonna

incorpora a mesma perversidade de qualquer outro capitalista, com a diferença que ela, além de empreendedora, é também matéria-prima e produto da fetichização.

Ademais, é válido lembrar que “Sex” é expressão clara da pós-modernidade também porque está situado entre a conservação e a subversão da estética de grupos minoritários, cuja exploração de tudo que seja excêntrico é justificada pela provocação de sua visibilidade. Assim, “Sex” se tornou polêmico, tanto para grupos conservadores que o julgaram vulgar, como para as próprias minorias, que o julgaram cruel à medida que maquiou o “submundo” como uma mera peça curiosa. Com isso, é certo dizer que a trajetória da Madonna na mídia é marcada pela ambiguidade, independente do ângulo que se opte por analisá-la.

Lésbicas, por exemplo, foram retratadas, tanto dentro do discurso estereotipado como fora dele, fazendo desta uma ocasião para difusão de uma suposta sexualidade fluida em Madonna⁵. Ela joga com a bissexualidade, ora em papel dominante, ora na condição de *voyeur*, ora em aparência frágil nos braços de outra mulher. Fica claro que Madonna explora despudoradamente inúmeras posições e lugares de prazer, e, se isso exprime a verdade sobre si mesma ou apenas dissimula a hiper-realidade de uma ficção ao serviço do seu patrimônio, fica ao critério do público decidir.

A mesma polêmica foi aplicada ao movimento feminista da época, que se dividiu entre aqueles que acusaram Madonna de estereotipar as mulheres pela sexualidade, e aqueles que celebraram sua conduta altiva diante do tema. Fica perceptível que na maior parte das imagens, Madonna é polo dominante e, nos textos de “Sex”, as fantasias são exploradas como produto de uma criatividade controladora de seu *alter ego*. Metzstein (1993), por exemplo, lembra que o emblema (X) gravado na contracapa de alumínio representa um louvor à vagina, denotando que na obra o falo está na mulher, mais especificamente em Madonna. Em alguns textos esta ideia surge, a exemplo da página 40: “*I wouldn't want a penis [...] I think I have a dick in my brain. I don't need to have one between my legs*”. A frase contorna uma imagem que foca a expressão de prazer da Madonna, enquanto toca e encara o pênis de um rapaz desnudo. O figurante é apresentado de costas e sem seu rosto à mostra, surgem apenas suas nádegas, partes das costas e pernas. Aqui o foco é ela, somente Madonna.

Algo semelhante é registrado nas fotografias com o, então seu namorado, Vanilla Ice. Madonna está nua, Ice veste um jeans maltrapilho e, como salienta Guilbert (2002: 55), “*Ice doesn't take his clothes off because he is fundamentally harmless: the phallus is on Madonna's side*”. A isso é válido acrescentar que a grande inovação de “Sex” não foi a exposição de

⁵ Por conta de aparições públicas acompanhada de mulheres lésbicas (a exemplo de Sandra Bernhard, Ingrid Casares ou Jenny Shimizu), surgiram especulações sobre a bissexualidade da Madonna, que nunca foram por ela confirmadas, nem desmentidas.

ambientes *undergrounds* ou o jogo com fetiches sadomasoquistas, o que há de novo aqui é o fato de que tudo isso tenha sido realizado por uma mulher, assumindo sua vocação empreendedora, tendo no sexo uma temática propulsora da sua posição ostensiva no mercado. Ao mesmo tempo a obra fala sexo, “*Sex*” fala de *business*.

Como problematização final deste tema, é pertinente ponderar que em 1979 Madonna, quando ainda não tinha se tornado famosa, havia posado nua para uma revista pornográfica de baixa circulação. Conquanto tratasse desta mesma “Madonna”, na ocasião o seu lugar de fala expunha a sua total vulnerabilidade ao olhar masturbatório dos consumidores daquele produto. A diferença crucial em relação a “*Sex*” é que agora aquela Madonna é uma *show-woman*, uma empreendedora de incontestável relevo e um mito pós-moderno que, diferente de outras tantas, não se expõe em posição subserviente quando o assunto é o *sex-appeal*, mas fez do seu próprio corpo uma ferramenta, não apenas ao serviço do olhar lascivo alheio, mas, e sobretudo, ao serviço de seu patrimônio. Em “*Sex*” Madonna se expõe, não por necessidade, mas por entender que sexo naquele momento seria o melhor tema para despertar amor e ódio que garantisse sua visibilidade e, ao mesmo tempo, para sustentar o fetichismo de uma mercadoria que lhe rendeu cifras vultosas. Como bem diferencia Wiseman (1993: 101), “*in 1993 the photographs themselves show Madonna (in 1979 they showed a model) partly clothed, unclothed, with a cat, and progress to images of her on all fours imitating the pose of a ‘hungry pussy’*”.

As imagens de Madonna corroboram para lembrar que discursos sobre sexo nunca ocorrem fora das relações de poder. “*Sex*” é expressão legítima desta ideia foucaultiana, uma vez que, ao ter se tornado um ícone da cultura *pop*, Madonna assumiu uma posição discursiva que lhe permitiu jogar com os fetiches na condição de polo dominante. Disso, é sensato concluir que o lugar de poder condiciona a forma como o sexo é perpetrado no discurso e significado nos jogos de linguagem como explicita Foucault,

Do singular imperativo, que impõe a cada um fazer de sua sexualidade um discurso permanente, aos múltiplos mecanismos na ordem da economia, da pedagogia, da medicina e da justiça incitam, extraem, organizam e institucionalizam o discurso do sexo que nossa civilização exigiu e organizou (Foucault, 1988: 34).

Embora reconheçamos os distanciamentos epistemológicos entre Foucault e Marx no que tange às relações de poder, é útil aqui ponderar como o lugar de fala deve ser levado em conta nesse debate, afinal, tratar de poder inevitavelmente nos obriga a inserir os contextos e condições que modulam as interlocuções de discursos.

4. Considerações finais

Foi do nosso interesse neste artigo demonstrar as formas pelas quais as ideias sobre fetiche estão presentes no livro “*Sex*”. Como debatido anteriormente, fetiche remete à noção de falta, tanto em sua etimologia, em alusão ao caráter místico de alguns objetos entendidos como obras de feitiçaria, como também no debate freudiano e marxista.

A dimensão da falta do fetiche em Freud ocorre no momento em que o objeto fetichista suplanta uma ansiedade (castração) por um símbolo mais facilmente tolerável pelo consciente. Acerca disso, Kaplan argumenta que Madonna pode facilmente cumprir esta função de preenchimento de um espaço inconsciente de desejo fálico entre homens e mulheres,

Stars like Madonna fill this space of desire – this gap that constitutes the subject in desire for an object – and therefore draw everyone in. many who market products for teenage consumers cynically capitalize on this mechanism and use Madonna to sell objects (Kaplan, 1993: 152-153).

Do ponto de vista marxista, o fetichismo de “*Sex*” pode ser manifesto porque consiste no produto final de um empreendimento, que, não apenas apropriou de pessoas como meros objetos, mas também porque omitiu a crueldade inerente ao próprio universo que retrata. “*Sex*” é um produto das relações sociais mediadas por coisas, é produto de um empreendimento gerenciado pelo capital predatório, ao serviço do grande burguês, que aqui também se põe na condição de mercadoria: Madonna.

Contudo, cabe lembrar que o que distingue Madonna das demais pessoas coisificadas no livro é que ela assume a posição de controle, ou seja, ela é legítima representante do capital em sua face mais sádica. Madonna, de forma alguma, demonstra pudores ao incorporar este personagem perverso, afinal, naquela altura ela tinha consciência que “*Sex*” é alegoria de uma sociedade pós-moderna calcada no narcisismo individualista e na obsessão pelo prazer. Não que o hedonismo narcísico tenha sido inventado na pós-modernidade, mas é útil lembrar que “*Sex*” apenas ilustra a agudização da volúpia capitalista pelo prazer ególatra em tempos pós-modernos. Aliás, é útil lembrar de palavras cantadas na música “*Human Nature*” (1994): “*Did I say something wrong? Oops, I didn’t know I couldn’t talk about you*”.

Dita, em alguma medida, é representação de homens e mulheres pós-modernos enclausurados em busca pessoal pela auto-satisfação no cerne de uma sociedade cuja ditadura é “goze”, “usufrua”, “consuma”. Dita é o retrato desta necessidade imediatista de tornar-se à imagem e semelhança do capital, que converte tudo e todos em mercadorias ao serviço dos sonhos egoístas de uma vida centrada no hedonismo narcísico. Bauman (2001: 74) bem caracteriza o

perfil do homem pós-moderno, retratando a efemeridade da satisfação e, tais características são bastante aplicáveis à Madonna e, por extensão, aos valores fetichistas de sua obra.

Tudo, por assim dizer, ocorre agora por conta do indivíduo. Cabe ao indivíduo descobrir o que é capaz de fazer, esticar essa capacidade ao máximo e escolher os fins a que essa capacidade poderia melhor servir – isto é, com a máxima satisfação concebível. Compete ao indivíduo amansar o inesperado para que se torne um entretenimento. (Bauman, 2001: 74)

“Sex” é a reificação da lógica comportamental pós-moderna em vários ângulos: porque pretende estetizar excêntrico, porque ofusca a crueldade deste universo, porque é gerenciado pela perversidade do sistema e, inclusive, porque é expressão de um *modus operandi* cruel, no momento em que desumaniza pessoas, tornando-as meros objetos ao serviço do capital. Em “Sex”, Madonna pretende dar voz a gays, lésbicas e outros membros do terreno *underground*, entretanto, embora visibilizados, em sua obra estes sujeitos são silenciados pelo poder fetichizante que arrefece qualquer fala não equalizada pelo nexos mercadológico.

Por fim, cabe ratificar que “Sex” situa neste lugar ambivalente entre a perpetuação do sistema hegemônico e a rebeldia de grupos não equalizados. Para além de teorias binárias sobre o tempo contemporâneo, Jameson (1996) sugere que a pós-modernidade seja analisada como um progresso e uma catástrofe ao mesmo tempo, afinal é neste período em que estéticas exóticas são usadas para o comércio de mercadorias, mas, ao mesmo tempo, essa apropriação serve (ou pode servir) de empoderamento para grupos invisibilizados. No fim, estereótipos e alteridades são criados, o que complexifica o tempo contemporâneo e o torna muito menos previsível do que análises maniqueístas conseguem alcançar.

O que “Sex” provoca é exatamente esta contraditória forma de pensamento pós-moderno, que, por estetizar tudo que seja “estranho”, ora é visto como celebração ao conservadorismo, ora é interpretado como ferramenta à resistência. Antes de pensar em “Sex” como mera linguagem pornográfica ou como produto meticuloso de um empreendimento chamado Madonna, há que perceber que “Sex” é sobre ser pós-moderno, é sobre combinar pulsões primitivas com as pulsões mais predatórias do capitalismo, é substrato concupiscente do “gozo” em sua insanidade mais perversa. “Sex” é sobre nós, na condição de pós-modernos. E, com esses termos, a própria Madonna (1994) conclui: “*Did I stay too long? Oops, I didn’t know I couldn’t talk about you*”.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt (2001), *Modernidade líquida*, Rio de Janeiro, Zahar.
- BECK, Ulrich (2000), “A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva”, in BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott, *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*, Oeiras, Celta Editora, pp. 1-52.
- FEATHERSTONE, Mike (1997), *O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade*, São Paulo, Studio Nobel.
- FOUCAULT, Michel (1988), *História da sexualidade I: a vontade de saber*, Rio de Janeiro, Edições Graal.
- GUILBERT, Georges-Claude (2002), *Madonna as postmodern Myth*, London, McFarland.
- JAMESON, Fredric (1996), *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*, São Paulo, Ática.
- JORGE, Marcos Antônio Coutinho; BASTOS, Flávio Correia Pinto (2009), “Trabalho e capitalismo: uma visão psicanalítica”, *Trivium*, vol. 1, Belo Horizonte, p. 21-33, 2009, [consult. a 10/06/2018]. Disponível em: <<http://www.uva.br/trivium/edicao1/artigos-tematicos/2-trabalho-e-capitalismo.pdf>>.
- KAPLAN, Ann (1993), “Madonna Politics: perversion, repression, or subversion? Or masks and/as master-y”, in Schwichtenberg, Cathy (org.), *Madonna connection: representational politics, subcultural identities, and cultural theory*, Colorado, Westview Press, pp. 149-165.
- KEHL, Maria Rita (2008), “Publicidade, perversões, fobias”, *Revista IDE*, Vol. 46, São Paulo [Consult. a 15/06/2018]. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v31n46/v31n46a05.pdf>>
- LIPOVETSKY, Gilles (2004), “Tempo contra tempo, ou a sociedade hipermoderna”, in LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien (orgs.), *Os tempos hipermodernos*, São Paulo, Editora Barcarolla, pp. 49-104.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean (2006), *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*, São Paulo, Companhia das Letras.
- LYOTARD, Jean-François (1990), *A condição pós-moderna*, Lisboa, Gradiva.
- MADONNA (1992), [CD] *Erotica*, in *Erotica* (Faixa 1), New York, Warner.
- (1992), *Sex*, New York, Time Warner, Maverick Records.
- (1994), [CD] *Human Nature*, in *Bedtime Stories* (Faixa 6), New York, Warner.
- MARX, Karl (1999), *O capital: crítica da economia política – livro I*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- METZSTEIN, Margery (1993), “SEX: ‘signed, sealed, delivered...’”, in Lloyd, Fran (org.). *Deconstructing Madonna*, London, B T Batsford, pp. 91-98.
- MIKLITSCH, Robert (1998), *From Hegel to Madonna: towards a general economy of “commodity fetishism”*, New York, State University of New York Press.
- O’BRIEN, Lucy (2007), *Madonna como um ícone – a biografia definitiva em comemoração aos seus 50 anos*, Montijo, Humanity’s Friends Books.
- PÊPE, Suzane Pinho (2009), “Feitiçaria: terminologia e apropriações”, *Sankofa: Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*, Vol. 2, São Paulo, pp. 52-69, [Consult. a 13/06/2018], Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/88738>>.

GUSMÃO, Roney (2019), “Madonna, “sex” e o fetichismo pós-moderno”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 71-87.

WISEMAN, Sue (1993), “Rights and permissions: sex, the model and the star”, in Lloyd, Fran (org.). *Deconstructing Madonna*, London, B T Batsford, pp. 99-110.

ZIZEK, Slavoj (1996), “Como Marx inventou o sintoma?” in Zizek, Slavoj (org.), *Um mapa da ideologia*, Rio de Janeiro, Contraponto, pp. 297-237.

Roney Gusmão. Professor do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas – CECULT da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Santo Amaro (Bahia, Brasil), Membro do Grupo de Pesquisa em Memória, Espaço e Culturas – MESCLAS, Endereço de correspondência: Avenida Viana Bandeira, 119, 1º andar, Centro, 44200000 - Santo Amaro, BA, Brasil. E-mail: roney@ufrb.edu.br.

Artigo recebido em 12 de fevereiro de 2019. Publicação aprovada em 23 de outubro de 2019.

Trabalho de equipa em saúde como processo de relação formal potenciador da satisfação e motivação laboral

Ana Teresa Nogueira Jeremias

Exército Português
Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

Pedro Miguel Alves Ribeiro Correia

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

Resumo

O trabalho de equipa em saúde é amplamente utilizado, mas continua a ser um desafio e as suas consequências na satisfação e motivação no trabalho são ambíguas. De modo a minimizar esta incerteza, realizou-se uma revisão sistemática da literatura com dezoito periódicos de cinco bases de dados científicas. Em geral, concluiu-se que a evidência ainda é limitada, contudo os dados sumariados de publicações de média a alta qualidade, permitem reconhecer o trabalho de equipa, essencialmente a colaboração, como um processo de relação formal entre trabalhadores, potenciador da satisfação e motivação.

Palavras-chave: trabalho em equipa em saúde; satisfação laboral; motivação laboral.

Teamwork in Health as a Formal Relationship Process Enhancer of Job Satisfaction and Motivation

Abstrat

Team health work is widely used but remains a challenge and its consequences on job satisfaction and motivation are ambiguous. In order to minimize this uncertainty, a systematic review of the literature was carried out with eighteen journals from five scientific databases. In general, it was concluded that the evidence is still limited, but the summary data of medium to high-quality publications allow team work, essentially collaboration, to be recognized as a process of formal relationship between workers enhancing satisfaction and motivation.

Key-words: teamwork in health; job satisfaction; work motivation.

JEREMIAS, Ana Teresa Nogueira e CORREIA, Pedro Miguel Alves Ribeiro (2019), “Trabalho de equipa em saúde como processo de relação formal potenciador da satisfação e motivação laboral”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 88-109.

Le Travail d'Equipe en Santé Comme Processus de Relation Formelle qui Améliore la Satisfaction au Travail et la Motivation

Résumé

Le travail d'équipe en santé est largement utilisé mais reste un défi et ses conséquences sur la satisfaction et la motivation au travail sont ambiguës. Afin de minimiser cette incertitude, une revue systématique de la littérature a été réalisée avec 18 revues de cinq bases de données scientifiques. En général, il a été conclu que les preuves étaient encore limitées, mais les données résumées des publications de qualité moyenne à élevée permettaient de reconnaître le travail d'équipe, essentiellement la collaboration, comme un processus de relation formelle entre les travailleurs d'amélioration de satisfaction et de motivation.

Mots-clés: travail d'équipe en santé; satisfaction au travail; motivation au travail.

Trabajo en equipo de salud como un proceso de relación formal que mejora la satisfacción laboral y la motivación

Resumen

El trabajo de salud en equipo se usa ampliamente, pero sigue siendo un desafío y sus consecuencias en la satisfacción laboral y la motivación son ambiguas. Para minimizar esta incertidumbre, se realizó una revisión sistemática de la literatura con dieciocho revistas de cinco bases de datos científicas. En general, se concluyó que la evidencia aún es limitada, pero los datos de resumen de las publicaciones de calidad media a alta permiten que el trabajo en equipo, esencialmente la colaboración, sea reconocido como un proceso de relación formal entre los trabajadores que mejora la satisfacción y la motivación.

Palabras clave: trabajo en equipo en salud; satisfacción laboral; motivación laboral.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho de equipa (TE) pode ter vários entendimentos, mas em geral é considerado o trabalho gerado pela ação de duas ou mais pessoas com formação e habilidades complementares, organizadas, alinhadas e mobilizadas no sentido de objetivos comuns (Espinoza *et al.* 2018; Nancarrow *et al.*, 2013). Este trabalho traduz um processo de relação formal entre os intervenientes, em que as condutas pessoais e sociais, e procedimentos no trabalho são estabelecidos tendo em conta a concretização os objetivos organizacionais comuns (Blau *et al.*, 2003:5). Em organizações públicas de saúde, a implementação do TE é controversa com desfechos ambíguos na satisfação e motivação laborais (Bryson *et al.*, 2014; Emery *et al.*, 2014), face à influência de inúmeras variáveis (Kabene *et al.*, 2006; Körner *et al.*, 2016; Xyrichis *et al.*, 2008). Perante esta incerteza, o presente estudo visa reunir, analisar e sintetizar

sistematicamente a evidência publicada entre 2000 e 2018, de modo a descrever as consequências (percepções, relações e efeitos) do TE (em geral) e de cada uma de suas abordagens, sobre satisfação e motivação no trabalho.

1.1. O Paradoxo do Trabalho de Equipa

Para compreender a polémica, importa considerar a organização como uma unidade social ampla e complexa, onde o todo é maior que a soma das partes (Blau *et al.*, 2003:1; Heugens *et al.*, 2009). Segundo esta perspetiva, as organizações de saúde são organizações complexas, em grande parte devido a um grau cada vez mais elaborado na estrutura e nos processos (Arnaud *et al.*, 2013; Yeboah-Assiamah *et al.*, 2016). Para lidar com a complexidade e custos crescentes (Kabene *et al.*, 2006), a maioria dos serviços públicos de saúde tende a adotar o TE (Nancarrow *et al.*, 2013; World Health Organization, 2010). No entanto, a conciliação de esforços entre componentes nem sempre é fácil (Blau *et al.*, 2003:1; Crozier *et al.*, 1977: 43).

Sugere-se que o TE é facilitado quando as múltiplas variáveis ao se relacionarem evidenciam aprovação, coordenação, unidade, consentimento, consistência e harmonia, ou seja, convergência de interesses entre trabalhadores e entre trabalhadores e organizações (Arnaud *et al.*, 2013; Chiavenato, 2004:305; Heugens *et al.*, 2009). Nesse caso, presume-se estarem reunidas condições para controlar o conflito, um componente da atividade organizacional, e consequentemente proporcionar maior satisfação e motivação organizacional (Bryson *et al.*, 2014; Chiavenato, 2004: 315; Perry *et al.*, 2010).

Por outro lado, a interação entre variáveis pode levar à colisão de ideias, sentimentos, atitudes ou interesses, e consequentemente desfavorecer o TE (Arnaud *et al.*, 2013; Chiavenato, 2004: 305). Este tipo de situações parece contribuir para distúrbios na satisfação, com repercussões na motivação (Emery *et al.*, 2014; Rockmann *et al.*, 2007). Consequentemente, um contexto de menor satisfação e motivação pode contribuir para uma maior taxa de absentismo, presentismo, rotatividade ou mesmo saída de profissionais com consequente impacto negativo no desempenho, afetando a eficácia, eficiência e qualidade da prestação de serviços (Patrician *et al.*, 2010; Suter *et al.*, 2012).

Assim, face à diversidade de entendimentos de TE e contradições teóricas em torno das suas consequências na satisfação e motivação laboral, permanece por clarificar se, em contexto organizacional de saúde, o TE poderá ser utilizado enquanto processo de relação formal entre trabalhadores potenciador da satisfação e motivação no trabalho, e qual a abordagem a adotar nesse sentido.

2. METODOLOGIA

2.1. Desenho e Paradigma de Estudo

O presente estudo traduz uma revisão sistemática da literatura de acordo com um paradigma misto, e arbitrada (as diferentes etapas) por dois investigadores.

A pesquisa foi efetuada entre julho de 2017 e dezembro de 2018 em bases de dados científicas eletrónicas, nomeadamente: PubMed; B-ON; JSTOR; OMICS Internacional; e SSRN. Nestas, utilizou-se um conjunto de palavras-chave e operadores booleanos, sendo exemplos: "teamwork"; “modalities of teamwork in healthcare”; “Types of teamwork in healthcare”; “Approaches of teamwork in healthcare”; "multidisciplinary" AND "work" AND "Motivation" AND "Professionals"; “Approaches" AND " Satisfaction" AND "Professionals". Incluíram-se os estudos que demonstraram o seguinte conjunto de critérios: artigo científico periódico; publicação entre 1 de janeiro de 2000 a 31 de dezembro de 2018; acesso gratuito ou com protocolo com a Universidade de Lisboa (UL); texto completo disponível em inglês; amostra de profissionais de serviços de saúde; estudos de abordagens de TE; estudos de TE (geral); consequência na satisfação e motivação no trabalho; todos os tipos e desenhos de estudo, instrumentos de recolha de dados e análises de dados.

2.2. Qualidade da Evidencia e Síntese de Dados

Foram definidos níveis de evidência (NE) para hierarquizar a evidência da menor para a maior robustez: 1- sem controlo; 2- com controlo não experimental; 3- com controlo experimental (Ryan *et al.*, 2013). Por outras palavras, face à metodologia característica de cada desenho de estudo, considera-se que os resultados com maior qualidade, fiabilidade e validade, provêm, por ordem crescente, de estudos não experimentais (sem grupo de controlo), quasi-experimentais (com grupo de controlo) e experimentais (com grupo de controlo e aleatorização) (Ryan *et al.*, 2013).

Com base em considerações de Rocco (2010), Ryan *et al.* (2013) e Thompson *et al.* (2005) foram ainda tidos em conta 4 aspetos e respetivos critérios para avaliação da qualidade das publicações selecionadas, tais como: verdadeiro valor (a verdade aproximada sobre relação causal, ou o impacto de uma variável sobre outra); aplicabilidade (grau que os resultados podem ser transferidos ou generalizados para outras definições, contextos, ou populações); fiabilidade (consistência dos resultados, ou seja, garantia de se verificarem os mesmos resultados em circunstâncias semelhantes); e neutralidade (medida em que os resultados da investigação podem ser confirmados ou corroborados por outros, ou seja, o grau em que um investigador

JEREMIAS, Ana Teresa Nogueira e CORREIA, Pedro Miguel Alves Ribeiro (2019), “Trabalho de equipa em saúde como processo de relação formal potenciador da satisfação e motivação laboral”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 88-109.

representa a subjetividade individual ou a polarização). Para cada um, quando ausente foi atribuído o valor 0, quando parcialmente existente o valor 1 e o 2 quando totalmente presente.

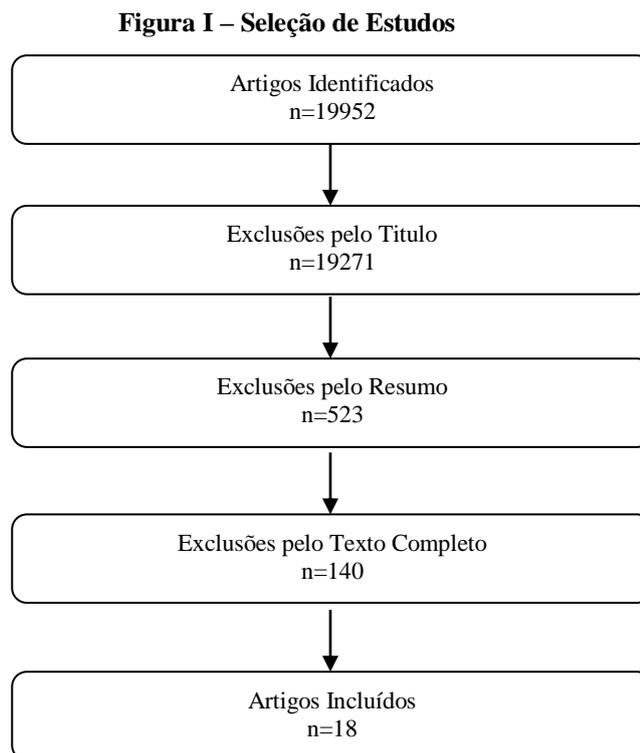
O score de qualidade global (QT) atribuído à publicação diz respeito à adição dos scores imputados a cada um dos aspetos observados, sendo-lhe ainda somado o nível de evidência.

Por fim, para sintetizar a informação optou-se por uma agregação dos dados (Booth, 2016).

3. RESULTADOS

3.1. Seleção de Estudos

Filtraram-se 19952 artigos. Destes, foram incluídos 18 periódicos que cumpriram todos os critérios de inclusão (figura I).



Fonte: autores do presente estudo.

Foram excluídos 26 estudos por não serem de acesso livre, não estarem acessíveis mediante protocolo com a UL e por o texto completo não estar disponível. Uma das publicações foi excluída por não ser um artigo científico periódico. Enquanto as restantes 19907 foram

excluídas por não estudarem o TE (geral), não contemplarem abordagens de trabalho e não analisarem as suas consequências (percepções, relações ou efeitos) ao nível da satisfação e motivação a nível dos trabalhadores de serviços de saúde.

3.2. Qualidade, Síntese e Discussão da Evidência

O score de qualidade e dados extraídos são apresentados na tabela I, em anexo. De um modo geral destaca-se que o TE (geral) foi analisado com maior frequência (55.6%) do que as suas abordagens (50.0%). Relativamente a estas, a colaboração foi a mais estudada (33.3%). A maioria dos estudos incluídos estudou enfermeiros (38.9%) e médicos (33.3%). A globalidade abarcou o contexto hospitalar (44.4%) e foi realizada nos Estados Unidos da América (27.8%).

Oito das publicações incluídas analisaram as consequências do TE (geral) ao nível da satisfação no trabalho, sendo que o estudo com qualidade mais robusta (nível 2 de evidencia e score de qualidade 9) e portanto com informação mais relevante sugere uma tendência para um índice de satisfação laboral significativamente superior com o TE quando comparado com o trabalho sem ser em equipa (Ajeigbe *et al.*, 2014). As publicações de Cunningham *et al.* (2018) e de Warmelink *et al.* (2015), (nível 1 de evidencia e 9 de qualidade), e ainda o estudo de Körner *et al.* (2016) (nível 1 de evidencia e 8 de qualidade) apresentam resultados concordantes com os de Ajeigbe *et al.* (2014). Estes resultados vão de encontro a estudos realizados noutros contextos, como na construção civil, em que se observou que o aumento do TE incrementou a satisfação laboral (Dhurupa *et al.*, 2016). Apenas o estudo de Vera-Remartínez *et al.* (2009) com menor robustez e portanto resultados menos valorizáveis (nível 1 de evidencia e 8 de qualidade) obteve resultados que apesar de ter detetado uma associação positiva, a capacidade explicativa do modelo de satisfação relacionado com fatores associados ao TE proposto não foi estatisticamente significativa. Estes resultados podem ser justificados pelo facto da equipa ser constituída apenas por enfermeiros e abarcar um contexto que se destaca dos restantes, as prisões.

Incluíram-se também três trabalhos que analisaram resultados do TE (geral) ao nível da motivação no trabalho e que evidenciaram dados concordantes. Destaca-se em primeiro lugar os resultados do estudo com maior nível de qualidade (nível 1 de evidencia e 9 de qualidade) que sugerem a motivação como um efeito intermédio do TE (Cunningham *et al.* 2018). Estes resultados são corroborados pelos do estudo de Mahal (2009) (nível 1 de evidência e 8 de qualidade) que evidenciam uma relação positiva e significativa entre o TE e a motivação laboral. O estudo de Lelorain *et al.* (2017) (nível 1 de evidência 8 de qualidade) por um lado apresenta resultados concordantes com os restantes, ao identificar que a educação terapêutica

do paciente efetuada por uma equipa multidisciplinar treinada como um fator-chave na motivação dos profissionais, por outro descreve interferências negativas na motivação relacionadas a constrangimentos do TE, tais como com a alta rotatividade nas equipas, a dificuldade de reunir a variedade de profissionais necessários para implementar a educação terapêutica, por vezes sentem que não há coesão e concordância do trabalho efetuado entre todos os elementos, além disso reconhece-se que por vezes há filosofias de trabalho diferentes, e não aceitação por parte de outros profissionais da partilha de conhecimento e de tarefas. Isto vai de encontro aos pressupostos teóricos de que sugerem uma dificuldade na conciliação dos esforços entre componentes das organizações complexas, como as de saúde (Blau *et al.*, 2003:1; Chiavenato, 2004:305). Relacionado sobretudo com a formação e identidade profissional (O'Reilly *et al.*, 2017), consequentemente com o carácter competitivo e conflituoso inerente à partilha de poder, em termos da distribuição de práticas e funções e no planeamento e tomada de decisão entre profissionais (Crozier *et al.*, 1977: 93; Nancarrow *et al.*, 2013). Por conseguinte assiste-se a uma maior dificuldade na implementação do TE, gerando por sua vez maior desmotivação para a prossecução da sua missão no local de trabalho (D'Amour *et al.*, 2008; Emery *et al.*, 2014).

Verificou-se que nove estudos especificaram abordagens de TE e respetivos resultados na satisfação e motivação no trabalho, tendo demonstrado uma consistência de resultados. De acordo com os resultados, do maior para o menor nível de evidência e de qualidade, sugere-se uma associação positiva e moderada entre a satisfação no trabalho e o TE interprofissional (Kaiser *et al.*, 2018) Acrescenta-se que alguns dos motivos relacionados com a satisfação dos membros de equipas interprofissionais prendem-se com o envolvimento e compromisso para o cuidado centrado no paciente, comunicação, papéis e objetivos claros, e na presença de um líder transformacional para fortalecer o bem-estar, o diálogo e a inovação (Espinoza *et al.*, 2018).

De acordo com os resultados obtidos na investigação de Calderón e colaboradores (2016) (nível 2 de evidência e 6 de qualidade), no estudo de Fleury *et al.* (2017) (1 de evidência e 7 de qualidade), e ainda na publicação de Sandhoff *et al.* (2008) (nível 1 de evidência e 4 de qualidade), a satisfação parece ser significativamente maior quando o trabalho se desenvolve em maior colaboração. Registando-se ainda no estudo de Konrad *et al.* (2004) e no de Chang *et al.* (2009) (ambos com nível 1 de evidência e 6 de qualidade), um efeito positivo e estatisticamente relevante da colaboração sobre a satisfação no trabalho. Os resultados aqui observados parecem ser concordantes com dados observados noutros contextos. No estudo de Jung (2013), por exemplo, com base numa amostra de 17676 funcionários públicos de 70 agências públicas dos Estados Unidos da América obteve-se resultados que sugerem que a colaboração interna explica significativamente uma variação positiva da satisfação laboral (Jung, 2013).

Apesar dos estudos incluídos na presente revisão não terem analisado o efeito do comprometimento sobre a satisfação de trabalhadores no contexto de serviços de saúde, conhecem-se estudos, como o de Dhurupa *et al.* (2016), que mediante uma análise de regressão logística multivariada observou um efeito significativamente positivo das dimensões do comprometimento laboral sobre a satisfação no trabalho da construção civil.

No trabalho colaborativo também parece predominar profissionais motivados (Kjellström *et al.*, 2017). De acordo com os resultados do estudo de Kjellström *et al.*, (2017) (nível 1 de evidência e 7 de qualidade) características do trabalho colaborativo, como a bondade, o espírito de interajuda, o apreço e apoio entre colegas parecem estar na base da motivação laboral. Estes dados, apesar de suportarem argumentos teóricos que defendem que a colaboração é facilitada quando há convergência entre trabalhadores (Arnaud *et al.*, 2013; Heugens *et al.*, 2009; Chiavenato, 2004: 305; Crozier *et al.*, 1977: 113). Por outro contrastam com os resultados do estudo de Campbell (2016) que realizado com base numa amostra de 687687 funcionários do serviço público dos Estados Unidos da América (taxa de resposta de 46,1%). Segundo análise de um modelo de equações estruturais obtiveram-se resultados que apontam para um efeito significativo negativo da colaboração entre unidades de trabalho na motivação no trabalho (Campbell, 2016). Os autores justificam o efeito direto negativo pela dificuldade de se efetivar este tipo de colaboração, em comparação com outros tipos de colaboração, dadas as diferenças fundamentais em metas, incentivos e estilos de comunicação (Campbell, 2016).

Por fim, os resultados do estudo de Mahal (2009) (nível 1 de evidência e 8 de qualidade) sugerem ainda que a motivação no trabalho se associa forte e positivamente ao TE na modalidade de comprometimento. De acordo com a investigação de Kjellström *et al.* (2017) (nível 1 de evidência e 7 de qualidade) destacam-se características do comprometimento que favorecem a motivação como o foco nos objetivos e na melhoria contínua, a proximidade com os gestores, e ainda o estímulo da criatividade, do intelecto, do envolvimento, da responsabilidade, da exigência e da autonomia nas decisões, e colocada aos profissionais na formulação de objetivos bem como soluções para os alcançar. Uma vez mais, estes dados suportam a evidência que alega uma relação forte e positiva entre o comprometimento e a motivação, como é exemplo o estudo de Camilleri *et al.* (2007), que tendo em conta uma amostra de 2431 de trabalhadores maltêses com cargos administrativos de todos os ministérios do governo maltês, verificou-se um efeito significativo positivo do comprometimento sobre a motivação.

Embora esta revisão não tivesse identificado em contexto de serviço de saúde a combinação de abordagens, conhecem-se estudos realizados noutros contextos, como o de Zhou

et al. (2013), realizado com base em dados de profissionais de recursos humanos de empresas na China, que verificaram que quanto maior for a tendência para o compromisso organizacional maior predisposição para a colaboração. Os resultados do estudo de Smith (2009), obtidos através da aplicação de questionários a uma amostra de 547 municípios nos Estados Unidos da América, seguem a tendência referida na medida em que o comprometimento organizacional promoveu a probabilidade de interação repetida, aumentando assim o potencial de colaboração entre parceiros com ou sem confiança. Da mesma forma que no estudo de Morrow *et al.* (2012), numa amostra de 257 trabalhadores de diversos escritórios de serviços financeiros da região médio oeste nos Estados Unidos da América, verificou-se que o aumento de um valor da percepção de colaboração proporciona um aumento de aproximadamente 18% do comprometimento afetivo dos trabalhadores.

5. CONCLUSÃO

Globalmente sugere-se que o conhecimento científico sobre o TE, as suas abordagens e efeitos na satisfação e motivação dos trabalhadores é ainda limitado. Contudo, os dados aqui sumariados, proveniente de 18 publicações científicas com nível médio a elevado de qualidade, corroboram com a ideia de que o TE favorece a satisfação e motivação, pelo que ainda assim é possível reconhecer e recomendar o TE na prestação de serviços de saúde, essencialmente sob a forma de colaboração, enquanto processo de relação formal entre trabalhadores potenciador de satisfação e motivação laboral.

Tendo em conta as consequências da menor satisfação e motivação dos trabalhadores (Emery *et al.*, 2014; Rockmann *et al.*, 2007), e consequentemente do aumento do absentismo, presentismo, rotatividade ou mesmo saída de profissionais (Patrician *et al.*, 2010; Suter *et al.*, 2012), ao mesmo tempo que se reconhecem constrangimentos ao nível das estratégias habituais para as contornar, entre os quais financeiras (Patrician *et al.*, 2010), o esforço deve ser direcionado para um sistema motivador não financeiro ou material (Kabene *et al.*, 2006; Perry *et al.*, 2010). Neste sentido, recomenda-se o TE e a gestão dos eventuais conflitos mediante distribuição equitativa de poder durante este processo de relação formal entre intervenientes. Face à globalidade do fenómeno, este é um assunto que interessa tanto às organizações de saúde militares como civis, pelo que os indícios observados na presente investigação reúne, analisa e sumariza informação científica atual que permite por um lado, conhecer as possíveis consequências do TE (no geral), ao nível da satisfação e motivação dos trabalhadores de serviços de saúde militares ou civis, assim como as abordagens de TE utilizadas em contexto organizacional na área da saúde, e respetivas consequências na satisfação e motivação laborais.

A nível científico contribui para atualizar o estado da arte sobre a problemática do TE, da motivação e satisfação laborais e identificam-se questões sociológicas emergentes que podem servir para definir futuras linhas de investigação.

No entanto, a presente revisão não foi isenta de limitações. Face à dimensão da amostra, 18 estudos, e pelo facto de se teres identificado apenas 6 estudos do tipo qualitativo, 11 do tipo quantitativo e 1 misto, reflete um conhecimento pouco aprofundado e representativo das problemáticas em assunto, colocado em destaque a necessidade de se desenvolver mais estudos, quer de acordo com raciocínio dedutivo quer indutivo, ambos são deficitários. Também é importante destacar, que os critérios de pesquisa utilizadas na presente revisão, as palavras-chave e a combinação entre as mesmas, também poderão ter conduzido a uma menor sensibilidade da pesquisa sido e serem corresponsáveis para a dimensão amostral do presente estudo e pelas revistas científicas onde foram publicados os estudos. Estudos futuros podem utilizar outras bases de dados, eletrónicas e manuais, a inclusão de artigos pagos assim como outros idiomas e mais combinações de palavras-chave na pesquisa. Enaltece-se ainda que maioria dos estudos incluídos analisou amostras de médicos e enfermeiros, pelo que esta lacuna pode traduzir um viés nos resultados obtidos até então e condicionar a sua representatividade (O’Reilly *et al.*, 2017). Da mesma forma, que se observa uma preeminência de investigações realizadas em contexto civil e nos Estados Unidos da América, não sendo, portanto, representativa da diversidade de culturas administrativas, nomeadamente militar, o que mais uma vez vem condicionar a extrapolação de resultados sobre a matéria em questão (O’Reilly *et al.*, 2017). Investigações futuras, em contexto das organizações de saúde, devem por isso refletir todos os pontos de vista e experiências profissionais e abranger um leque maior de contextos e países (O’Reilly *et al.*, 2017). O tipo e desenho diferentes dos estudos assim como os métodos e instrumentos de recolha e tratamento de dados, condicionam a comparação dos dados entre estudos, respetiva sistematização da informação e conclusões (Bowen *et al.*, 1999), nomeadamente no que toca à identificação da abordagem de TE com maior efeito sobre a satisfação e motivação dos trabalhadores. Também a ausência de definições de TE e de abordagens, ou ao invés a sua diversidade, dificulta a seleção e análise dos dados. Assim, estudos futuros devem esforçar-se por uma convergência metodológica, pela clarificação dos conceitos utilizados e identificar a abordagem de TE mais efetiva na satisfação e motivação no trabalho. Deve-se ainda ponderar a combinação de abordagens, já que noutros contextos indicia-se uma possível relação entre por exemplo a colaborativa e o comprometimento (Li *et al.*, 2013), e estudar o respetivo efeito na satisfação e motivação.

BIBLIOGRAFIA

JEREMIAS, Ana Teresa Nogueira e CORREIA, Pedro Miguel Alves Ribeiro (2019), “Trabalho de equipa em saúde como processo de relação formal potenciador da satisfação e motivação laboral”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 88-109.

- AJEIGBE, David *et al.* (2014), “Effect of Nurse-Physician Teamwork in the Emergency Department Nurse and Physician Perception of Job Satisfaction”, *Journal Nursing Care*, vol.3, pp. 1-6.
- ARNAUD, Nicolas; FAUVY, Stéphane; NEKKA, Hadj (2013), “ La Difficile Institutionnalisation d'une GRH Territoriale”, *Revue Française de Gestion*, pp. 15-33.
- BLAU, Peter; SCOTT, W. Richard (2003). *Formal Organizations. A comparative Approach*. California: Stanford University Press.
- BOOTH, Andrew (2016), “Searching for qualitative research for inclusion in systematic reviews: a structured methodological review”, *Systematic Reviews*, vol 5, pp. 1-23.
- BOWEN, William; BOWEN, Chieh-Chen (1999), “Typologies, Indexing, Content Analysis, Meta-Analysis, and Scaling as Measurement Techniques”, in *Handbook of Research Methods in Public Administration, Describing and Measuring Phenomena*, NewYork, MarcelDekker, pp.51-87.
- BRYSON, John; CROSBY, Barbara; BLOOMBERG, Laura (2014), “Public Value Governance: Moving Beyond Traditional Public Administration and the New Public Management.” *Public Administration Review*, 74, 445-456.
- CALDERÓN, Carlos *et al.* (2016), “Primary care and mental health care collaboration in patients with depression: Evaluation of a pilot experience”, *Atención Primaria*, 48, pp. 356-365.
- CHANG, Wen-Yin *et al.* (2009), “Job satisfaction and perceptions of quality of patient care, collaboration and teamwork in acute care hospitals”, *Journal of Advanced Nursing*, 65, pp. 1946-1955.
- CHIAVENATO, Idalberto (2004), *Introdução à Teoria Geral da Administração*, Rio de Janeiro, Elsevier.
- CROZIER, Michel; FRIEDBERG, Erhard (1977). *L'acteur et le système: les contraintes de l'action collective*. Paris, França: Éditions du Seuil
- CUNNINGHAM, Una *et al.* (2018), “Team interventions in acute hospital contexts: a systematic search of the literature using realist synthesis”, *BMC Health Services Research*, 18, pp. 1-15.
- D'AMOUR, Danielle *et al.* (2008), “A model and typology of collaboration between professionals in healthcare organizations”, *BMC Health Services Research*, 8, pp. 1-14.
- DHURUPA, Manilall; SURUJLAL, Jhalukpreya; KABONGO, Danny (2016), "Finding Synergic Relationships in Teamwork, Organizational Commitment and Job Satisfaction: A Case Study of a Construction Organization in a Developing Country", *Procedia Economics and Finance*, 35, pp. 485 – 492.
- EMERY, Yves; GIAUQUE, David (2014), “The hybrid universe of public administration in the 21st century”, *International Review of Administrative Sciences*, 80, pp. 23-32.
- EPSTEIN, Nancy (2014), “Multidisciplinary in-hospital teams improve patient outcomes: A review”, *Surgical Neurology International*, 5, pp. S295-S303.
- ESPINOZA, Pilar *et al.* (2018), “ Interprofessional team member’s satisfaction: a mixed methods study of a Chilean hospital”, *Human Resources for Health*, 16, pp. 1-12.
- FLEURY, Marie-Josée; GRENIER, Guy; BAMVITA, Jean-Marie (2017), “Job satisfaction among mental healthcare professionals: The respective contributions of professional characteristics, team attributes, team processes, and team emergent states”, *SAGE Open Medicine*, 5, pp. 1-12.

- JEREMIAS, Ana Teresa Nogueira e CORREIA, Pedro Miguel Alves Ribeiro (2019), “Trabalho de equipa em saúde como processo de relação formal potenciador da satisfação e motivação laboral”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 88-109.
- HEUGENS, Pursey; LANDER, Michel (2009), “Structure! Agency! (and Other Quarrels): A Meta-Analysis OF Institutional Theories of Organization”, *Academy of Management Journal*, 52, pp. 61–85.
- KABENE, Stefane *et al.* (2006), “The importance of human resources management in health care: a global context”, *Human Resources for Health*, 4, pp. 1-17.
- KAISER, Jennifer; WESTERS, Judith (2018), “Nursing teamwork in a health system: A multisite study”, *Journal of Nursing Management*, 26, pp. 555-562.
- KAISER, Sabine; PATRAS, Joshua; MARTINUSSEN, Monica (2018), “Linking interprofessional work to outcomes for employees: A meta-analysis.”, *Res Nurs Health*, 41, pp. 265–280.
- KJELLSTRÖM, Sofia *et al.*, (2017), “Work motivation among healthcare professionals. A study of well-functioning primary healthcare centers in Sweden”, *Journal of Health Organization and Management*, 31, pp. 487-502.
- KONRAD, Thomas; FLETCHER, Grant; CAREY, Timothy (2004), “Interprofessional Collaboration and Job Satisfaction of Chiropractic Physicians”, *Journal of Manipulative and Physiological Therapeutics*, 27, pp. 245-52.
- KÖRNER, Mirjam *et al.* (2016), “Interprofessional teamwork and team interventions in chronic care: A systematic review”, *Journal of Interprofessional Care*, 30, pp. 15–28.
- LELORAIN, Mirjam *et al.* (2017), “French healthcare professionals’ perceived barriers to and motivation for therapeutic patient education: A qualitative study”, *Nursing and Health Sciences*, 19, pp. 331–339.
- LI, Li *et al.* (2014), “Work stress, work motivation and their effects on job satisfaction in community health workers: a cross-sectional survey in China”, *BMJ Open*, 4, pp. 1-9.
- MAHAL, Prabhjot (2009), “Organizational Culture and Organizational Climate as a Determinant of Motivation”, *The IUP Journal of Management Research*, VIII, pp. 38-51.
- MORROW, Paula; MCELROY, James; SCHEIBE, Kevin (2012), "Influencing Organizational Commitment Through Office Redesign", *Journal of Vocational Behavior*, 81, pp. 99–111.
- NANCARROW, Susan *et al.* (2013), “Ten principles of good interdisciplinary team work”, *Human Resources for Health*, 11, pp. 2-11.
- O'REILLY, Pauline *et al.* (2017), “Assessing the facilitators and barriers of interdisciplinary team working in primary care using normalisation process theory: An integrative review”, *PLoS ONE*, 12, pp. 1-22.
- PATRICIAN, Patricia; SHANG, J.; LAKE, E. (2010), “Organizational Determinants of Work Outcomes and Quality Care Ratings Among Army Medical Department Registered Nurses”, *Res Nurs Health*, 33, pp. 99–110.
- PERRY, James; HONDEGHEM, Annie; WISE, Lois (2010), “Revisiting the motivational bases of public service: Twenty Years of Research and an Agenda for the Future”, *Public Administration Review*, pp. 681–690.

- JEREMIAS, Ana Teresa Nogueira e CORREIA, Pedro Miguel Alves Ribeiro (2019), “Trabalho de equipa em saúde como processo de relação formal potenciador da satisfação e motivação laboral”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 88-109.
- ROCCO, Tonette (2010), “Criteria for evaluating qualitative studies”, *Human Resource Development International*, 13, pp. 375-378.
- ROCKMANN, Kevin; PRATT, Michael; NORTHCRAFT, Gregory (2007), “Divided Loyalties. Determinants of Identification in Interorganizational Teams”, *Small Group Research*, 38, pp. 727-751.
- RYAN, Rebecca *et al.* (2013), *Study Quality Guide*. Study Quality Guide, Cochrane Consumers & Communication Review Group, [Consult. a 03.05.2019]. Disponível em: https://cccr.org/sites/cccr.org/files/public/uploads/StudyQualityGuide_May%202013.pdf
- SANDHOFF Brian *et al.*, (2008), “Collaborative cardiac care service: a multidisciplinary approach to caring for patients with coronary artery disease”, *The Permanente Journal*, 12, pp. 4-11.
- SMITH, Craig (2009), "Institutional Determinants of Collaboration: An Empirical Study of County Open-Space Protection", *Journal of Public Administration Research and Theory*, 19, pp. 1–21.
- SPEAR, Jonathan *et al.* (2004), “Job satisfaction and burnout in mental health services for older people”, *Australasian Psychiatry*, 12, pp. 58-61.
- SUTER, Esther *et al.* (2012), “Can interprofessional collaboration provide health human resources solutions? A knowledge synthesis”, *Journal of Interprofessional Care*, 26, pp. 261–268.
- THOMPSON, Bruce *et al.* (2005), “Evaluating the Quality of Evidence From Correlational Research for Evidence-Based Practice”, *Exceptional Children*, 71, pp. 181-194.
- VERA-REMARTÍNEZ, Enrique *et al.* (2009), “Satisfacción laboral de la enfermería en las prisiones españolas”, *Rev Esp Sanid Penit*, 11, pp. 80-86.
- WARMELINK, J. Catja *et al.* (2015), “An explorative study of factors contributing to the job satisfaction of primary care midwives”, *Midwifery*, 31, pp. 482–488.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (2010), *Framework for Action on Interprofessional*, Obtido de World Health Organization iris, [Consult. a 20.09.2017]. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/70185/1/WHO_HRH_HP_N_10.3_eng.pdf
- XYRICHIS, Andreas; LOWTON, Karen (2008), “What fosters or prevents interprofessional teamworking in primary and community care? A literature review.”, *International Journal of Nursing Studies*, 45, pp. 140-153.
- YEBOAH-ASSIAMAH, Emmanuel; ASAMOAH, Kwame; AGYEKUM, Thomas (2016), “Therefore, Is Bureaucracy Dead? Making a Case for Complementarity of Paradigms in Public Administrative Thinking and Discourse.”, *International Journal of Public Administration*, 39, pp. 382–394.
- ZHOU, Yu; HONG, Ying; LIU, June (2013), "Internal Commitment or External Collaboration? The Impact of Human Resource Management Systems on Firm Innovation and Performance", *Human Resource Management*, 52, pp. 263–288.

JEREMIAS, Ana Teresa Nogueira e CORREIA, Pedro Miguel Alves Ribeiro (2019), “Trabalho de equipa em saúde como processo de relação formal potenciador da satisfação e motivação laboral”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 88-109.

Ana Teresa Nogueira Jeremias. (Autora de correspondência). Exército Português, Direção de Saúde/Unidade de Saúde II (Évora, Portugal). Doutoranda em Administração da Saúde do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, (Lisboa, Portugal). Endereço de Correspondência: R. D. Augusto Eduardo Nunes, nº17, 7000-651 Évora, Portugal. E-mail: ft.jeremias@gmail.com

Pedro Miguel Alves Ribeiro Correia. Investigador Integrado do Centro de Administração e Políticas Públicas do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa (Lisboa, Portugal). e Políticas Públicas e Coordenador do Observatório Nacional de Administração Pública, (Lisboa, Portugal). Endereço de Correspondência: R. Almerindo Lessa, s/n, 1300-666 Lisboa, Portugal. E-mail: pcorreia@iscsp.ulisboa.pt

Artigo recebido em 20 de janeiro de 2019. Aprovado para publicação

ANEXO

Tabela I – Dados dos estudos incluídos extraídos, qualificados e sintetizados

Publi cação	Parâ metros	Dados Extraídos	Nível de Evidência	Quali dade Total
Spear <i>et al.</i> (2004)	a) Quantitativo b) Omisso c) Determinar a associação entre a satisfação e o TE d) Omisso e) 8 Serviços de saúde mental para idosos na Austrália Ocidental f) Inquérito postal g) n=116 h) Taxa de resposta = 33% i) Psiquiatras, enfermeiros, auxiliares de saúde, administrativos, gestores e profissões não declaradas j) Omisso k) Colaboração l) Omisso m) Coeficiente de correlação de Pearson n) Associação positiva e significativa entre a satisfação e o TE ($R^2= 0.43$, $p<0.001$)	1	7	
Konrad <i>et al.</i> (2004)	a) Quantitativo b) Descritivo transversal c) Identificar fatores associados à avaliação dos quiropratas no que respeita à interação entre si e com os médicos d) Omisso e) Centro quiroprático da Carolina do Norte f) Inquérito g) n=311 h) Taxa de resposta = 67% i) Médicos e quiropratas j) Omisso k) Colaboração l) Omisso m) Coeficiente de regressão multivariada n) Associação positiva e significativa entre a satisfação no trabalho e a colaboração entre quiropratas ($\beta =0.230$, $p<0.05$) e entre quiropratas e médicos ($\beta =0.128$, $p<0.05$).	1	6	
Sandhoff <i>et al.</i> (2008)	a) Quantitativo b) Omisso c) Entre outros, descrever a satisfação no trabalho. d) Omisso e) Serviço de cuidados cardíacos colaborativos no Colorado f) Inquérito g) Omisso h) Omisso i) Médicos internos j) Omisso k) Colaboração l) Equipas multidisciplinares de gestão de fatores de risco cardíaco m) Estatística descritiva n) 88% dos inquiridos satisfação ou muito satisfeitos com o trabalho.	1	4	

JEREMIAS, Ana Teresa Nogueira e CORREIA, Pedro Miguel Alves Ribeiro (2019), “Trabalho de equipa em saúde como processo de relação formal potenciador da satisfação e motivação laboral”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 88-109.

Tabela I – Dados dos estudos incluídos extraídos, qualificados e sintetizados (continuação)

Publicação	Parâmetros	Dados Extraídos	Nível de Evidência	Qualidade Total
Chang <i>et al.</i> (2009)	a) b) c) d) e) f) g) h) i) j) k) l) m) n)	Quantitativo Descritivo transversal Entre outros, comparar os níveis de satisfação laboral com as percepções de colaboração entre profissionais de saúde Todos os prestadores de cuidados de saúde com pelo menos 1 ano de experiência em tempo integral na organização 4 Hospitais em Taiwan em 2007 Inquérito n=1475 Taxa de resposta = 52% Médicos, enfermeiros e outros profissionais de saúde Omisso Colaboração Omisso Análise de regressão multivariada Percepção de colaboração preditor significativo de satisfação laboral (médicos $\beta = 0.14$, $P < 0.05$; enfermeiros $\beta = 0.1$, $P < 0.05$; outros profissionais de saúde $\beta = 0.12$, $P < 0.05$).	1	6
Vera-Remartínez <i>et al.</i> (2009)	a) b) c) d) e) f) g) h) i) j) k) l) m) n)	Quantitativo Descritivo multicêntrico transversal Verificar o nível de satisfação geral com o TE e de cada um de seus componentes Participação voluntária 67 centros pisionais espanhois entre outubro de 2007 e fevereiro de 2008 Inquérito n=376 Taxa de resposta = 76.7% Enfermeiros Omisso Omisso Omisso Modelo de regressão linear múltipla Modelo preditivo da satisfação global estatisticamente não significativo ($R^2 = 0.146$ e 0.127).	1	8
Mahal (2009)	a) b) c) d) e) f) g) h) i) j) k) l) m) n)	Quantitativo Descritivo transversal Examinar, entre outros, a influência do clima e cultura organizacional no nível de motivação entre funcionários. Por conveniência <i>Ranbaxy Laboratories Limited</i> na Índia entre dezembro de 2008 a março de 2009 Inquérito n=126 Taxa de resposta = 80% Funcionários adultos que trabalham na <i>Ranbaxy Laboratories Limited</i> Trabalho efetuado por mais que um funcionário. Compromisso laboral Característica organizacional, que exige uma forte crença e aceitação de metas e valores da organização; uma vontade de exercer um esforço considerável em nome de um coletivo organizacional; e um forte desejo de manter a participação coletiva organizacional (Mowday <i>et al.</i> , 1979, Guzley, 1992 cit. por Mahal, 2009). Coeficiente de correlação de Pearson, teste do qui-quadrado e Z-teste. Motivação dos funcionários fortemente e significativamente relacionados com o TE ($r = 0.462$, qui-quadrado = 92.4, Z-teste = 0.4716, $p < 0.01$) e com o compromisso ($r = 0.291$; qui-quadrado = 87.6, Z-teste = 0.470, $p < 0.01$).	1	8

JEREMIAS, Ana Teresa Nogueira e CORREIA, Pedro Miguel Alves Ribeiro (2019), “Trabalho de equipa em saúde como processo de relação formal potenciador da satisfação e motivação laboral”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 88-109.

Tabela I – Dados dos estudos incluídos extraídos, qualificados e sintetizados (continuação)

Publi cação	Parâ metros	Dados Extraídos	Nível de Evidência	Qualidade Total
Epstein (2014)	a) a) Qualitativo b) Revisão da Literatura c) Descrever benefícios de equipas multidisciplinares hospitalares d) Omisso e) Hospitalar f) Pesquisa bibliográfica g) n=25 estudos h) Omisso i) Trabalhadores de hospitais j) Equipas multidisciplinares hospitalares envolvendo todos os níveis da pirâmide tratamento k) Omisso l) Omisso m) Omisso n) A satisfação no trabalho é um dos benefícios do TE hospitalar.	1	4	
Ajeigbe <i>et al.</i> (2014)	a) a) Quantitativo b) Transversal quase experimental c) Comparar o efeito do TE na satisfação com o trabalho d) Por conveniência e) 8 serviços de urgência hospitalar na Califórnia entre 2009 e 2011 f) Inquérito g) n=498 h) Omisso i) Enfermeiros e médicos j) Equipa de médicos e enfermeiros k) Omisso l) Omisso m) T-teste n) Trabalhadores em TE com níveis significativamente superiores de satisfação laboral que trabalhadores sem TE (p <0.0001; tamanho do efeito = 0.21; valo-t= 4.40).	2	9	
Warmelink <i>et al.</i> (2015)	a) a) Qualitativo b) Exploratório c) Compreender como as parteiras sentem o seu trabalho e identificar fatores associados à satisfação laboral assim como áreas de melhoria d) Intencional e) 20 serviços de cuidados de saúde primários na Holanda em 2010 f) Inquérito <i>online</i> g) n= 99 h) Taxa de resposta = 91.7% i) Parteiras j) Omisso k) Omisso l) Omisso m) Análise de conteúdo n) A satisfação resulta do TE (Exemplos de respostas: “a equipa de obstetrícia”, “boas relações no âmbito da parceria”). Como áreas de melhoria foi referida a necessidade de melhorar o TE e comunicação tanto com os colegas (Exemplos de respostas: “a comunicação com os colegas dentro da prática obstétrica poderia ser melhor”, e “mais uniformidade na política, trabalhar mais como uma equipa”).	1	9	

JEREMIAS, Ana Teresa Nogueira e CORREIA, Pedro Miguel Alves Ribeiro (2019), “Trabalho de equipa em saúde como processo de relação formal potenciador da satisfação e motivação laboral”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 88-109.

Tabela I – Dados dos estudos incluídos extraídos, qualificados e sintetizados (continuação)

Publi cação	Parâ metros	Dados Extraídos	Nível de Evidência	Qualidade Total
Körner <i>et al.</i> (2016)	a) b) c) d) e) f) g) h) i) j) k) l) m) n)	Qualitativo Revisão sistemática da literatura de TE em cuidados crónicos entre 2002 e 2014 Entre outros, descrever a evidência sobre os principais recursos e intervenções de equipas interprofissionais de sucesso nos cuidados de saúde de utentes crónicos Artigos que descrevem TE multi, inter ou transprofissional e multi, inter ou transdisciplinar e estudos que examinam intervenções de equipa em reabilitação ou ambientes de cuidados de crónicos publicados entre 2002 e 2014 Bases de dados científicas eletrónicas e bibliografia dos artigos incluídos Pesquisa eletrónica e manual n=23 Omisso Estudos em contexto de reabilitação ou de cuidados de doenças crónicas Trabalho realizado em prol de objetivos comuns por profissionais de diversas áreas, com conhecimento, habilidades e experiência complementares. Multi, inter e transdisciplinar, bem como multi, inter e trans profissional “Multi” refere-se a diferentes profissões/ disciplinas que trabalham em prol das suas metas autonomamente. “Inter” refere-se ao trabalho com objetivos comuns e identidade de equipa. “Trans” refere-se às disciplinas/profissões que partilham competências e, (Reeves et al., 2010 cit. por Körner, et al., 2016). Análise da qualidade das publicações de acordo com o centro de Oxford para a medicina baseada em evidências. A satisfação resulta do doTE. Profissionais em trabalho de equipa mais satisfeitos.	1	8
Calderón <i>et al.</i> (2016)	a) b) c) d) e) f) g) h) i) j) k) l) m) n)	Quantitativo Quase experimental Avaliação da satisfação com o trabalho em atividades de aprendizagem conjuntas, em cuidados de saúde primários e de saúde mental Por voluntariado 9 Centros de saúde e 6 centros de saúde mental de Osakidetza, Espanha Inquérito n=207 Taxa de resposta final =57.5% no grupo de intervenção (em colaborativa) e 40.7% no grupo controlo (sem colaboração) Médicos de clínica geral, enfermeiros, psiquiatras, psicólogos e assistentes sociais Omisso Colaborativa Enfoque multidisciplinar e participativo Teste do qui-quadrado Satisfação laboral positiva e significativamente superior no grupo de intervenção tanto em Gipuzkoa (31/61%, p <0.0001) como em Biscay (41/88%, p = 0.004). Este grupo revelou ainda vontade de continuar a colaborar (95.3%).	2	6

Tabela I – Dados dos estudos incluídos extraídos, qualificados e sintetizados (continuação)

Publi cação	Parâ metros	Dados Extraídos	Nível de Evidência	Qualidade Total
Kjellström <i>et al.</i> (2017)	a) Qualitativo b) Dedutiva com três níveis e subcategorias c) Explorar a motivação no trabalho entre os profissionais de cuidados de saúde primários d) Por conveniência e) 5 Unidade de saúde na suécia em 2015 f) Entrevista semiestruturada g) n=43 h) Omisso i) Enfermeiros, outros profissionais de saúde, gestores e utentes j) Trabalho conjunto multidisciplinar k) Colaboração e envolvimento l) Omisso m) Análise de conteúdo dedutivo n) Profissionais em colaboração motivados, por consequência do apreço e apoio entre colegas, envolvimento e autonomia nas decisões, e pela cultura não-hierárquica (exemplos de expressões: “somos uma boa equipa a trabalhar e passamos um bom tempo juntos”; “resolvemos problemas juntos”, “ inclui um espírito de ajuda e bondade para com o outro durante dificuldades”.	1	7	
Fleury <i>et al.</i> (2017)	a) Quantitativo b) Observacional transversal c) Determinar a contribuição de características profissionais, atributos da equipa, processos de equipa e estados de equipa sobre a satisfação laboral d) Por conveniência e) 95 Centros de saúde e serviços sociais do Quebec entre maio de 2013 e junho de 2014 f) Inquérito g) n=315 h) Taxa de resposta = 68% i) Profissionais de saúde mental j) Colaboração entre os prestadores de serviços de saúde mental e profissionais de diversos k) Colaboração l) Processo de TE m) Análise bivariada e de regressão hierárquica n) Aumento significativo da satisfação no trabalho com colaboração (análise bivariada: coeficiente beta padronizado = 0.492; teste-t = 9.990; p<0.001; análise linear de regressão hierárquica: coeficiente beta standardizado = 0.216, p <0.001; CI = 95.0%, β = 0.065-0.263; colinearidade Tolerância VIF=0.605 1.653).	1	7	

JEREMIAS, Ana Teresa Nogueira e CORREIA, Pedro Miguel Alves Ribeiro (2019), “Trabalho de equipa em saúde como processo de relação formal potenciador da satisfação e motivação laboral”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 88-109.

Tabela I – Dados dos estudos incluídos extraídos, qualificados e sintetizados (continuação)

Publi cação	Parâ metros	Dados Extraídos	Nível de Evidência	Qualidade Total
Lelorain <i>et al.</i> (2017)	a) Qualitativo b) Omisso c) Explorar barreiras à motivação dos profissionais de saúde para o trabalho de educação terapêutica do utente d) Por conveniência e) 9 departamentos diferentes dos Hospitais de Lille e Arras f) Entrevista semiestruturada g) n=27 h) Omisso i) Nutricionistas enfermeiros, psicólogos, médicos, auxiliares de enfermagem, pediatras e instrutor de desporto j) Trabalho multidisciplinar na educação terapêutica do paciente k) Omisso l) Omisso m) Análise de conteúdo temática n) A educação terapêutica do paciente em TE é um fator-chave na motivação laboral. É referida como uma atividade gratificante. Registam-se como barreiras à motivação :a alta rotatividade nas equipas, a dificuldade em dotar as equipas com todos os profissionais necessários, descordenação no TE, menor qualidade e coesão de TE, diferentes filosofias de trabalho assim como a resistência à partilha de conhecimentos e competências, (exemplo de expressões: “(...) é realmente difícil trabalhar com um paciente em que tenho a sensação de que há uma progressão, e, em seguida, eles desfazem tudo o que fizemos”; (...) somos vistos como uma interferência (...)).	1	8	
Cunningham <i>et al.</i> (2018)	a) Qualitativo b) Revisão sistemática da literatura c) Entre outros, explorar a relação entre as intervenções de equipa, os mecanismos de TE subjacentes os resultados gerados por essas intervenções nos profissionais d) De acordo com normas internacionais (PRISMA) e de acordo critérios de inclusão, nomeadamente, estudos publicados entre janeiro de 2006 a janeiro 2017 e todas as línguas e) 5 Bases de dados de cuidados de saúde, de gestão e 3 de literatura cinzenta em janeiro de 2017 f) Pesquisa eletrónica e cinzenta g) n=18 h) Omisso i) Estudos que contemplaram trabalhadores de hospitais j) Duas ou mais especialidades de saúde trabalhando em conjunto num contexto hospitalar agudo k) Multidisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar l) Multidisciplinar - aditivo ou permanecer dentro dos seus limites; interdisciplinar - interativa e coordenada num todo coerente; e transdisciplinar - holística e integrada. m) Análise e síntese dos dados segundo metodologia realista n) Promotores contextuais do TE: enfoque interdisciplinar e hierarquia achatada; comunicação efetiva; apoio liderança e alinhamento dos objetivos da equipa com as metas organizacionais; credibilidade da intervenção; e composição da equipa apropriada com o envolvimento médico. Mecanismos do TE (resultados intermédios): aumento da motivação. Resultados finais do TE: aumento da satisfação.	1	9	

JEREMIAS, Ana Teresa Nogueira e CORREIA, Pedro Miguel Alves Ribeiro (2019), “Trabalho de equipa em saúde como processo de relação formal potenciador da satisfação e motivação laboral”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 88-109.

Tabela I – Dados dos estudos incluídos extraídos, qualificados e sintetizados (continuação)

Publi cação	Parâ metros	Dados Extraídos	Nível de Evidência	Qualidade Total
Kaiser, Patras <i>et al.</i> (2018)	a) b) c) d) e) f) g) h) i) j) k) l) m) n)	Quantitativo Meta-análise Entre outros, examinar a relação entre o trabalho interprofissional e satisfação no trabalho, e ainda avaliar a influência de diferentes moderadores sobre essas relações Com base em critérios de inclusão Efetuada em março de 2016 e em junho de 2017, compreendendo artigos publicados entre 1990 e 2016. As amostras dos estudos foram provenientes de hospitais, de escolas, clínicas, serviços de bem-estar infantil e outros serviços na comunidade (p.e. contexto militar), dos EUA, Canadá, Austrália, Inglaterra, Noruega e Itália, Alemanha, Finlândia e Suíça Pesquisa eletrónica em 5 base de dados científicas relacionadas com a saúde n=45 Omisso Estudos com amostras trabalhadores no sector da saúde e da assistência social Componente do trabalho interprofissional Trabalho interprofissional TE, colaboração e cooperação Modelo de análise de efeitos aleatórios (correlações) Trabalho interprofissional positiva e moderadamente associado à satisfação no trabalho (média $r = 0.36$, IC [0.30-0.42], $p < 0.001$, teste Q para a homogeneidade=372.97, verdadeira percentagem da heterogeneidade= 93.57).	3	9
Espinoza <i>et al.</i> , (2018)	a) b) c) d) e) f) g) h) i) j) k) l) m) n)	Misto Explicativo seqüencial Analisar a satisfação laboral em equipas interprofissionais e explorar relações interpessoais, liderança e clima da equipa Intencional 53 Equipas de 1 hospital universitário em Santiago, no Chile entre outubro de 2015 e maio 2016 Inquérito e entrevista semiestruturada n= 409 Omisso Profissionais de equipas de saúde Omisso TE interprofissional Trabalho conjunto de indivíduos de pelo menos duas profissões e um líder de equipa comum transformacional.durante pelo menos 6 meses. Exige participação e comunicação, objetivos comuns, colaboração e comprometimento Modelo de regressão linear e análise sóciométrica (dados quantitativos), análise de redes sociais (dados qualitativos) e integração dos resultados de ambas as análises mediante processo interativo Maior satisfação na equipa com consultores especiais e seis membros em TE há mais de 60 meses. Menor satisfação na equipa de uma unidade de alta complexidade e com 12 membros em TE há 12 meses, O clima de equipa foi um dos melhores preditores de satisfação ($\beta = 0.26$, teste $t = 4.237$, $p = 0.000$, IC [0.136- 0.382]). A satisfação dos membros da equipa resulta da participação e comunicação, objetivos comuns e claros, compromisso laboral, papéis claros colaboração, e um líder transformacional.	1	7

JEREMIAS, Ana Teresa Nogueira e CORREIA, Pedro Miguel Alves Ribeiro (2019), “Trabalho de equipa em saúde como processo de relação formal potenciador da satisfação e motivação laboral”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 88-109.

Tabela I – Dados dos estudos incluídos extraídos, qualificados e sintetizados (continuação)

Publicação	Parâmetros	Dados Extraídos	Nível de Evidência	Qualidade Total
Kaiser e Westers (2018)	a) b) c) d) e) f) g) h) i) j) k) l) m) n)	Quantitativo Descritivo comparativo transversal Examinar as facetas do TE entre equipas de enfermagem de cuidados agudos e contínuos. Avaliar correlação entre TE e satisfação no trabalho Por intenção 74 Unidades de múltiplos ambientes de cuidados agudos de um grande sistema de saúde do Meio-Oeste, Estados Unidos da América em junho 2015 Inquérito <i>online</i> n= 1414 Taxa de resposta = 33% Enfermeiros Trabalho entre elementos de enfermagem Omisso Omisso Anova Correlação estatisticamente clara entre a satisfação e o TE ($p < 0.001$). A pontuação total média do TE para aqueles que não tinham planos de deixar o seu trabalho no próximo ano foi significativamente maior (LSM= 3.52, $p < 0.001$) que daqueles que planeam deixar o trabalho no prazo de 6 meses (LSM= 3.45, $p > 0.40$) ou no ano seguinte (LSM= 3.39, $p > 0.014$).	1	6

Legenda: a) Tipo de estudo; b) Desenho de estudo; c) Objetivos do estudo; d) Amostragem; e) Contexto de recolha de dados; f) Instrumento de recolha de dados; g) Dimensão da amostra; h) Representatividade da amostra; i) Área profissional da amostra; j) Definição de Trabalho de Equipa; k) Abordagem de trabalho em equipa; l) Definição da Abordagem; m) Tipo de análise de dados; n) Resultados.

Fonte: Elaboração própria com base nas publicações incluídas.

Motivações e repercussões da formação em agricultura biológica em contexto urbano: uma abordagem sociológica ¹

Cristina Parente

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

Rui Santos

Câmara Municipal de Santo Tirso
Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

Madalena Ramos

ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa
Centro de Investigação e Estudos de Sociologia

Resumo

Este artigo avalia, de um ponto de vista sociológico, as motivações e as repercussões formativas da frequência de formações em agricultura biológica a partir de uma abordagem extensiva baseada num inquérito *on-line*. Os resultados revelam uma alteração para comportamentos alimentares saudáveis, nomeadamente marcados pelo consumo de alimentos biológicos. Associam-se igualmente efeitos positivos para a saúde revelados pelo aumento da atividade física e bem-estar, bem como redução do *stress* e cansaço. Parece haver uma tendência para os formandos melhorarem a sua qualidade de vida, ao mesmo tempo que assumiram uma maior consciência ambiental. Porém, a frequência do curso não foi uma oportunidade para mudar sua atividade profissional.

Palavras – chave: agricultura biológica, formação, repercussões

Motivations and effects of training in organic farming in an urban context: a sociological approach

Abstract

In a sociological perspective, this article evaluates the motivations and the formative repercussions of the frequency of training in organic farming from an extensive approach based on a survey online. The results reveal a change to healthy eating behaviours, notably marked by the consumption of organic foods. While at the same time, due to increased physical activity, revealing positive health effects, and well-being as well as reduced stress and tiredness. There seems to be a tendency for quality of life improvement, while at the

¹ O artigo resulta de um aprofundamento sociológico da base de dados recolhida no âmbito da tese de mestrado em agricultura biológica desenvolvida no Instituto Politécnico de Viana do Castelo, da autoria de Cristina Ferreira (Ferreira, 2017), orientada por Cristina Parente e coorientada por Isabel Mourão. Os autores agradecem à autora, bem como à Academia Lipor a disponibilidade dos dados analisados agora de um ponto de vista sociológico.

PARENTE, Cristina, SANTOS, Rui e RAMOS, Madalena (2019), “Motivações e repercussões da formação em agricultura biológica em contexto urbano: uma abordagem sociológica”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 110-130.

greater environmental awareness. However, attending the course was not an opportunity to change their professional activity.

Keywords: organic farming; training; effects.

Motivations et effets de la formation en agriculture biologique en contexte urbain: une approche sociologique

Resumé

Cet article évalue d'un point de vue sociologique les motivations et les répercussions formatives du suivi de formations en agriculture biologique, par une enquête basée sur des questionnaires en ligne. Les résultats révèlent meilleurs comportements alimentaires, notamment marqués par la consommation d'aliments biologiques. Cette observation a été fortement corrélée avec des effets positifs sur la santé révélés par une augmentation de l'activité physique et du bien-être, ainsi que par une réduction du stress et de la fatigue. Les stagiaires semblent vouloir améliorer leur qualité de vie, tout en ayant acquis une meilleure conscience de l'environnement. Néanmoins, la présence à la formation n'a pas été saisie comme une opportunité de changer leur activité professionnelle.

Mots-clés: agriculture biologique; formation; effets.

Motivaciones y efectos de la capacitación en agricultura orgánica en un contexto urbano: un enfoque sociológico

Resumen

Este artículo evalúa desde un punto de vista sociológico las motivaciones y las repercusiones formativas de la participación a una formación en agricultura biológica, por un estudio basado en unos cuestionarios online. Los resultados revelan un cambio para mejores comportamientos alimentarios, especialmente marcados por un consumo de productos biológicos. También observamos efectos positivos sobre la salud, revelados por una aumentación de la actividad física e del bienestar, así como una reducción del estrés e del cansancio. Parece que hay una tendencia de los aprendices para mejorar su calidad de vida, al mismo tiempo que adquirieron una mejor conciencia ambiental. Sin embargo, la participación a la formación no fue una oportunidad para cambiar su actividad profesional.

Palabras clave: agricultura biológica; formación; efectos.

Introdução

A agricultura biológica tem evoluído e despertado a atenção de agricultores, cidadãos, investigadores e governantes, estando a ser alvo de um crescimento sem precedentes. Produção e proteção integradas, agricultura biodinâmica, agricultura biológica, permacultura remetem para uma diversidade de conceitos que se vêm desenvolvendo em rutura com os conceitos da Revolução Verde dos anos 50-60 do século passado (Mazoyer e Roudart, 2009) e se são praticadas

mais recentemente como alternativas a uma agricultura industrializada em modo de produção intensivo que esgota e contamina os recursos naturais e produz, por várias ordens de razões, alimentos pouco saudáveis e nutritivo. Paralelamente, a crescente preocupação com a saúde, bem-estar e ambiente tem levado a uma maior procura da produção biológica por parte dos consumidores, recorrendo à aquisição, ou produção própria, em modo mais saudável (Truninger, 2010, p. 72-76). É exemplo disso o aumento de adeptos de hortas urbanas e o aumento da literacia sobre este modo de produção e benefícios associados (CE, 2014), bem como a recentemente elaborada Estratégia Nacional para a Agricultura Biológica (ENAB, 2017), que inclui um Plano de Ação para a produção e promoção de produtos biológicos. Os consumidores mostram preocupação com a segurança alimentar, com o valor nutricional e sabor dos alimentos e com a sustentabilidade dos ecossistemas (Truninger, 2010), sendo por isso expectável que mais produtores se interessem por esta prática.

É neste contexto que se afigurou pertinente desenvolver um estudo avaliativo acerca da formação em agricultura biológica em contexto urbano, de modo a captar as motivações dos formandos para tal investimento formativo, bem como as suas repercussões nas várias dimensões da vivência humana. Avaliar os efeitos da frequência da formação aos níveis profissional, de consumo e hábitos alimentares, bem como sociais, comunitários e ambientais, foi o objetivo geral que guiou a abordagem extensiva que nos propomos desenvolver neste artigo.

Agricultura biológica em contexto urbano

A agricultura biológica em contexto urbano é o mote para a discussão das motivações e repercussões dos investimentos formativos.

A produção biológica atua de forma mais sustentável nos sistemas de produção de alimentos, melhora a fertilidade dos solos, preserva a biodiversidade, emite menor quantidade de gases de efeito de estufa e potencia a redução da produção de resíduos orgânicos (FAO, 2007; Mourão e Brito, 2012; Smith *et al.*, 2018), excluindo a utilização de produtos químicos de síntese na forma de adubos, pesticidas ou reguladores de crescimento. Por ser mais sustentável, a agricultura biológica garante a produção de alimentos a longo prazo e contribui, ainda, para a melhoria da saúde e da qualidade de vida das pessoas e de todos os outros seres vivos. Por estes motivos, a agricultura biológica tem vindo a ganhar destaque na sociedade quer pela produção de alimentos saudáveis, quer pelo menor impacto ambiental decorrente da sua produção, em comparação com a agricultura convencional (por exemplo Tuomisto *et al.*, 2012). Deste modo, tem sido apontada como um dos caminhos para o desenvolvimento sustentável e para a preservação dos recursos naturais (FAO, 2007; ENAB, 2017).

O estudo das implicações para a saúde humana dos alimentos biológicos tem revelado que estes podem reduzir o risco de doenças alérgicas, obesidade e outras (Schmutz *et al.*, 2014), embora numa recente revisão da literatura tenha sido referido que as evidências não são conclusivas (EP, 2016). No entanto, em geral os consumidores de alimentos biológicos tendem a ter padrões dietéticos mais saudáveis. Sabe-se, por exemplo, que o uso de antibióticos na produção animal convencional é um dos principais fatores de resistência aos antibióticos nas pessoas. Ora, a produção biológica tende a optar por práticas de prevenção de doenças nos animais e a usar menores quantidades de antibióticos ou mesmo a bani-los e nesta medida pode minimizar esse risco de resistência, com benefícios potencialmente consideráveis para a saúde pública (EP, 2016).

A agricultura urbana consiste numa atividade que se desenvolve nas cidades ou nas suas imediações, praticada em pequenas áreas, com o objetivo de satisfazer as necessidades da população urbana (FAO, 2012). A produção resultante destina-se ao autoconsumo, troca ou oferta, ou, ainda, a ser comercializada em circuitos curtos e informais. Em muitos países, as hortas comunitárias aumentaram com o rápido crescimento das cidades (De Bon e Parrot, 2010) e a agricultura urbana desempenha um papel relevante para diferentes aspetos da sociedade. A prática da agricultura urbana surge, em muitas situações, como resposta a períodos de crise económica, desemprego ou baixos salários, obtendo-se assim um rendimento complementar aos orçamentos das famílias, mas também promove a integração social de pessoas pertencentes a áreas mais desfavorecidas da sociedade urbana (Miguens *et al.*, 2011).

O movimento de desenvolvimento urbano impulsionado pelas comunidades e políticas municipais locais, como são as hortas comunitárias em meio urbano, tem aumentado significativamente em todo o mundo (EUGO 2012; Bryant *et al.*, 2016; Delgado, 2017; Partalidou e Anthopoulou, 2017) e apresentam uma grande riqueza em recursos físicos, psicológicos e relacionais (Poulsen *et al.*, 2014). Em Portugal a agricultura urbana inclui as hortas comunitárias, as quintas urbanas e as cadeias alimentares curtas, que geralmente surgem em terreno público e institucional e são apoiadas por municípios (Delgado, 2017).

A motivação dos seus praticantes e utilizadores é variável. Vários estudos têm evidenciado efeitos benéficos da horticultura no bem-estar e qualidade de vida dos indivíduos, principalmente pelo contacto com a natureza, a redução do stress e o aumento da atividade física (Hawkins *et al.*, 2011; Davies *et al.* 2014; Axel *et al.* 2016). Tem sido reconhecido que a prática da horticultura e jardinagem têm efeitos benéficos para a saúde e para o bem-estar, existindo por parte da comunidade científica um crescente interesse nesta área (Davies *et al.*, 2014). Os benefícios específicos para a saúde foram também documentados em projetos de hortas comunitárias nos Estados Unidos (Catanzaro e Ekanem, 2004).

Estes estudos demonstram que as hortas urbanas possuem inúmeros benefícios quer para os hortelãos/horteloas, quer para a comunidade onde estão inseridos. Agrupam em si três aspetos chave do desenvolvimento sustentável: justiça social, desenvolvimento económico e proteção ambiental, porque contribuem significativamente para o desenvolvimento sustentável de qualquer cidade (Pinto, 2007).

Os praticantes são beneficiados pelo contacto com as plantas e com a natureza, desempenhando as hortas e jardins um papel importante na vida de muitos cidadãos, influenciando positivamente o seu bem-estar. Para além deste contributo na vida das pessoas, o estudo desenvolvido por Dunnet e Qasim (2010) sobre os benefícios percebidos para o bem-estar dos utilizadores de espaços verdes urbanos demonstrou que os jardins e hortas urbanas fortalecem os valores de vizinhança e de comunidade.

As hortas urbanas comunitárias são, assim, consideradas como um método promissor para melhorar o bem-estar e a resiliência dos indivíduos e das comunidades urbanas (Okvat e Zautra, 2011) e fortalecem os valores de vizinhança e de comunidade (Dunnet e Qasim, 2010). Deste modo, as hortas urbanas comunitárias combinam com a recomendação de medidas, para além de medidas económicas, que devem existir para a melhoria do bem-estar das sociedades (Stiglitz *et al.*, 2009). Num estudo recente realizado nas hortas biológicas urbanas do Parque da Devesa, em Vila Nova de Famalicão, foi sugerido que estas representam um meio de melhorar o bem-estar dos seus utilizadores, contribuindo positivamente para o sentimento individual de felicidade e satisfação com a vida e, ainda, para a mudança de comportamentos e desenvolvimento de capacidades pessoais (Mourão *et al.*, 2018). A literatura tem sugerido que um elevado bem-estar subjetivo leva a uma série de resultados benéficos, incluindo saúde e longevidade, relações sociais de suporte, produtividade do trabalho e cidadania, e que este bem-estar não só se relaciona com esses resultados benéficos, como também os proporciona (Lyubomirsky *et al.*, 2005 Whelan e Zelenski 2012, Diener *et al.*, 2015, Diener *et al.*, 2017).

A qualificação profissional, a aquisição de conhecimentos e de competências sociais dos cidadãos, representam, hoje em dia, um desafio das sociedades da informação e do conhecimento. Em particular, a formação em agricultura biológica não só permite garantir práticas de produção biológica, mas também contribui para a literacia ecológica dos cidadãos, através da introdução e consolidação de conceitos como agroecossistemas, compostagem, biodiversidade, controle biológico e outros. Uma maior sensibilização ambiental contribui para melhorar o conhecimento ecológico e a compreensão dos cidadãos, o que está positivamente relacionado com o conceito de sustentabilidade (Pitman *et al.*, 2018), alinhando com as preocupações fundamentais da humanidade visíveis nomeadamente no Programa de Ação da União para o Meio Ambiente até 2020: "Viver bem, dentro dos limites de nosso planeta" (EU, 2013).

De acordo com as teorias clássicas sobre o conteúdo da motivação, seja de Maslow, de Herzberg ou de Alderfer, o objetivo da aquisição de conhecimentos sobre agricultura biológica remete para um campo motivacional de nível superior no sentido em que não se dirigem para a satisfação de necessidades básicas, designadas de fatores higiénicos segundo Herzberg (1964), de necessidades fisiológicas e de segurança na aceção de Maslow (1943), ou ainda existenciais na proposta de Aderfer (1967). Trata-se de responder a fatores intrínsecos que promovem a satisfação (Herzberg, 1964), respostas para necessidades sociais, de auto-estima e de autoatualização (Maslow, 1943) ou ainda de afiliação e crescimento (Alderfer, 1967).

A opção pela prática de agricultura biológica é um ato individual, todavia pautada por condições ambientais que devem ser chamadas à discussão para percebermos as lógicas subjacentes a esta prática concreta. Fatores económicos, sociais, culturais, de carácter material e simbólico, interatuam entre si para explicar as diferenças e semelhanças sociais, permitindo-nos identificar aquilo que num contexto mais amplo Max Weber afirmava serem as “afinidades eletivas” entre visões de mundo e interesses de classes e que vai mais além do que uma relação causal, ao propor uma visão de congruência e atração recíproca (Löwi, 2011). Vale a pena relembrar Maslow

Tentamos perceber, a partir de uma ótica classista, que relação existe entre esta prática e os lugares de classe ocupados, tendo em conta a detenção de capital cultural e económico ao alinharmos pela proposta bourdiana (Bourdieu, 2002) de que as práticas resultam de uma dialética estabelecida entre as condições ambientais e um conjunto de disposições interiorizadas pelos atores que se materializam em determinados estilos de vida. Consideramos que a frequência do curso de agricultura biológica pode estar associada a determinados estilos de vida, no sentido de uma identificação com um modo de vida mais saudável e seguro marcado, designadamente, por hábitos alimentares de qualidade. Como Turninger (2010) sugere, o consumo de produtos biológicos, mais acessível em meio urbano, onde estão disponíveis, nomeadamente, nas grandes superfícies, é um importante veículo de identidade pessoal e diferenciação (p. 41). Hoje a ideia de soberania alimentar que, inicialmente postulado pelo movimento social da Via Campesina², tende a ganhar força como ideologia contra o agronegócio e a agricultura convencional. “Esta noção surgiu como um contraponto político ao ideário da Segurança Alimentar – nos seus mais variados subtipos – que é defendido pela FAO” (Alem, D; Oliveira, Gilca Garcia; Oliveira, J. e

² Um movimento social internacional que representa a voz dos camponeses e camponesas. “Reúne milhões de camponeses, pequenos e médios agricultores, sem terra, jovens e mulheres rurais, indígena, migrantes trabalhadores agrícolas de todo o mundo. Construído sobre um forte sentido de unidade, a solidariedade entre esses grupos, defende a agricultura camponesa para a soberania alimentar como forma de promover a justiça e a dignidade social e se opõe fortemente ao agronegócio que destrói as relações sociais e a natureza”. Integra 181 organizações locais e nacionais de 81 países de África, Ásia, e América e representa cerca de 200 milhões de agricultores. Fonte: <https://viacampesina.org/es/>. Disponível em 23 de junho de 2018.

PARENTE, Cristina, SANTOS, Rui e RAMOS, Madalena (2019), “Motivações e repercussões da formação em agricultura biológica em contexto urbano: uma abordagem sociológica”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 110-130.

Imbirussú, E., 2015, p. 18). Pode ser enunciado como “o direito dos povos a alimentos nutritivos e culturalmente adequados, acessíveis, produzidos de forma sustentável e ecológica, e o direito de decidir seu próprio sistema alimentar e produtivo³.”

É partindo do quadro teórico exposto e inspirados nas diversas razões que estão na base da adesão a práticas de agricultura biológica em contexto urbano que nos questionamos, numa perspetiva sociológica, sobre as motivações e as repercussões da formação em agricultura biológica ministradas pela Lipor.

Abordagem extensiva da formação em agricultura biológica: o caso da Academia Lipor

A análise desenvolvida orientou-se por um paradigma de abordagem extensivo das motivações dos formandos e das repercussões dos cursos de formação em agricultura biológica ministrados pela Lipor. A escolha do caso foi motivada pela notoriedade da Lipor – Serviço Intermunicipalizado de Gestão de Resíduos do Grande Porto –, e pelo seu reconhecimento enquanto um polo de desenvolvimento sustentável dos 8 municípios da Área Metropolitana do Porto que a integram, concretizado, nomeadamente, na ação da Academia Lipor/Horta da Formiga. A Academia Lipor, criada em 2002, tem como missão “desenvolver e aperfeiçoar competências através da formação e qualificação de pessoas”⁴. Com este intuito desenvolve um plano de formação amplo orientado para o público em geral, que integra, desde 2002, a designada Formação Bio, “uma formação prática em agricultura biológica, compostagem e jardinagem, capacitando o cidadão para melhores práticas ambientais e para ações na área da agricultura biológica, com o objetivo de disseminar as técnicas de agrícolas sustentáveis junto do cidadão urbano”⁵.

Trata-se de uma formação certificada pela Direção Geral do Emprego e das Relações de Trabalho (DGERT) e pela Fundação para os Estudos e Formação Autárquica (CEFA) que comporta uma vertente teórica e uma vertente prática, em que são ministrados os conceitos básicos de agricultura biológica, exemplificados em contexto real de trabalho na Horta da Formiga, tendo os formandos oportunidade de realizar exercícios de observação e prática.

A proximidade ao objeto de estudo por via da formadora favoreceu o acesso à base de dados dos formandos que frequentaram o curso de Agricultura Biológica 1 (AB1), reunindo-se assim as condições necessárias para a definição de um objeto empírico por excelência⁶. Entre

³ Fonte: <https://viacampesina.org/es/la-via-campesina-la-voz-las-campesinas-los-campesinos-del-mundo/>. Disponível em 23.06.2018.

⁴ Fonte: <https://www.lipor.pt/pt/servicos/academia-lipor/>. Acedido em 12.06.2017.

⁵ Fonte: <https://www.lipor.pt/pt/servicos/academia-lipor/>. Acedido em 12.06.2017.

⁶ Este artigo usa as informações empíricas recolhidas no âmbito da tese de mestrado em agricultura biológica do Instituto Politécnico de Viana do Castelo de Ferreira, C. (2017).

2006 e 2016, o curso de AB1, foi frequentado por cerca de 1 200 pessoas em duas edições por ano. Em novembro de 2014, é criado o curso de Agricultura Biológica 2, que tem realizado igualmente duas edições por ano, tendo sido frequentado por 93 pessoas. Tendo em conta a representatividade, a importância e a solidez dos cursos de AB1, o público-alvo em estudo foi constituído pelos formandos deste curso que constavam na base de dados da Lipor entre 2006 e 2016, num total de 1 120 pessoas.

O objetivo geral do estudo foi avaliar a formação em AB1 em contexto urbano de modo a captar as motivações dos formandos e as suas repercussões nas várias dimensões da vida. Como objetivos específicos, pretendíamos conhecer o perfil sociodemográfico e classista das pessoas que frequentaram a formação de iniciação em agricultura biológica, as motivações que estiveram na origem do investimento formativo, bem como equacionar os potenciais impactos da mesma no seu quotidiano.

Do ponto de vista metodológico, para a determinação do lugar de classe usamos a Matriz de Construção dos Lugares de Classe dos Indivíduos de Magalhães (2010), que é uma atualização no que se refere à Classificação Nacional de Profissões de 1994 da construída por Almeida, Costa e Machado (1988; 1990 in Magalhães 2010).

De modo a avaliar os impactos da formação foram formuladas quatro hipóteses teóricas, a saber: i) a frequência do curso de AB1 facilita uma mudança profissional; ii) a frequência do curso de AB1 promove uma alteração de hábitos alimentares; iii) a frequência do curso de AB1 fomenta a saúde dos formandos; iv) a frequência do curso de AB1 resulta em benefícios sociais, comunitários e ambientais.

Para testar estas hipóteses, optou-se por recorrer a uma metodologia quantitativa de recolha de dados, construindo um inquérito por questionário aplicado *on line*, baseado em três grandes eixos de análise: i) decisão de frequência do curso; ii) caracterização sociodemográfica e classista; iii) impacto do curso no quotidiano dos formandos. A desconstrução de cada um dos eixos que correspondem a dimensões de análise, foi levada a cabo tendo em conta uma bateria de indicadores, que facilitaram o desenho das questões a colocar e a medição das variáveis que se pretendiam estudar.

Das 1 120 pessoas que integravam o nosso objeto empírico, apenas 840 tinham endereço eletrónico e se constituíram como potenciais respondentes ao inquérito por questionário *on line*. O questionário esteve disponível durante dezasseis dias na plataforma *surveymonkey* e o número de respostas obtidas foi de 265, representando um total de 31,5% dos formandos contactados. Uma das limitações desta técnica de inquirição extensiva *on line*, decorre da lógica de perguntas fechada, que procuramos ultrapassar ao prever uma categoria de “outra/s” como opção de resposta em aberto, porém sem qualquer adesão por parte dos inquiridos.

A plataforma utilizada permitiu, num primeiro momento, extrair a informação obtida para uma folha de cálculo Excel, tendo sido tomada a opção de adaptá-la posteriormente ao programa de tratamento estatístico de dados IBM SPSS – *Statistical Package for Social Sciences*, com objetivos meramente descritivos e exploratórios.

Para além de uma análise univariada, fizeram-se vários cruzamentos bivariáveis, tentando estabelecer relações entre as dimensões de impacto analisadas entre si, bem como com as variáveis ‘sexo’, ‘escolaridade’ e ‘lugar de classe de família’. Testamos a associação entre as variáveis utilizadas nos referidos cruzamentos, apurando relações de dependência entre si através do teste do Qui Quadrado. Apenas as dimensões alimentar e saúde revelaram uma relação de dependência, que teremos oportunidade de aprofundar mais adiante. Nos restantes casos, ora por termos verificado que não estavam reunidas as condições de aplicabilidade do teste, ora porque não se evidenciaram resultados estatisticamente significativos, não apuramos quaisquer outras relações de dependência, facto a que não será alheia a grande homogeneidade dos dados recolhidos.

Perfis sociodemográficos, profissionais e classistas dos formandos

O perfil sociodemográfico dos sujeitos que frequentaram os cursos de formação aponta para pessoas de ambos os sexos, casadas e com idades compreendidas entre os 35 e os 64 anos. A observação da tabela 1 mostra uma ligeira preponderância feminina e um maior número de pessoas com mais de 65 anos do que com menos de 34, constituindo um indício de que a aposta na agricultura biológica é uma característica pouco comum entre os jovens adultos, sendo mais atrativa a partir dos 35 anos de idade.

Tabela 1
Socio-demografia dos inquiridos

		%
Sexo	Masculino	44,1
	Feminino	55,9
Escala etária	18-34	0,4
	25-34	9,8
	35-49	39,4
	50-64	38,6
	65 +	11,8
Estado civil	Solteiro	15,7
	Casado	60,6
	União de facto	14,2
	Divorciado/separado	7,5
	Viúvo	2,0

(n=245)

Fonte: inquérito *on line*.

Do ponto de vista da origem territorial (tabela 2), observa-se que a formação é procurada por pessoas de uma enorme variedade de concelhos de origem e de residência, atravessando o país de norte a sul e do litoral ao interior, incluindo o arquipélago dos Açores. Fica claro o predomínio da região Norte face às demais, destacando-se no seu seio a Área Metropolitana do Porto, de onde são originárias e residem, respetivamente, 170 (66,9%) e 220 (88,6%) das pessoas inquiridas.

Procurando classificar os concelhos de origem e de residência quanto à sua natureza rural ou urbana, e não dispondo de informação para as freguesias, foi possível a partir da proposta do INE (2014) identificar uma maioria de inquiridos natural e residente em concelhos predominantemente urbanos (tabela 4). Essa maioria atinge valores superiores a 70% se lhe acrescentarmos os indivíduos naturais e/ou residentes em concelhos predominantemente ou medianamente urbanos. Já do lado oposto, apenas 6,7% dos formandos são naturais de concelhos medianamente urbanos ou predominantemente rurais e 2% residem atualmente em concelhos com esta mesma classificação, o que nos permite classificar os inquiridos como potenciais integrantes de alguns segmentos dos novos rurais. O segmento daqueles que não vivem, geralmente, no campo, têm uma cultura pro-campo, são amigos do campo mesmo vivendo na cidade (Covas, 2009) ou daqueles “provenientes de meio urbano que, motivados por razões socioeconómicas, culturais e/ou ambientais, mudaram pela primeira vez ou regressaram ao meio rural, sendo que residem e/ou exercem atividades agrícolas ou não agrícolas no campo” (Leal, 2014).

Tabela 2
Território de origem e residência dos inquiridos

		Naturalidade	Residência
		%	%
Nomenclatura de Unidades Territoriais (NUT II)	Norte	87,4	96,1
	Centro	7,9	2,7
	Área Metropolitana de Lisboa	2,7	0,8
	Alentejo	0,4	0,4
	Algarve	0,8	-
	Região Autónoma dos Açores	0,8	-
Tipologia de área urbana	APU	55,1	54,7
	APU/AMU	16,5	23,2
	APU/APR	2,8	0,4
	APU/AMU/APR	18,9	19,7
	AMU/APR	6,7	2,0
		(n=254)	(n=254)

Fonte: inquérito *on line*. Legenda: APU – Área Predominantemente Urbana; AMU – Área Medianamente Urbana; APR – Área Predominantemente Rural.

O perfil escolar, profissional e classista dos inquiridos e do seu grupo doméstico revela que estamos maioritariamente face a uma população escolarizada composta por profissionais qualificados que ocupam lugares de nível superior da hierarquia profissional, integrantes da burguesia ou de suas frações.

A grande maioria dos inquiridos é detentora de um diploma de ensino superior, com predomínio do grau de licenciado ou bacharel (tabela 3). Este quadro repete-se no que aos cônjuges dos formandos diz respeito. Trata-se de um cenário que sugere uma aposta na agricultura biológica feita, potencialmente, por pessoas e agregados familiares escolarizados.

Tabela 3
Escolaridade dos inquiridos e cônjuges

	Inquirido	Cônjuge
	%	%
1.º Ciclo do Ensino Básico	-	1,9
2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico	4,3	5,9
Ensino secundário	20,1	23,4
Licenciatura/Bacharelato	55,5	51,7
Mestrado	16,5	13,7
Doutoramento	3,6	3,4
	(n=254)	(n=205)

Fonte: inquérito *on line*.

Voltando a atenção para a profissão exercida, somos remetidos para um extenso e diversificado conjunto de profissões: 233 no caso dos formandos; 182 no caso dos respetivos cônjuges. O recurso à Classificação Portuguesa das Profissões de 2010 permitiu-nos agregar esta variedade em grandes grupos, apurando-se um predomínio dos especialistas das atividades intelectuais e científicas (tabela 4). E se a estes se acrescentar o segundo grande grupo mais retratado – representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos – obtém-se um cenário em que mais de 70%, no caso dos formandos, e mais de 60%, no caso dos cônjuges, é composto por profissionais altamente qualificados que ocupam lugares superiores da hierarquia profissional. Por oposição, observa-se uma ínfima representação das profissões desqualificadas, do mesmo modo que a presença de agricultores é residual, o que nos indicia a hipótese de o curso ser frequentado por alguns segmentos dos novos rurais (Covas, 2009). Mais de metade dos formandos e seus cônjuges estão empregados, trabalhando, ou tendo trabalhado, maioritariamente, por conta de outrem. O trabalho por conta própria tem alguma expressão, na modalidade sem assalariados no caso dos formandos, e na modalidade de entidade empregadora de assalariados para os seus cônjuges. É igualmente significativo o número de reformados, mais relevante entre os formandos do que entre os cônjuges (tabela 5).

PARENTE, Cristina, SANTOS, Rui e RAMOS, Madalena (2019), “Motivações e repercussões da formação em agricultura biológica em contexto urbano: uma abordagem sociológica”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 110-130.

Tabela 4
Profissão dos inquiridos e cônjuges (%)

	Inquirido	Cônjuge
Profissões das Forças Armadas	0,9	0,6
Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos	11,1	11,5
Especialistas das atividades intelectuais e científicas	58,9	52,2
Técnicos e profissionais de nível intermédio	6,4	7,1
Pessoal administrativo	10,2	9,9
Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	6,0	11,0
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, pesca e da floresta	1,3	0,6
Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	4,3	4,9
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	-	1,1
Trabalhadores não qualificados	0,9	1,1
	(n=234)	(n=182)

Fonte: inquérito *on line*.

Tabela 5
Condição perante o trabalho e situação na profissão dos inquiridos e cônjuges

Condição perante o trabalho	Inquirido	Cônjuge
Empregado	59,9	72,3
Desempregado	9,8	7,3
Reformado	22,8	15,5
Incapacitado para o trabalho	-	0,5
Outra	7,5	4,4
	(n=254)	(n=206)
Situação face à profissão		
Trabalhador por contra própria com empregados	6,8	12,3
Trabalhador por contra própria sem empregados	10,4	8,9
Trabalhador independente/recibo verde	8,6	3,9
Trabalhador por conta de outrem	61,1	67,0
Trabalhador familiar não remunerado	2,7	1,7
Outra	10,4	6,2
	(n=221)	(n=179)

Fonte: inquérito *on line*.

Com base nesta informação e com recurso à grelha de Magalhães (2010) determinamos o lugar de classe do agregado doméstico dos formandos (ou dos próprios no caso de serem solteiros), revelando uma forte pertença à Pequena Burguesia Intelectual e Científica e à Burguesia Empresarial e Proprietária (Tabela 6).

Estes dados de caracterização dos formandos e seus agregados familiares corroboram aquilo que os estudos de marketing em geral apontam como sendo o perfil de consumidor biológico (Torjusen *et al.*, 2004), confirmando os resultados obtidos para o caso português por Schmidt, Fonseca e Turninger (2004): um habitante urbano, de escolaridade elevada, de meia idade. Acresce, no caso em análise, a pertença à pequena burguesia (sobretudo intelectual e científica) e à burguesia (sobretudo empresária e proprietária, bem como profissional).

PARENTE, Cristina, SANTOS, Rui e RAMOS, Madalena (2019), “Motivações e repercussões da formação em agricultura biológica em contexto urbano: uma abordagem sociológica”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 110-130.

Tabela 6
Lugar de classe do agregado doméstico

	%
Burguesia Empresária e Proprietária	31,2
Burguesia Dirigente	5,3
Burguesia Profissional	9,0
Pequena Burguesia Intelectual e Científica	36,0
Pequena Burguesia Técnica e de Enquadramento Intermédio	6,9
Pequena Burguesia Independente e Proprietária	1,1
Pequena Burguesia Proprietária e Assalariada	1,1
Pequena Burguesia de Execução	7,4
Operariado Industrial	0,5
Operariado Pluriativo	1,6
Total	100

(n=189)

Fonte: inquérito *on line*.

Motivações e impactos da formação em agricultura biológica

De acordo com os objetivos de análise, os significados da frequência de formação em agricultura biológica foram analisados a partir de 4 dimensões: a decisão para a frequência do curso; os impactos do curso ao nível profissional; as repercussões na saúde e bem-estar; as implicações social, comunitária e ambiental.

Tabela 7
Motivos do investimento na formação em agricultura biológica

Motivações	N ° respostas	% de casos ^(*)
Melhorar os conhecimentos		
Por curiosidade e enriquecimento pessoal	101	38,1
Porque queria saber mais sobre agricultura biológica	194	73,2
Consumo, saúde e bem-estar		
Por motivos de poupança no orçamento familiar	6	2,6
Por uma questão de saúde e bem-estar	97	36,6
Aplicação na horta para consumo próprio	183	69,1
Ideologia e preocupações ambientais		
Mudança de estilo de vida	25	9,4
Consciência ambiental	112	42,3
Alternativas profissionais		
Porque estava desempregado	9	3,4
Andava à procura de um novo desafio profissional	23	8,7
Porque queria montar um negócio na área da agricultura biológica	35	13,2
Outra	10	3,8

(n=265)

(*) Aos inquiridos foi colocada uma questão de resposta múltipla, podendo assinalar mais do que uma opção de resposta e até três. A percentagem de casos apresentada diz respeito, por isso, ao número de respostas obtido em cada opção em relação ao número de respostas consideradas válidas. Fonte: inquérito *on line*.

A decisão pela frequência da formação em agricultura biológica radica em 2 grandes grupos de motivações, a saber: i) melhoramento dos conhecimentos; ii) consumo, saúde e bem-estar. Porém, num contexto em que os inquiridos eram convidados a optar por 3 razões, adquirem preponderância alguns aspetos específicos que vale a pena salientar. Por um lado, destaque para o aprofundamento dos conhecimentos sobre agricultura biológica, enumeradas por 73% dos inquiridos, e a aplicação da aprendizagem para efeitos de consumo próprio, destacadas por 69%, e, por outro, as preocupações ambientais demonstradas por 42% dos respondentes (tabela 7).

A análise das repercussões da formação revela alguma coerência com aquilo que foram as motivações enumeradas. De facto, tal como constatamos que a frequência da formação não foi motivada por razões profissionais, também parece não ter impactos relevantes no domínio profissional. O impacto profissional da frequência do curso parece ser o menos significativo, com apenas 18,7% dos formandos a referirem que a formação promoveu algum tipo de mudança profissional. Entre estes, destaca-se uma tendência para a agricultura assumir uma função de complementaridade com a profissão exercida, quer em termos de segunda atividade profissional, quer de dedicação para consumo próprio. Vale a pena referir que quase um quarto dos inquiridos manifestou o desejo de, no futuro, virem a exercer uma atividade agrícola (tabela 8), o que vai de encontro ao facto de em Portugal a agricultura ser, em grande, parte uma atividade profissional complementar (Lima, 1985).

Tabela 8
Mudanças profissionais

Tipo de mudança profissional	%
Fui trabalhar para a área agrícola por conta de outrem	4,3
Mantenho a minha profissão e complementei a minha atividade com a dedicação a um negócio na área agrícola	12,8
Mantenho a minha profissão e acumulei uma atividade na área agrícola para consumo próprio	14,9
Fui trabalhar para a área agrícola por conta própria	17,0
Mantenho a minha profissão, mas pretendo vir a ter uma atividade profissional na área agrícola	23,4
Outra	27,6
Total	100,0

(n=47)

Fonte: inquérito *on line*.

A dimensão consumo alimentar (190 – 75,4%), saúde e bem-estar (191 – 76,4%) é apontada por mais de $\frac{3}{4}$ dos formandos como tendo sido alvo de alterações decorrentes da frequência do curso de agricultura biológica 1.

Dos 190 formandos que afirmaram ter alterado os hábitos de consumo alimentar na sequência da formação (tabela 9), a grande maioria passou a optar por alimentos de produção

biológica. É igualmente significativo e em situação *ex aequo* os formandos que passaram a optar por produtos de origem nacional e por produtos produzidos pelos próprios. As razões para essas opções dietéticas foram relacionadas ao reconhecimento quase unânime de que fornecem uma dieta saudável para a família, tal como sugerido por outros estudos, como a rede de hortas urbanas orgânicas de Barcelona (EUGO 2012; Simon-Rojo *et al.*, 2016) ou os jardins comunitários urbanos em Wisconsin, EUA (Ghose e Pettygrove, 2014).

A justificação para estas opções alimentares está no reconhecimento quase unânime de que promovem uma “alimentação saudável para a família”. Com muito menos importância, ao serem apontadas por cerca de 30% dos inquiridos, surgem razões associadas à consciência e preocupação ambientais, bem como a “segurança alimentar”.

Tabela 9
Consumo e alimentação após a frequência do curso

	Nº de respostas	% de casos
Opções de consumo alimentar após a formação		
Alimentos de produção nacional	132	70,2
Alimentos produzidos pelo próprio	132	70,2
Alimentos de produção biológica	145	77,1
Outro	6	3,2
Razões para as alterações nas opções alimentares		
Segurança alimentar	59	31,4
Contributo para preservar os recursos para as próximas gerações	63	33,5
Contributo para diminuir a poluição ambiental	67	35,6
Alimentação saudável para mim e para a minha família	182	96,8

(n=265)

(*)

Aos inquiridos foi colocada uma questão de resposta múltipla, podendo assinalar mais do que uma opção de resposta e até três. A percentagem de casos apresentada diz respeito, por isso, ao número de respostas obtido em cada opção em relação ao número de respostas consideradas válidas..

Fonte: inquérito *on line*.

São notórios os benefícios para a saúde física e mental referenciados pelos inquiridos (190 – 75,4%). No caso da saúde física, o destaque vai para o aumento da atividade física, ao qual se associam outros dois benefícios diretamente relacionados, designadamente o “aumento da mobilidade e flexibilidade” e o “aumento da resistência e força”. De referir ainda que a diminuição do colesterol e dos fatores de risco de patologias cardíacas é também apontada por 32,1% dos casos (tabela 10). Já do ponto de vista psicológico, referem-se como benefícios a “sensação de bem-estar” e “a sensação de orgulho e sentido de produtividade”. Entre as respostas obtidas, parece ainda importante destacar a redução do *stress* e do cansaço.

PARENTE, Cristina, SANTOS, Rui e RAMOS, Madalena (2019), “Motivações e repercussões da formação em agricultura biológica em contexto urbano: uma abordagem sociológica”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 110-130.

Tabela 10
Benefícios psicológicos e físicos da frequência do curso

	Nº respostas	% de casos ^(*)
Benefícios físicos		
Diminuição do colesterol e dos fatores de risco de patologias cardíacas	61	32,1
Aumento da resistência e força	78	41,1
Aumento da mobilidade e flexibilidade	80	42,1
Aumento da atividade física	141	74,2
Outro	20	10,5
Benefícios psicológicos		
Diminuição do consumo de medicamentos	17	8,9
Diminuição da ansiedade	25	13,2
Melhoria da autoestima e autoconfiança	26	13,7
Redução do stress e do cansaço	80	42,1
Sensação de orgulho e sentido de produtividade	103	54,2
Sensação de bem-estar	125	65,8
Outro	4	2,1

(*) Aos inquiridos foi colocada uma questão de resposta múltipla, podendo assinalar mais do que uma opção de resposta. A percentagem de casos apresentada diz respeito, por isso, ao número de respostas obtido em cada opção em relação ao número de respostas consideradas válidas.. Fonte: inquérito *on line*.

A última dimensão analítica avaliava as implicações social, comunitária e ambiental (tabela 11) da frequência do curso. Destaca-se de novo o “sentido de responsabilidade ambiental” que o curso propicia, corroborando as preocupações ambientais igualmente observadas a propósito das alterações alimentares. A dedicação a práticas sociais saudáveis constitui a segunda consequência mais apontada, não devendo deixar de se assinalar o “sentimento de pertença ao «Mundo da Agricultura Biológica»” com todo o significado que esta assume como orientação ideológica de vida. Porém, as repercussões em termos de interação social são relativamente fracas, o que de alguma forma contraria alguns estudos Europeus (Schmutz *et al.*, 2014; Mourão *et al.*, 2018) e da América do Norte (Draper e Freedman, 2010), que referem os impactos positivos na socialização como resultado da participação em hortas urbanas. Talvez, esta discrepância face aos estudos internacionais possa ser imputada a um nível prévio de interações sociais prévias elevadas, presumivelmente consequência de seu alto nível académico (76% dos respondentes tinham ensino superior) e situação profissional (59% eram especialistas em trabalhos intelectuais e científicos e 60% estavam empregados).

PARENTE, Cristina, SANTOS, Rui e RAMOS, Madalena (2019), “Motivações e repercussões da formação em agricultura biológica em contexto urbano: uma abordagem sociológica”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 110-130.

Tabela 11
Implicações sociais, comunitários e ambientais da frequência do curso

	Nº respostas	% de casos ^(*)
Aumento da interação social	30	15,8
Aumento da interação familiar	37	19,5
Sentimento de pertença ao «Mundo da Agricultura Biológica»	70	36,8
Aumento de práticas sociais saudáveis	90	47,4
Sentido de responsabilidade ambiental	152	80,0
		(n=265)

(*) Aos inquiridos foi colocada uma questão de resposta múltipla, podendo assinalar mais do que uma opção de resposta. A percentagem de casos apresentada diz respeito, por isso, ao número de respostas obtido em cada opção em relação ao número de respostas consideradas válidas.

Fonte: inquérito *on line*.

A abertura à possibilidade de os formandos se pronunciarem sobre outros benefícios resultantes da frequência do curso permitiu corroborar, em grande medida, as repercussões já enunciadas. Os benefícios no domínio da socialização e do ambiente e sustentabilidade ecológica, reiteram as implicações ao nível social, comunitário e ambiental. Porém, a vertente da interação social e familiar parece ser a menos valorizada em Portugal, comparativamente com os resultados de outros de estudos, nomeadamente os de Dunnet e Qasim (2010) para Inglaterra, o que nos levaria a refletir sobre as características culturais e de modelos de interação entre países.

Considerações conclusivas

O curso de agricultura biológica parece ter um impacto positivos nas vidas quotidianas, introduzindo algum tipo de alterações que excluem, contudo, a esfera profissional. Entre as mudanças enunciadas destacam-se: i) as transformações nos hábitos alimentares e práticas de consumo, tendo introduzido as opções por compra de produção biológica, nacional e mesmo produção própria; ii) os benefícios para a saúde física e psicológica, respetivamente com a dedicação a atividades físicas e a sensação de bem-estar; iii) as implicações sociais, comunitárias e ambientais, com destaque para a consciência ambiental.

Apesar de os resultados para Portugal corroborarem grande parte dos estudos internacionais, há particularidades que suscitam pistas de análise para indagação em estudos futuros. Como é que as características culturais nacionais condicionam os impactos das práticas da agricultura biológica e quais as representações e os significados que caracterizam o sentimento de

PARENTE, Cristina, SANTOS, Rui e RAMOS, Madalena (2019), “Motivações e repercussões da formação em agricultura biológica em contexto urbano: uma abordagem sociológica”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 110-130.

pertença ao “Mundo da Agricultura Biológica” são duas linhas de investigação sociológica que se nos afiguram pertinentes.

Bibliografia

- ALDERFER, C. P. (1967), “Convergent and discriminant validation of satisfaction and desire measures with and without preceding interviews”. *Journal of Applied Psychology*, 51: 509-520.
- AXEL, T., CIESZEWSKA, A., SUPUKA, J., TÓTH, A. (2016), “Urban Agriculture goes green infrastructure”, F. Lohrberg, L. Licka, L. Scazzosi, A. Timpe (eds.), *Urban Agriculture Europe*, Berlin, Jovis Verlag GmbH, p. 126-137.
- BRYANT, C. *et al.* (2016), “Urban agriculture for a global perspective”, Lohrberg F, Licka L, Scazzosi L, Timpe A (eds), *Urban agriculture Europe*, Berlin, Jovis Verlag GmbH, p. 30-37.
- CATANZARO, C.; EKANEM, E. (2004), “Home gardeners value stress reduction and interaction with nature”, *Acta Horticulturae*, n.º 639, p. 269-275.
- [CE] COMISSÃO EUROPEIA (2014), *Agricultura Biológica*, Comissão Europeia, [Consult. a 05-04-2017]. Disponível em: <http://ec.europa.eu/agriculture/organic/index_pt.html>.
- COVAS, A. (2009), “Neo-Rurais e mercados emergentes em agricultura – O campo revisitado”, in *Seminário Desenvolvimento Rural: tendências e oportunidades*, Serpa, 2 e 3 de dezembro de 2009. Texto policopiado.
- COVAS, A.; COVAS, M. (2012), *A caminho da segunda ruralidade: uma introdução à temática dos sistemas territoriais*, Lisboa, Colibri.
- DE BON, H.; PARROT, L. (2010), “Sustainable urban agriculture in developing countries”, *Agronomy for Sustainable Development*, n.º 30, p. 21-32. DOI: 10.1051/agro:2008062.
- DELGADO, C. (2017), “Mapping urban agriculture in Portugal: Lessons from practice and their relevance for European post-crisis contexts”, *Moravian Geographical Reports. The Journal of Institute of Geonics of the Czech Academy of Sciences*, CAS, n.º 25 (3), p. 139-153. DOI: <<https://doi.org/10.1515/mgr-2017-001>>.
- DIENER, E.; PRESSMAN, S.D.; HUNTER, J.; DELGADILLO-CHASE, D. (2017), “If, Why, and When Subjective well-being influences health, and future needed research”, *Applied Psychology. Health and Wellbeing*, n.º 9 (2), p. 133-167.
- DIENER, E.; TAY, L. (2015), “Subjective well-being and human welfare around the world as reflected in the Gallup World Poll”, *International Journal of Psychology*, n.º 50 (2), p. 135-149.
- DRAPER, C.; FREEDMAN, D. (2010), “Review and analysis of the benefits, purposes, and motivations associated with community gardening in the United States”, *Journal of Community Practice*, n.º 18 (4), p. 458-492.

PARENTE, Cristina, SANTOS, Rui e RAMOS, Madalena (2019), “Motivações e repercussões da formação em agricultura biológica em contexto urbano: uma abordagem sociológica”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 110-130.

DUNNETT, N.; QASIM, M. (2000), “Perceived benefits to human well-being of urban gardens”, *HortTechnology*, n.º 10, p. 40-45.

[ENAB] ESTRATÉGIA NACIONAL PARA A AGRICULTURA BIOLÓGICA (2017), *Resolução do Conselho de Ministros n.º 110/2017*, Diário da República, 1.ª série, n.º 144, 27 de julho, [Consult. a 02-02-2017]. Disponível em: <<https://dre.pt/application/file/a/107761804>>.

[EP] EUROPEAN PARLIAMENT (2016), *Human health implications of organic food and organic agriculture*. Science and Technology Options Assessment (STOA), Directorate-General for Parliamentary Research Services, n.º 82.

[EU] EUROPEAN UNION (2013), *General Union Environment Action Programme to 2020 ‘Living well, within the limits of our planet’*. Decision No 1386/2013/EU of the European Parliament and of the Council, Official Journal of the European Union, L 354/171, 28.12.2013.

[EUGO] EUROPEAN URBAN GARDEN OTESHA (2012), *State of the art of urban gardens in Europe*. Grundtvig Multilateral Project, Lifelong Learning Programme of the European Union.

[FAO] FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (2007), *Report – International Conference on Organic Agriculture and Food Security*. FAO, Rome, OFS/2007/REP.

[FAO] FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (2012), *Growing greener cities*. Programme for Urban and Peri-urban Horticulture, AGP, FAO, Rome, I1610E/1/6.10/1000.

FERREIRA, Cristina (2017), *Avaliação do impacto das ações de formação em agricultura biológica na Lipor*, Tese de mestrado, Ponte de Lima, Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

GHOSE, R.; PETTYGROVE, M. (2014), “Urban community gardens as spaces of citizenship”, *Antipode*, n.º 46 (4), p. 1092-1112.

HAWKINS, J.L.; THIRLAWAY, K.J.; BACKX, K.; CLAYTON D.A. (2011), “Allotment gardening and other leisure activities for stress reduction and healthy aging”, *HortTechnology*, n.º 21 (5), p. 557-585.

HERZBERG, F. (1964), “The motivation-hygiene concept and problems of manpower”. *Personnel Administration*, 27(1), p. 3-7.

LEAL, Duarte (2014), *O povoamento neo-rural em Portugal Continental: riscos e oportunidades para o planeamento do espaço rural*, Tese de mestrado, Lisboa, Instituto Superior Técnico de Lisboa.

LIMA, A.V. (1985), “O rendimento em Portugal ao longo da última década”, *Análise Social*, n.ºs 87/88/89, p. 499-526.

MASLOW, A. H. (1943), “A theory of human motivation”, *Psychological Review*, 50(4), 370-396. DOI: <<http://dx.doi.org/10.1037/h0054346>>.

MAZOYER, M.; ROUDART, L. ([2002]2009), *História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea*. São Paulo, Brasília, Ed. UNESP.

MOURÃO, I.; MOREIRA, M.C.; ALMEIDA, T.C.; BRITO, L.M. (2019), “Perceived changes in well-being and happiness with gardening in urban organic allotments in Portugal”, *International Journal of Sustainable Development & World Ecology*, n.º 26 (1), p. 79-89.

PARENTE, Cristina, SANTOS, Rui e RAMOS, Madalena (2019), “Motivações e repercussões da formação em agricultura biológica em contexto urbano: uma abordagem sociológica”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 110-130.

- OKVAT, H.A.; ZAUTRA, A.J. (2011), “Community gardening: A parsimonious path to individual, community, and environmental resilience”, *American Journal of Community Psychology*, n.º 47, p. 374-387.
- PARTALIDOU, M.; ANTHOPOULOU, T. (2017), “Urban allotment gardens during precarious times: from motives to lived experiences”, *Sociologia Ruralis*, n.º 57, p. 211-228.
- PITMAN, S.D.; DANIELS, C.B.; SUTTON, P.C. (2017), “Characteristics associated with high and low levels of ecological literacy in a western society”, *International Journal of Sustainable Development & World Ecology*, 25 (3), 227-237.
- POULSEN, M.N. *et al.* (2014), “Growing an urban oasis: A qualitative study of the perceived benefits of community gardening in Baltimore, Maryland”, *Culture, Agriculture, Food and Environment*, n.º 36 (2), p. 69-82.
- SCHMUTZ, U. *et al.* (2014), “The benefits of gardening and food growing for health and wellbeing”, *Growing Health*, Garden Organic and Sustain, p. 45.
- SMITH, G.; ARCHER, R.; NANDWANI, D.; LI, J. (2017), “Impacts of urbanization: Diversity and the symbiotic relationships of rural, urban, and spaces in-between”, *International Journal of Sustainable Development & World Ecology*, n.º 25 (3), p. 276-289.
- STIGLITZ, J.E.; SEN, A.K.; FITOUSSI, J.P. (2009), *The measurement of economic performance and social progress revisited: Reflections and Overview*. Paris. Sciences Po publications.
- TRUNINGER, M. (2010), *O Campo Vem à Cidade: Agricultura Biológica, Mercado e Consumo Sustentável*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- TUOMISTO, H. L.; HODGE, I. D.; RIORDAN, P.; MACDONALD, D. W. (2012), “Does organic farming reduce environmental impacts? A meta-analysis of European research”, *Journal of Environmental Management*, n.º 112, p. 309-320.
- WHELAN, D.C.; ZELENSKI, J.M. (2012), “Experimental evidence that positive moods cause sociability”, *Social Psychological and Personality Science*, n.º 3, p. 430-437.

Cristina Parente. (autora de correspondência). Professora Associada do Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Porto, Portugal). Investigadora Integrada do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (Porto, Portugal). Endereço de correspondência: Via Panorâmica s/n, 4150-564 Porto. E-mail: cparente@letras.up.pt. –

Rui Santos. Técnico Superior de Sociologia na Câmara Municipal de Santo Tirso (Santo Tirso, Portugal). Investigador colaborador do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (Porto, Portugal). Endereço de Correspondência: Câmara Municipal de Santo Tirso, Praça 25 de Abril, s/n, 4780-373 Santo Tirso, Portugal. E-mail: rsantos@cm-stirso.pt; rsantos@letras.up.pt.

PARENTE, Cristina, SANTOS, Rui e RAMOS, Madalena (2019), “Motivações e repercussões da formação em agricultura biológica em contexto urbano: uma abordagem sociológica”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXVIII, pp. 110-130.

Madalena Ramos. Professora Associada do Departamento de Métodos de Pesquisa Social do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa (Lisboa, Portugal). Investigadora Integrada do CIES-IUL (Lisboa, Portugal). Endereço de correspondência: Avenida das Forças Armadas, s/n, 1649-026 Lisboa, Portugal. Email: madalena.ramos@iscte-iul.pt.

Artigo recebido em 12 de setembro de 2019. Aprovada a publicação em 3 de dezembro de 2019.

SUMÁRIOS DOS NÚMEROS ANTERIORES

N.º XXV, JANEIRO-JUNHO 2013

EDITORIAL

ARTIGOS

A mudança em Portugal, nos romances de Lídia Jorge: esboço de interpretação sociológica de uma interpretação literária

Augusto Santos Silva

Trabalho, Qualificação, Poder e Precariedade: uma abordagem dinâmica à estruturação dos modelos produtivos, a partir de um estudo de caso da profissão científica

Alfredo Campos

Desigualdades sociais e ação coletiva nas sociedades contemporâneas: a fecundidade teórica de Pierre Bourdieu e de Nicos Mouzelis

Nuno Nunes

Uma proposta multidisciplinar para o entendimento da centralidade urbana como facto social total

Adriano Zilhão

Propagandas e blogues como narrativas de políticas urbanas na cidade de Almada

Roselane Gomes Bezerra

A celebridade pós-moderna da solidão plural e da banalidade pública

Paulo Barroso

A política de *classe* na economia do Estado Novo: a burguesia como classe beneficiária

João Valente Aguiar

A inovação social como utopia renovada: o caso da Associação Humanitária Habitat

Vera Diogo e Paula Guerra

Para uma gramática museológica do (re)conhecimento: ideias e conceitos em torno do inventário participado

Lorena Sancho Querol

Incerteza e redefinições do trabalho médico: um estudo de caso sobre o aconselhamento genético no cancro hereditário

Hélder Raposo

RECENSÃO

Recensão crítica do livro *Des bons voisins. Enquête dans un quartier de la bourgeoisie progressiste*

Tiago Castro Lemos

N.º XXVI, JULHO-DEZEMBRO 2013

EDITORIAL

ARTIGOS

Toward a Sociology of Wealth: definitions and historical comparisons

Richard Lachmann

Principais estádios evolutivos da sociologia em Portugal

Hernâni Veloso Neto

Condomínios habitacionais fechados: (im)precisões conceptuais. Apontamentos para um debate sobre urbanidade e autonomia, segregação e qualidade de vida

Marta Martins

Análise comparativa dos divórcios em casais nacionais e binacionais em Portugal (2001-2010)

Sofia Gaspar, Madalena Ramos e Ana Cristina Ferreira

Carreira, arte feminista e mecenato: uma abordagem à dimensão económica do circuito artístico principal sob uma perspetiva de género

Rui Pedro Fonseca

Os movimentos sociais e a crítica epistemológica ao local de produção do conhecimento científico

Caetano De' Carli e Elizardo Scarpati Costa

As Paneleiras de Goiabeiras e a dinâmica da Cultura do Barro

Marcelo de Souza Marques e Vinicius de Aguiar Caloti

FÓRUM

The Vale do Amanhecer. Healing and spiritualism in a globalized brazilian new religious movement

Massimo Introvigne

Panoramas umbrais da modernidade: autoidentidade e o *dissensu* matrimonial em Anthony Giddens

Antônio Augusto Oliveira Gonçalves e Daniella Santos Alves

Implantação geográfica dos portugueses em França: evolução observada entre 1990 e 2009

Jorge Portugal Branco

RECENSÃO

Recensão crítica do livro *Portugal nas Transições – O Calendário Português desde 1950*

Miguel Quaresma Brandão

N.º XXVII, JANEIRO-JUNHO 2014

EDITORIAL

ARTIGOS

A nova morfologia do trabalho e as formas diferenciadas da reestruturação produtiva no Brasil dos anos 1990

Ricardo Antunes

Trabalho e processos de marginalização social no século XXI: aproximações teóricas e dados estatísticos

Agostinho Rodrigues Silvestre e Luís Fernandes

Diplomados do ensino superior e posicionamentos avaliativos

Luísa Pinheiro

Participação associativa dos investigadores científicos em Portugal

Luís Junqueira, Ana Delicado, Raquel Rego e Cristina Palma Conceição

A economia social como setor empregador nos distritos de Viseu e da Guarda

Maria Teresa de Sousa e Ilona Kovács

Autonomia, autoridade e confiança em tempo de novas TIC: atitudes e práticas diferenciadas entre os alunos do secundário

Nuno Ferreira

Deambulações exploratórias no Centro Histórico de Guimarães – pontos de chegada sociológicos num estudo multidisciplinar

Natália Azevedo e Raquel Cadilhe Pereira

N.º XXVIII, JULHO-DEZEMBRO 2014

EDITORIAL

ARTIGOS

Política e Administração: em que medida a atividade política conta para o exercício de um cargo administrativo

João Bilhim

Para uma história operária do capital: classe, valor e conflito social

Ricardo Noronha

Da *Geração à Rasca* ao *Que se Lixe a Troika*. Portugal no novo ciclo internacional de protesto

José Soeiro

Rituais Familiares: Práticas e Representações Sociais na Construção da Família Contemporânea

Rosalina Costa

Padrões de mudança de casa e eventos de vida: uma análise das carreiras habitacionais

Magda Nico

A fotografia como retrato da sociedade

Ana Rita Bastos

Narrativas das relações entre o Estado e as organizações do terceiro setor: algumas pistas de análise

Paula Guerra e Mónica Santos

A Socialização Antecipatória para a Profissão Docente: estudo com Estudantes de Educação Física

Patrícia Gomes, Paula Queirós e Paula Batista

Fundos de conhecimento e egoredes: traduzindo uma abordagem teórico-metodológica

Filipa Ribeiro

TEXTOS

Contributos para a definição de uma visão estratégica na construção de um percurso profissional de sucesso

Rui Santos

N.º XIX, JANEIRO-JUNHO 2015

EDITORIAL

ARTIGOS

Uma etnografia das práticas e dos processos de produção de conhecimento em empresas e laboratórios

Luísa Veloso, Joana Lucas e Paula Rocha

Reverberações da medicalização: paisagens e trajetórias informacionais em consumos de performance

Telmo Costa Clamote

Pressupostos para a construção de uma sociologia das redes sociais

Joaquim Fialho

Redes sociais no recrutamento de imigrantes: fundamentos teóricos de uma proposta de explicação

Filipa Pinho

Das tensões entre desmistificar e reconhecer os discursos ao repensar o “social”: manifesto por uma sociologia eclética

Pedro dos Santos Boia

Espaços públicos: interações, apropriações e conflitos

Luciana Teixeira de Andrade e Luís Vicente Baptista

RSI, tolerância zero: o embrutecimento do estado

Ricardo Sá Ferreira

Os menores estrangeiros isolados ou não acompanhados em França e Portugal: a “batata quente”

Vítor Rosa

RECENSÃO

Recensão crítica da obra *De l'artification. Enquêtes sur le passage à l'art*

Natália Azevedo

N.º XXX, JULHO-DEZEMBRO 2015

EDITORIAL

ARTIGOS

Texturas, ou sobre os efeitos sociais das artes

Sara Melo

Palcos de inovação social: atores em movimento(s)

Ana Alves da Silva e Joana Almeida

O ensino público no olhar das elites escolares: representações sociais dos agentes educativos de dois colégios privados

Maria Luísa Quaresma

Da saúde e bem-estar/mal-estar ao termalismo

Maria Engrácia Leandro e Ana Sofia da Silva Leandro

Governança, participação e desenvolvimento local

Isabel Ferreira

Acidentes com tratores agrícolas e florestais: aprender para prevenir

Carlos Montemor, Luísa Veloso e João Areosa

A insustentável sustentabilidade das previsões económicas: reflexividade, etnoeconomia e neoliberalismo

Fernando Ampudia de Haro

N.º XXXI, JANEIRO - JUNHO 2016

EDITORIAL

ARTIGOS

Précarités: les effets de la rupture du lien social

Augusto Santos Silva

Políticas de reabilitação urbana e recomposição do tecido social no centro histórico do Porto: representações e discursos de moradores sobre a respetiva evolução recente

João Queirós

Conceitos e métodos para a avaliação de programas sociais e políticas públicas

Mauro Serapioni

Diferenças nas perceções dos valores organizacionais dos candidatos a cargos de direção superior na Administração Central do Estado

João Abreu de Faria Bilhim, Pedro Miguel Alves Ribeiro Correia

O Catolicismo nos Contextos e Circunstâncias da Modernidade em Cabo Verde

Adilson Filomeno Carvalho Semedo

Comment les psychiatres se représentent-ils aujourd'hui "la" maladie mentale?

Caroline Guibet Lafaye

ENSAIO BIBLIOGRÁFICO

Notas sobre a dominação social em António Gramsci e Pierre Bourdieu

Marcello Felisberto Morais de Assunção

N.º XXXII, JULHO - DEZEMBRO DE 2016

Carreiras e circuitos de músicos brasileiros: uma exploração etnográfica no Bairro Alto, Lisboa

Ricardo Bento, Graça Índias Cordeiro, Lúcia Ferro

Consumo sustentável e ambiente: o papel do Estado e das políticas públicas na inculcação de disposições ambientalistas

Isabel Silva Cruz

A gestão de recursos humanos nas Organizações Não Governamentais de Cooperação para o Desenvolvimento portuguesas: uma análise interpretativa exploratória

Vanessa Marcos

Modèles de représentation sur la parentalité sociale du point de vue des jeunes portugais

Cristina Cunha Mocetão

Inserção profissional dos licenciados em Direito: da formação académica ao acesso às profissões reguladas

Mónica Santos

Narrativas acerca da formação de professores de Educação Física em contexto de prática supervisionada

Inês Cardoso, Paula Batista, Amândio Graça

A Ciência Biomédica e o Processo Civilizador

Bruna de Farias, Mari Cleise Sandalowski

RECENSÃO

Recensão da obra de FREIRE, André (Org.), (2015), *O Futuro da Representação Política Democrática*, Lisboa, Nova Vega.

Carolina Pimentel Corrêa

N.º XXXIII, JANEIRO – JUNHO DE 2017

Dulce Magalhães: marcas de um percurso

Os primórdios da economia social em Portugal. Contributos de Ramón de la Sagra
(I Parte)

Jordi Estivill

A typology of professional situations in the analysis of graduate transition from higher education to the labor market

Madalena Ramos, Cristina Parente, Mónica Santos, Miguel Chaves

Atitudes sociais face ao trabalho por conta própria em tempos de crise: da valorização do trabalho por conta própria a um retraimento da iniciativa empresarial

Ana Isabel Couto

Proposta de modelo explicativo das perceções sobre gestão e políticas públicas em matéria de cibersegurança e cibercrime

*Pedro Miguel Alves Ribeiro Correia, Susana Isabel da Silva Santos,
João Abreu de Faria Bilhim*

A Vigilância Lateral e Participativa na Web 2.0

Rita Espanha, Tiago Estêvão

O Projeto *Orquestra Geração*. A duplicidade de um *evento* musical/social

Jorge Alexandre Costa, Graça Mota, Ana Isabel Cruz

Ciências sociais, arquivos e memórias: considerações a propósito das culturas musicais urbanas contemporâneas

Pedro Quintela, Paula Guerra

N.º XXXIV, JULHO – DEZEMBRO DE 2017

EDITORIAL

ARTIGOS

Os primórdios da economia social em Portugal. Contributos de Ramón de la Sagra (II Parte)

Jordi Estivill

Proletários ou profissionais? A condição do jornalista durante o Estado Novo (1934-1958)

José Nuno Matos

Comunicação interna e comprometimento organizacional: o caso da Autoridade para as Condições do Trabalho

Cátia Filipa Neto, Sofia Alexandra Cruz

As camadas internas da secularização: proposta de sistematização de um conceito essencialmente contestado

Jorge Botelho Moniz

O bem-estar das crianças e dos jovens em Portugal: contributos de uma pesquisa qualitativa

Magda Nico, Nuno de Almeida Alves

The Sámi Library, North of the North: colonialism, resistance and reading in a public library

Paula Sequeiros

RECENSÃO

MOTA, Graça e TEIXEIRA LOPES, João (Orgs.), (2017) *Crescer e tocar na Orquestra Geração*, Vila do Conde, Verso da História.

Irene Serafino

N.º XXXV, JANEIRO – JUNHO DE 2018

EDITORIAL

ARTIGOS

Perfis sociodemográficos da população sénior de Vila Nova de Gaia: de privilegiados, a remediados e excluídos

Hélder Alves; Idalina Machado; Sidalina Almeida; Joana Guedes; Adriano Zilhão; Óscar Ribeiro

Famílias em tempos de crise: a regulação judicial do exercício das responsabilidades parentais

Paula Casaleiro; Andreia Santos

As implicações dos indicadores de desempenho contratualizados na prática clínica da Medicina Geral e Familiar: um modelo profissional em mutação?

Hélder Raposo

A Composição Sociopolítica do Legislativo Brasileiro: uma análise da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (2004-2015)

Carolina Pimentel Corrêa

O impacto dos determinantes da inovação na geração de ideias no Ensino Superior: a perceção dos estudantes como evidência

Pedro Miguel Alves Ribeiro Correia; Ireneu de Oliveira Mendes

Nas teias da construção identitária socioprofissional: práticas profissionais de trabalhadores sociais pós-graduados inseridos em organizações da economia social

Vera Diogo

Mundo do trabalho e pluralidade epistemológica: uma contribuição para o estudo da precariedade

Elizardo Scarpati Costa; Pablo Almada

N.º XXXV, JULHO-DEZEMBRO - 2018

EDITORIAL

ARTIGOS

Desvendando a praxe: desafios de uma incursão etnográfica

Inês Maia

Trabalho e educação de adultos em Portugal: uma perspetiva histórica de 1945 à Revolução dos Cravos

Rui Canário

A Igreja Universal do Reino de Deus no espaço público religioso global

Ari Pedro Oro e Marcelo Tadvald

Papel da Sociedade Civil em prol da Boa Governação – o caso de Moçambique

Pedrito Carlos Chiposse Cambrão

Ciência à medida: conflitos de interesse e interferência na investigação científica financiada

Rita Faria

Conhecer doença: os doentes em primeiro lugar

Paula Silva

Alianças e conflitos nos segmentos artísticos relativamente especializados: o caso do rock independente de Teresina no início do século XXI

Thiago Meneses Alves

NÚMERO TEMÁTICO | 2016 - Famílias e Curso de Vida. Potencialidades, limites e desafios metodológicos

EDITORIAL

NOTA DE APRESENTAÇÃO

ARTIGOS

Conceptual foundations of qualitative life course research

Walter R. Heinz

A pluralização limitada de trajetórias familiares em Portugal

Vasco Ramos

O mundo aos nossos olhos: socialização familiar e reflexividade

Ana Caetano

A seu tempo: um estudo sobre transições familiares precoces em Portugal no contexto

Europeu

Diana Carvalho

A família conta: ilustrações a partir do fado

Ana Gonçalves

Quantas vidas cabem numa vida? Da autobiografia de 52 trabalhadores ao caso de um funcionário administrativo

Pedro Abrantes

Redes pessoais em Portugal numa perspetiva do percurso de vida

Rita Gouveia

NÚMERO TEMÁTICO | 2017 - Processos sociais e questões sociológicas

EDITORIAL

NOTA DE APRESENTAÇÃO

Bruno Monteiro, Ester Silva e Idalina Machado

ARTIGOS

A religião na cidade: territórios, materialidades e comunicação

Helena Vilaça

Artes e inclusão social: projetos e ações enquanto experiências metodológicas

Natália Azevedo

Diplomados universitários e sobre-educação

Carlos Manuel Gonçalves

Ensino politécnico, empreendedorismo e transição para o trabalho

Luís Nuno Sousa

“Terceiro setor”, “economia social” e “economia solidária”: laboratório por excelência de inovação social

Naldeir dos Santos Vieira, Cristina Parente, Allan Claudius Queiroz Barbosa

Perfis de profissionalização: um contributo sociológico para a compreensão das ONGD portuguesas

Vanessa Marcos

NÚMERO TEMÁTICO | 2018 - Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos

EDITORIAL

NOTA DE APRESENTAÇÃO. A ambivalência do turismo na transformação das cidades

João Teixeira Lopes; Helena Vilaça; Natália Azevedo

ARTIGOS

Mobilidade, Cidade e Turismo: pistas para analisar as transformações em curso
no centro histórico de Lisboa

Luís Vicente Baptista; Jordi Nofre; Maria do Rosário Jorge

A cidade imaginável: elementos para uma viagem visual e sensorial na cidade do Porto

Diogo Guedes Vidal

La ciudad y el turismo. Experiencias desde la gestión del *street art*

Ricardo Klein

The touristic Porto – gazing over the city

Tiago Miranda

Entre o fazer etnográfico e o fazer psicanalítico: reflexões sobre a “escuta” da população
sem-abrigo na rua de Cimo de Vila da Cidade do Porto

Julio Cesar Nicodemos; Lúcia Ferro

ESTATUTO EDITORIAL

A *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, da responsabilidade do Departamento de Sociologia, iniciou a sua edição em 1991, na sequência da criação da Licenciatura em Sociologia, em 1985, e do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, três anos depois.

Na qualidade de revista científica, tem como objetivo principal a divulgação de trabalhos de natureza sociológica que primam pela qualidade e pela relevância, em termos teóricos e empíricos. É, igualmente, um espaço que inclui os contributos provenientes de outras áreas disciplinares das ciências sociais. Prossegue uma linha editorial alicerçada na diversidade teórica e metodológica, no confronto vivo e enriquecedor de perspetivas, no sentido de contribuir para o avanço e para a sedimentação em particular do conhecimento sociológico.

A Revista aceita trabalhos de diversa natureza – artigos, resenhas, notas de investigação e ensaios bibliográficos – e em várias línguas como o português, francês, inglês e espanhol, o que visa alcançar um amplo campo de difusão e de internacionalização. Os trabalhos são avaliados por especialistas em regime de duplo anonimato. Publica-se semestralmente e com um número temático todos os anos.

A *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* está empenhada em assegurar a qualidade dos textos que publica e o cumprimento pelos intervenientes de uma postura que siga os princípios éticos exigidos para a edição de textos científicos. Serão respeitadas as normas do Committee on Publication Ethics (COPE) e da Associação Portuguesa de Sociologia (APS).

Responsabilidade dos autores:

- deverão garantir que os textos que submetem são originais, assumindo que não foram publicados – qualquer que tenha sido a sua forma de apresentação – e que não foram submetidos simultaneamente noutra publicação;
- deverão assegurar que o texto apresentado não é o resultado de uma prática de plágio ou de uma apropriação de criações intelectuais de outros autores sem o seu

consentimento legal, sendo que ambos se constituem como práticas eticamente inaceitáveis;

- deverão assegurar previamente a permissão para a utilização de conteúdos provenientes de outras fontes;
- sempre que os artigos surjam como resultado de investigações, a metodologia deverá ser descrita de forma clara e inequívoca, para que as conclusões obtidas possam ser objeto de avaliação. Igualmente deverão indicar as referências usadas e os suportes de financiamento;
- nenhum dos dados ou resultados apresentados deverá ser alvo de falsificação ou distorção intencional, de forma a ir ao encontro de uma determinada linha orientadora do trabalho ou às hipóteses de investigação previamente delineadas;
- deverão indicar possíveis conflitos de interesses que poderão ocorrer no processo de avaliação;
- deverão participar ativamente no processo de revisão em colaboração com o editor;
- todas as informações curriculares prestadas deverão ser verdadeiras. Na autoria deverão ser incluídas todas as pessoas que deram o seu contributo tanto na conceção e planificação do trabalho, como na interpretação dos resultados e na elaboração do texto;
- no caso dos artigos escritos em coautoria, o autor de correspondência deverá garantir um consenso pleno na aprovação da versão final do texto e na sua submissão para publicação.

Responsabilidade dos avaliadores:

- assumir o compromisso de empreender uma avaliação crítica, construtiva, justa e imparcial, contribuindo para a qualidade científica do texto;
- não aceitar elaborar um parecer sobre um texto cujo tema ultrapassa as suas competências ou se verificar a existência de um conflito de interesses que impeça de realizar a avaliação;
- nos casos em que o avaliador considere que o texto deverá ser modificado, todas as alterações a implementar deverão ser devidamente apresentadas e justificadas;
- sempre que o avaliador detetar a existência de um texto que já tenha sido publicado, na íntegra ou em parte, ou que tenha sido submetido em simultâneo

noutra publicação, ou então que não esteja de acordo com as normas éticas de publicação deverá comunicá-lo à Direção da revista.

Responsabilidade do editor:

- garantir uma posição de isenção e objetiva na avaliação dos textos, atendendo unicamente ao seu mérito científico. Respeitar a liberdade científica dos autores;
- garantir que todos os textos serão tratados de forma confidencial e que serão selecionados avaliadores o mais idóneos possível, que empreendam uma avaliação crítica e especializada dos textos submetidos para publicação;
- assegurar que o processo de avaliação decorrerá em regime de duplo anonimato e que os nomes e endereços apresentados na revista serão exclusivamente utilizados para os serviços por esta prestados, não sendo utilizados para outras finalidades ou fornecidos a terceiros;
- as alegações de plágio ou de uso indevido de textos publicados serão devidamente investigadas. Todos os textos submetidos para publicação serão sujeitos a uma verificação minuciosa para deteção de plágio. Nos casos em que o mesmo seja detetado ou em que se verifique a utilização de textos de outros autores sem autorização prévia dos mesmos, reserva-se o direito de tomar as medidas em conformidade.

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO E PUBLICAÇÃO

– INSTRUÇÕES PARA OS AUTORES –

1. Os autores devem indicar a natureza do seu texto: artigos, resenhas, notas de investigação e ensaios bibliográficos.
2. Os textos devem incluir as respectivas autorias, indicando os seguintes aspetos: nome do autor; filiação institucional (departamento, faculdade e universidade/instituto a que pertence, bem como a cidade e o país onde se localiza a instituição); correio eletrónico; contacto telefónico; endereço de correspondência (preferencialmente endereço institucional; no caso dos artigos em coautoria, deve existir apenas um autor de correspondência).
3. Os textos devem ser redigidos em páginas A4 com margem normal, a espaço e meio, tipo de letra *Times New Roman* e corpo de letra 12, em formato *Word for Windows* ou compatível. As notas de rodapé devem ser redigidas com corpo de letra 10 e espaçamento de 1,15. O mesmo espaçamento deve ser utilizado nos quadros, os quais devem ser redigidos com corpo de letra 11.
4. O limite máximo de dimensão dos artigos é de 50.000 caracteres, incluindo resumos, palavras-chave, espaços, notas de rodapé, referências bibliográficas, quadros, gráficos, figuras e fotografias. As resenhas não devem ultrapassar os 8.000 caracteres, incluindo espaços; as notas de investigação e ensaios bibliográficos, os 20.000 caracteres, incluindo espaços.
5. O título completo do texto deve ser apresentado em português, francês, espanhol e inglês. O artigo deve ser acompanhado por um resumo de 600 caracteres (máximo), redigido em cada uma destas línguas, bem como por 3 palavras-chave.
6. Os quadros, gráficos, figuras e fotografias devem ser em número reduzido, identificados com numeração contínua e acompanhados dos respetivos títulos e fontes e apresentados a preto e branco ou em tons de cinzento. Estes elementos não podem ter uma largura superior à do corpo do texto. O Conselho de Redação reserva-se o direito de não aceitar elementos não textuais cuja realização implique excessivas dificuldades gráficas ou um aumento dos custos financeiros.

7. Os textos terão de indicar claramente as fontes e referências, de natureza diversa, respeitante aos elementos não originais. Se existirem direitos de propriedade intelectual, os autores terão de solicitar as correspondentes autorizações. A *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* não se responsabiliza pelo incumprimento dos direitos de propriedade intelectual.
8. As referências bibliográficas e citações serão incluídas no corpo do texto, de acordo com a seguinte apresentação: Lima, 2005; Lima (2005); Lima (2005: 35); Lima *et al.* (2004).
9. Nas notas de rodapé devem utilizar-se apenas números. A numeração das notas deve ser contínua do princípio ao fim do texto.
10. Nos artigos, sugere-se a utilização de, no máximo, dois níveis de titulação, com numeração árabe.
11. As citações devem ser apresentadas em português, nos casos em que o texto original esteja nesta língua, e entre aspas. Os vocábulos noutras línguas, que não a portuguesa, devem ser formatados em itálico.
12. Apenas as referências citadas ou mencionadas ao longo do texto deverão ser incluídas na bibliografia final. As referências bibliográficas devem obedecer às seguintes orientações:
- a) Livro com um autor: LUHMANN, Niklas (1990), *Essays on self-reference*, New York, Columbia University Press.
 - b) Livro com mais de um autor: BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas (2004), *A construção social da realidade: um livro sobre sociologia do conhecimento*, Lisboa, Dinalivro.
 - c) Livro com mais de quatro autores: ALMEIDA, João Ferreira *et al.* (1992), *Exclusão social: Factores e tipos de pobreza em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.
 - d) Capítulo em livro: GOFFMAN, Erving (1999), “A ordem da interação”, in Yves Winkin (org.), *Os momentos e seus homens*, Lisboa, Relógio d’Água, pp. 99-107.
 - e) Artigo em publicação periódica: FERNANDES, António Teixeira (1991), “Formas e mecanismos de exclusão social”, *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, vol. I, pp. 9-66.
 - f) Artigo em publicação periódica *online*: FERNANDES, António Teixeira (1991), “Formas e mecanismos de exclusão social”, *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, vol. I, pp. 9-66, [Consult. a 15.07.2014]. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo3031.pdf>>.

g) Publicações *online*: PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS (2011), *Programa do XIX Governo Constitucional português*, [Consult. a 15.07.2014]. Disponível em: <http://www.portugal.gov.pt/media/130538/programa_gc19.pdf>.

h) Comunicações em eventos científicos: QUINTÃO, Carlota (2004), “Terceiro Sector – elementos para referência teórica e conceptual”, in *V Congresso Português de Sociologia. Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção*, Braga, Universidade do Minho, 12-15 Maio 2004.

i) Teses: CARVALHO, Paula (2006), *Percursos da construção em Lisboa. Do Cine-Teatro Monumental ao Edifício Monumental: Estudo de caso*, Tese de Licenciatura em Sociologia, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

j) Legislação: Lei n.º 147/99, de 1 de setembro, *Lei de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo*.

13. As referências bibliográficas devem ser colocadas no fim do texto e ordenadas alfabeticamente pelo apelido do autor. Caso exista mais do que uma referência com a mesma autoria, estas devem ser ordenadas da mais antiga para a mais recente.

14. Os textos devem obedecer ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde o dia 1 de janeiro de 2009. Não obstante, as citações de textos anteriores ao acordo devem respeitar a ortografia original.

15. Os originais devem ser enviados por correio eletrónico para:
revistasociologia@letras.up.pt